

CLEBER BIANCHESSI
ORGANIZADOR



ESTUDOS SOBRE LETRAS, LINGUÍSTICA E ARTES



**Ensino, Pesquisa
e Práticas – Vol. 9**



ESTUDOS SOBRE LETRAS, LINGUÍSTICA E ARTES

Ensino, Pesquisa e Práticas – Vol. 9





AValiação, Parecer e Revisão por Pares

Os textos que compõem esta obra foram avaliados por pares e indicados para publicação.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Bibliotecária responsável: Maria Alice G. Benevides CRB-1/5889

E26 Diálogo das letras, linguística e artes: estudos sob diversos
 olhares e análises – Vol. 9 [recurso eletrônico] / [org.] Cleber
 Bianchessi. – 1.ed. – Curitiba-PR, Editora Bagai, 2025, 117p.
 Recurso digital
 Formato: e-book
 Acesso em www.editorabagai.com.br
 ISBN: 978-65-5368-586-4
 1. Letras. 2. Estudos. 3. Ensino. 4. Diversos olhares.
 I. Bianchessi, Cleber.

CDU 37.01

CDD 410

Índice para catálogo sistemático:
1. Linguística: Letras; Diversos olhares; Estudos.

 <https://doi.org/10.37008/978-65-5368-586-4.10.07.25>

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem autorização prévia da Editora BAGAI por qualquer processo, meio ou forma, especialmente por sistemas gráficos (impressão), fonográficos, microfílmicos, fotográficos, videográficos, reprográficos, entre outros. A violação dos direitos autorais é passível de punição com crime (art. 184 e parágrafos do Código Penal) com pena de multa e prisão, busca e apreensão e indenizações diversas (arts. 101 a 110 da Lei 9.610 de 19.02.1998, Lei dos Direitos Autorais).

Este livro foi composto pela Editora Bagai.



www.editorabagai.com.br



[/editorabagai](https://www.instagram.com/editorabagai)



[/editorabagai](https://www.facebook.com/editorabagai)



contato@editorabagai.com.br

Cleber Bianchessi
Organizador

ESTUDOS SOBRE LETRAS, LINGUÍSTICA E ARTES

Ensino, Pesquisa e Práticas – Vol. 9



1.ª Edição – Copyright© 2025 dos autores.
Direitos de Edição Reservados à Editora Bagai.

O conteúdo de cada capítulo é de inteira e exclusiva responsabilidade do(s) seu(s) respectivo(s) autor(es).
As normas ortográficas, questões gramaticais, sistema de citações e referencial bibliográfico são prerrogativas de cada autor(es).

<i>Editor-Chefe</i>	Prof. Dr. Cleber Bianchessi
<i>Revisão</i>	Os autores
<i>Capa</i>	MARB
<i>Diagramação</i>	Luciano Popadiuk
<i>Conselho Editorial</i>	Dr. Adilson Tadeu Basquerote – UNIDAVI Dr. Anderson Luiz Tedesco – UNOESC Dra. Andréa Cristina Marques de Araújo - CESUPA Dra. Andréia de Bem Machado – UFSC Dra. Andressa Grazielle Brandt – IFC - UFSC Dr. Antonio Xavier Tomo - UPM - MOÇAMBIQUE Dra. Camila Cunico – UFPB Dr. Carlos Alberto Ferreira – UTAD - PORTUGAL Dr. Carlos Luís Pereira – UFES Dr. Claudino Borges – UNIPAGET – CABO VERDE Dr. Cleidione Jacinto de Freitas – UFMS Dra. Clélia Peretti – PUC-PR Dra. Dalia Peña Islas - Universidad Pedagógica Nacional - MÉXICO Dra. Daniela Mendes V da Silva – SEEDUCRJ Dr. Deivid Alex dos Santos - UEL Dra. Denise Rocha – UFU Dra. Elisa Maria Pinheiro de Souza – UEPA Dra. Elisângela Rosemeri Martins – UESG Dra. Elnora Maria Gondim Machado Lima - UFPI Dr. Ernane Rosa Martins – IFG Dra. Flavia Gaze Bonfim – UFF Dr. Francisco Javier Cortazar Rodríguez - Universidad Guadalajara – MÉXICO Dr. Francisco Odécio Sales - IFCE Dra. Geuciane Felipe Guerim Fernandes – UENP Dr. Helder Rodrigues Maiunga - ISCED-HUILA - ANGOLA Dr. Helio Rosa Camilo – UFAC Dra. Helisamara Mota Guedes – UFVJM Dr. Humberto Costa – UFRR Dra. Isabel Maria Esteves da Silva Ferreira – IPPortalegre - PORTUGAL Dr. João Hilton Sayeg de Siqueira – PUC-SP Dr. João Paulo Roberti Junior – UFRR Dr. Joao Roberto de Souza Silva - UPM Dr. Jorge Carvalho Brandão – UFC Dr. Jose Manuel Salum Tome, PhD – UCT - Chile Dr. Juan Eligio López García – UCF-CUBA Dr. Juan Martín Ceballos Almeraya - CUIM-MÉXICO Dr. Juliano Milton Kruger - IFAM Dra. Karina de Araújo Dias – SME/PMF Dra. Larissa Warnavin – UNINTER Dr. Lucas Lenin Resende de Assis - UFPA Dr. Luciano Luz Gonzaga – SEEDUCRJ Dra. Luísa Maria Serrano de Carvalho - Instituto Politécnico de Portalegre/CIEP-UE - POR Dr. Luiz M B Rocha Menezes – IFTM Dr. Magno Alexon Bezerra Seabra - UFPB Dr. Marciel Lohmann – UEL Dr. Márcio de Oliveira – UFAM Dr. Marcos A. da Silveira – UFPR Dra. Maria Caridad Bestard González - UCF-CUBA Dra. Maria Lucia Costa de Moura – UNIP Dra. Marta Alexandra Gonçalves Nogueira - IPLEIRIA - PORTUGAL Dra. Nadja Regina Sousa Magalhães – FOPPE-UFSC/UFPEl Dr. Nicola Andrian - Associação EnARS, ITÁLIA Dra. Patricia de Oliveira - IF BAIANO Dr. Paulo Roberto Barbosa – FATEC-SP Dr. Porfirio Pinto – CIDH - PORTUGAL Dr. Rogério Makino – UNEMAT Dr. Reiner Hildebrandt-Stramann - Technische Universität Braunschweig - ALEMANHA Dr. Reginaldo Peixoto – UEMS Dr. Ricardo Cautica Ferreira - UNITEL - ANGOLA Dr. Ronaldo Ferreira Maganhotto – UNICENTRO Dra. Rozane Zaionz - SME/SEED Dr. Samuel Pereira Campos - UEPA Dr. Stelio João Rodrigues - UNIVERSIDAD DE LA HABANA - CUBA Dra. Sueli da Silva Aquino - FIPAR Dr. Tiago Tendai Chingore - UNILICUNGO – MOÇAMBIQUE Dr. Thiago Perez Bernardes de Moraes – UNIANDRADE/UK-ARGENTINA Dr. Tomás Raúl Gómez Hernández – UCLV e CUM – CUBA Dra. Vanessa Freitag de Araújo – UEM Dr. Walmir Fernandes Pereira – FLSHEP - FRANÇA Dr. Willian Douglas Guilherme – UFT Dr. Yoissell López Bestard- SEDUCRS

APRESENTAÇÃO

A presente obra é uma coletânea interdisciplinar que articula estudos em Letras, Linguística e Artes às práticas de ensino e pesquisa, propondo reflexões sobre os paradigmas tradicionais do processo educativo. Reunindo textos de distintos campos do saber e níveis de escolarização, os capítulos evidenciam a importância de abordagens integradoras que superem os limites disciplinares e favoreçam uma compreensão crítica e plural das práticas educacionais. A diversidade temática e metodológica revela a complexidade dos fenômenos linguísticos, literários, históricos e sociais, reafirmando o compromisso da obra com uma educação pautada na construção coletiva de saberes e na investigação transformadora.

Deste modo, o primeiro capítulo apresenta a contação de histórias como estratégia inclusiva para estudantes surdos. O segundo discute estereótipos escolares a partir de mecanismos linguísticos e simbólicos. Em seguida, os capítulos três e quatro abordam, respectivamente, metáforas em “Felicidade Clandestina”, de Clarice Lispector, e feminilidade em “A Redoma de Vidro”, de Sylvia Plath, sob o viés da psicanálise e do feminismo. O quinto capítulo propõe uma análise autoetnográfica da violência contra a mulher. O sexto expressa o monopólio marítimo colonial na África Alemã, com base na obra “Morenga”, de Uwe Timm. O sétimo discute a Trindade Social na Pastoral da Criança. Por fim, o oitavo capítulo relaciona Estado laico, arte e religião por meio da Bossa Nova e do Barroco.

Diante do exposto, a obra reafirma seu compromisso com uma educação crítica, inclusiva e transformadora, oferecendo subsídios teóricos e metodológicos para o enfrentamento de desafios contemporâneos e a construção de saberes conectados à realidade social.

Equipe editorial

SUMÁRIO

A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO FERRAMENTA DE ENSINO E APRENDIZAGEM PARA ESTUDANTES SURDOS	7
Camila de Carvalho Mendonça Assis Cristiane Rosa Lopes	
LINGUAGEM, REPRESENTAÇÃO E ESTEREÓTIPO: REFLEXÕES E EXEMPLOS PARA DEBATE EM SALA DE AULA	19
Daniela Jakubaszko	
A PRESENÇA DE MATRIZES METAFÓRICAS EM “FELICIDADE CLANDESTINA”, DE CLARICE LISPECTOR.....	35
Elielma do Socorro Lobo dos Santos Alana Corrêa Rodrigues Claudionilson Almeida Carvalho Deiseane Filocreão dos Santos	
“INERTE, VAZIA, REPLETA DE SONHOS DESPEDAÇADOS”: OS IDEAIS DE FEMINILIDADE ANIQUILADORES EM “A REDOMA DE VIDRO” DE SYLVIA PLATH UM ENSAIO À LUZ DA PSICANÁLISE E FEMINISMO	49
Lauren Assis Santana Barbara Breder Machado	
VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER: REFLEXÕES A PARTIR DE UMA AUTOETNOGRAFIA	63
Francielly Causthens Domingos Guimarães Márcio Evaristo Beltrão	
MONOPÓLIO MARÍTIMO COLONIAL: A FIRMA <i>WOERMANN</i> NA ÁFRICA ALEMÃ DO SUDOESTE (<i>MORENGA</i> (1978), DE UWE TIMM).....	75
Denise Rocha	
TRINDADE SOCIAL COMO MODELO NA PASTORAL DA CRIANÇA DA PARÓQUIA DE SÃO PEDRO EM IBIAPINA.....	89
Jacqueline de Brito César Francisco de Paulo Guimarães João Batista de Almeida da Mota	
O ESTADO LAICO NO BRASIL: DA MUSICALIDADE BOSSANOVISTA AO BARROCO.....	105
Yvisson Gomes dos Santos	
SOBRE O ORGANIZADOR	115
ÍNDICE REMISSIVO	116

A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO FERRAMENTA DE ENSINO E APRENDIZAGEM PARA ESTUDANTES SURDOS

Camila de Carvalho Mendonça Assis¹

Cristiane Rosa Lopes²

INTRODUÇÃO

O ser humano possui, desde a infância, um jeito peculiar de compreender o mundo, aprender e interagir socialmente. Nesse viés, as metodologias e recursos pedagógicos devem levar em consideração as múltiplas experiências de vida dos alunos, a fim de que sejam contextualizadas e tenham significado para os aprendizes. É nesse contexto reflexivo que a pesquisa *Educação de surdos/as: pedagogia insurgente em gretas autoetnográficas* foi desenvolvida, realizando as investigações no âmbito do Programa de Pós Graduação *Stricto Sensu* em Língua, Literatura e Interculturalidade, da Universidade Estadual de Goiás Câmpus Cora Coralina.

Este trabalho pretende, portanto, delinear discussões relativas às práticas pedagógicas fundamentadas na pedagogia visual para alunos surdos no contexto de ensino regular, com viés bilíngue. Tencionamos, então, discorrer especificamente sobre o ensino para surdos sob a perspectiva dos estudos culturais, por meio da contação de história, no ensino fundamental I. A questão posta para reflexão é a seguinte: a contação de história, por meio de uma ação didática interdisciplinar, pode colaborar com a promoção de uma educação bilíngue para estudantes surdos?

A hipótese defendida aqui é de que o ato de contar história tem o objetivo primordial de promover diversão e estimular a imaginação, mas pode, também, “desenvolver o raciocínio, ser ponto de partida para trabalhar algum conteúdo programático, assim podendo aumentar o

¹ Mestranda em Língua, Literatura e Interculturalidade (UFG). CV: <https://is.gd/0TyYfo>

² Doutora em Letras e Linguística (UFG). Professora (UFG). CV: <https://is.gd/sDSKDt>

interesse pela aula ou permitir a autoidentificação” (Torres e Tettamanzy, 2008, p. 3). Nesse prisma, defendemos que a construção de um cenário apropriado para leituras e discussões críticas sobre o ato de reconhecer e respeitar as particularidades do outro é fundamental para efetivação de uma educação inclusiva. As histórias podem favorecer nesse processo de interação e construção de aprendizagens mais significativas.

Ademais, o contato da criança com os textos literários possibilita a compreensão de fatos reais a partir da história lida pelo próprio aluno ou contada pelo professor. Afinal, tanto a criança quanto a literatura “são lúdicas, mágicas e questionadoras, e essas afinidades fazem com que a literatura seja a mais poderosa aliada do professor e da criança pela vida afora, na busca da compreensão do mundo e do ser humano” (Frantz, 2011, p. 20). Nesse cenário, fica evidenciada a importância do incentivo à leitura inclusiva para surdos, portanto o contar história assume um lugar de destaque na escola.

Quanto à metodologia empregada, este trabalho está sustentado na pesquisa bibliográfica, de cunho qualitativo, visto que “se é verdade que nem todos os alunos realizarão pesquisas de laboratório ou de campo, não é menos verdadeiro que todos, sem exceção, para elaborar os diversos trabalhos solicitados, deverão empreender pesquisas bibliográficas” (Andrade, 2010, p. 25). Sendo assim, tomamos como base os estudos de autores renomados, tais como Compagnon (2009), Faria (2010), Karnopp (2010), Leite e Guimarães (2014), Santos (2021), Soares (2020), Sisto (2020), e Strobel (2008), que já discorreram sobre as temáticas direcionadas para a contação de história para surdos, como a visualidade e a Língua Brasileira de Sinais (Libras).

DESENVOLVIMENTO

A educação inclusiva tem sido ressaltada nas discussões políticas e educacionais, visando à reformulação das práticas pedagógicas para atendimento a todos os estudantes, com ênfase naqueles com deficiência que necessitam de Atendimento Educacional Especializado (AEE). Nesse cenário, é importante enfatizar que

a surdez não deve ser lida e concebida em oposição a algo, é necessário conceber a surdez para além da diversidade de modos de vida, pois a diferença é algo que se fixa ao próprio corpo/sujeito/coisa, tornando-se inseparável daquilo que o constitui e o define (Patrocínio, 2019, p. 147).

Patrocínio (2019) pontua que a surdez não deve ser vista como uma falta ou uma oposição a algo, mas sim como uma experiência única que faz parte da diversidade humana. É importante reconhecer que a diferença não é algo externo, mas sim intrínseco ao próprio corpo e sujeito, definindo sua identidade e modo de vida de maneira integral. Ao conceber a surdez dessa forma, podemos avançar em direção a uma compreensão mais profunda e respeitosa da experiência surda, livre de preconceitos e visões limitadoras.

Nessa perspectiva, a sociedade tem se voltado para a valorização de ações que reconhecem a diversidade e promovem a inclusão nos ambientes escolares. Sob essa visão, “o processo pedagógico de toda e qualquer escola certamente estará enriquecido com a inclusão de atividades de contação de histórias, bem como propiciará a inserção do sujeito na realidade mais ampla do mundo” (Sisto, 2020, p. 12). Para o autor, a inclusão de atividades de contação de histórias no processo pedagógico pode enriquecer significativamente a experiência educacional, promovendo a inserção dos alunos em uma realidade mais ampla e diversificada. Além disso, essa prática pode contribuir para o desenvolvimento da criatividade, da imaginação e da compreensão do mundo ao redor, beneficiando o crescimento pessoal e intelectual dos estudantes, portanto é importante apostar nessa metodologia de trabalho didático.

Para concretizar o ideal inclusivo, são necessárias mudanças estruturais tanto nos espaços físicos educacionais quanto nas metodologias e recursos didáticos empregados no ensino e aprendizagem dos estudantes, incluindo abordagens interdisciplinares e estratégias de contação de histórias visuais acessíveis para os alunos surdos, fundamentadas na pedagogia visual. Essa mudança curricular pode envolver a integração de diferentes disciplinas e a utilização de recursos visuais e de Libras, a fim de promover a inclusão e a aprendizagem de todos os estudantes “sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação” (Brasil, 1988, p. 1).

De acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC – 2018) “os conhecimentos sobre as diferentes linguagens (semioses) devem ser mobilizados em favor do desenvolvimento das capacidades de leitura, produção e tratamento das linguagens” (Brasil, 2018, p. 67). Nesse viés, a contação de histórias, integrada a uma abordagem interdisciplinar, pode ser uma ferramenta poderosa para promover a aprendizagem mais significativa para o aluno surdo.

Ao combinarmos linguagens verbais e não verbais, como sons, imagens e expressões corporais, a contação de histórias pode facilitar o entendimento das crianças sobre a narrativa e sua associação com a realidade. Além disso, ela pode possibilitar a socialização, o desenvolvimento da percepção e a ativação da imaginação criadora, favorecendo, então, o ensino e a aprendizagem dos estudantes. Ao integrar diferentes disciplinas, como a Arte, a Geografia e a História, a contação de histórias pode produzir bons resultados no incentivo à leitura inclusiva, motivando todos os estudantes a participar das atividades didáticas.

Quanto às estratégias para trabalharmos a compreensão da narrativa, o estudante deve “entender o que foi escrito: captar o significado das palavras; identificar os fatos e ideias que estão no texto”, a fim de que possa realizar a interpretação adequada do lido, ao “estabelecer conexões entre os fatos e as ideias que estão subentendidas no texto” (Soares, 2020, p. 242). A compreensão leitora é, pois, um processo fundamental para a aprendizagem e o desenvolvimento dos alunos.

No ensino fundamental I, a contação de história é uma ferramenta facilitadora para desenvolvimento de atividades leitoras de modo interdisciplinar, visto que pode possibilitar aos alunos uma maior conexão com a narrativa, favorecendo no estabelecimento de relações entre as ideias e os fatos apresentados. Para trabalhar a compreensão leitora com contação de história interdisciplinar, é importante criar um ambiente de aprendizagem que seja estimulante e interativo. Os professores de Arte, Geografia e até de matemática podem colaborar nessa tarefa, organizando melhor o espaço e cenário para o estudante surdo se sentir acolhido em sua especificidade visual e linguística.

Segundo Sutton-Spence (2021), a literatura surda em língua de sinais é tipicamente apresentada de forma visual e performática, envolvendo o corpo do artista de maneira integral. Nessa modalidade, é quase impossível dissociar o corpo do artista do texto narrado ou do poema, porque a performance é parte essencial da obra. Isso contrasta com as literaturas escritas, como a brasileira em português, em que o texto pode ser separado do autor e lido sem referência direta à sua presença física. Na literatura surda em Libras, o artista atua como *performer*, transmitindo poemas, narrativas e piadas por meio de seu corpo e expressões visuais, tornando a experiência única e diretamente ligada à sua presença.

Conforme Faria (2010), a leitura apresenta três níveis: o tato, em que o estudante deve tocar no livro, sentir prazer em manuseá-lo e sentir a espessura do papel, analisando as imagens e disposição do texto na folha; o emocional, em que os elementos da sensibilidade e fantasia revelam o que a obra provoca em nós; o racional, que se refere ao plano intelectual do livro, ligando-se ao pensamento do autor, o que ele deseja alcançar com o texto. Esse três níveis são fundamentais para a proposição de um trabalho com a contação de história, especialmente quanto envolve a presença do surdo.

Ademais, há diversas obras literárias que contribuem para o conhecimento e valorização do povo surdo. A luta da população surda para assegurar o seu lugar na sociedade de prevalência de ouvintes e, portanto, da linguagem oral ainda é constante e necessária. Desse modo, os textos literários são usados como grito de indignação, liberdade e de reafirmação da identidade de cidadãos negros, indígenas e, no caso específico deste estudo, dos surdos.

Nesse cenário, “a literatura, pelo seu caráter questionador e por proporcionar ao leitor processos reflexivos, mostra-se como um importante instrumento social, na luta pela autonomia e na busca pelo lugar de fala” (Santos, 2021, p. 21). Dessa forma, o uso da literatura configura-se como retrato de uma civilização, em um determinado contexto social, político e econômico. Sendo assim, seu ensino não deve ser negado aos alunos surdos.

É nessa perspectiva, portanto, que as defesas feitas por Leite e Guimarães (2014) adquirem força e significado, ao enfatizarem a função da literatura, ressaltando que:

nesse processo de construção de identidade do sujeito surdo e a sua relação com os seus pares, a contação de histórias e a Literatura Surda se constituem como fatores relevantes, promovendo a reflexão, a criticidade, a autonomia, dentre a consolidação de outras aprendizagens. Ao considerar a literatura como instrumento essencial na formação do imaginário do sujeito surdo, o contar e recontar histórias por meio da Língua Brasileira de Sinais possibilita significar a fantasia e produzir novos conhecimentos na ressignificação de outros contextos, utilizando a sua língua natural (Leite; Guimarães, 2014, p. 5).

A contação de histórias e a literatura surda são fundamentais para a construção da identidade do sujeito surdo, promovendo reflexão, criticidade e autonomia. A Libras é essencial nesse processo, possibilitando a significação da fantasia e a produção de novos conhecimentos. Além dos elementos visuais, como os desenhos das personagens da narrativa, do lugar e objetos da história, é fundamental que a contação seja feita em Língua Portuguesa e em Libras para valorização das especificidades culturais do aluno surdo, observando a seguinte descrição do que seja literatura para o leitor surdo:

produção de textos literários em sinais, que traduz a experiência visual, que entende a surdez como presença de algo e não como falta que possibilita outras representações de surdos e que considera as pessoas surdas como um grupo linguístico e cultural diferente (Karnopp, 2010, p. 161).

Nessa perspectiva, a literatura surda é uma representação da experiência de ser surdo, refletindo a vida, os costumes, as linguagens e as expressões artísticas da comunidade surda. A literatura surda deve ressaltar o aspecto da visualidade, visto que a Libras funciona como primeira língua (L1) para os surdos e a modalidade escrita da Língua Portuguesa atua como segunda língua (L2).

Nesse cenário, há destaque para a figura do Tradutor Intérprete de Libras e Português (TILSP), que se trata do profissional que possui

o domínio da L1 e da L2, tendo “a capacidade de verter em tempo real (interpretação simultânea) ou, com um pequeno espaço de tempo (interpretação consecutiva), da Libras para o Português ou deste para a Libras” (Damázio, 2007, p. 49). Dessa maneira, o TILSP deve realizar seu trabalho em cooperação com o professor regente na contação de história para surdos.

O sistema escrito de sinais é uma ferramenta que registra a complexidade da língua de sinais, destacando aspectos manuais e visuais, como configurações de mãos e expressões faciais. Ele busca preservar a essência da comunicação surda, enfrentando o desafio de equilibrar fidelidade à língua e praticidade, contribuindo para a documentação e valorização das línguas de sinais. Essa compreensão implica na existência de planejamentos didáticos interdisciplinar, com foco na literatura visual para promoção da educação bilíngue, ou seja, um ensino mais contextualizado, que desenvolva aprendizagens da Língua Portuguesa, mas que leve em consideração as particularidades dos alunos surdos inseridos em classes de ensino regular.

Um exemplo de literatura surda diz respeito à obra *Tibi e Joca: uma história de dois mundos*, que foi escrita por Cláudia Bisol, em 2001. Trata-se de uma autora brasileira ouvinte com a colaboração do professor surdo Tibiriçá Maineri. Bisol (2001) explora o relacionamento entre crianças surdas e suas famílias ouvintes, por meio de estratégias visuais e dos personagens Tibi e Joca. Fica evidenciado nessa obra que “o primeiro artefato da cultura surda é a experiência visual em que os sujeitos surdos percebem o mundo de maneira diferente, a qual provoca as reflexões de suas subjetividades: De onde viemos? O que somos? E para onde queremos ir? Qual é a nossa identidade?” (Strobel, 2008, p. 38). São, pois, essas reflexões que Bisol (2001) promove nessa narrativa, a fim de colaborar com o entendimento sobre as vivências dos surdos.

A obra *Tibi e Joca: uma história de dois mundos* é formada prioritariamente por imagens e por sons que imitam o barulho de objetos ou pessoas – onomatopeias. Desse modo, os aspectos visuais são preponderantes na narrativa. Outro fator fundamental é que a história foi traduzida em Libras, a fim de valorizar a língua natural dos leitores surdos.

Nesse viés, “os contos para surdos têm um valor significativo no ensino da criança surda. Entendemos que além das histórias infantis já conhecidas, também a literatura surda, apesar da ínfima quantidade, precisa ser explorada por essas crianças” (Strobel, 2008, p. 13). Nesse contexto, essa obra da literatura surda pode integrar os planejamentos didáticos para o trabalho com o aluno surdo. Ele poderá se sentir representado e incluído por perceber que o professor está adotando temáticas do seu universo existencial.

Já pela capa da obra *Tibi e Joca: uma história de dois mundos*, Bisol (2001) demonstra a valorização da visualidade, ressaltando as cores vibrantes, como o amarelo, o vermelho e o azul. As duas personagens principais da narrativa estão representadas em cima de uma imagem de uma mão fazendo o sinal “I Love You”. Essa expressão refere-se ao sinal originário na Língua de Sinais Americana (ASL), sendo usado como empréstimo linguístico em Libras para transmitir a seguinte mensagem: eu te amo. A autora revela, assim, a alegria dos dois meninos em viver em um contexto de reconhecimento identitário.

Bisol (2001) apresenta uma narrativa que aborda o nascimento, a descoberta, a rejeição e, finalmente, o reconhecimento e aceitação da surdez, bem como a integração na comunidade surda. A obra discute a interação entre dois mundos distintos: o dos ouvintes e o dos surdos. Joca é surdo e precisa aprender a navegar nesses dois universos e se comunicar de forma adequada. A visualidade é descortinada como um elemento fundamental para essa interação, possibilitando que ele se conecte com pais, familiares e amigos ouvintes. Ao valorizar a visualidade e a Libras, Bisol (2001) produz uma literatura surda que destaca a importância do conhecimento sobre a cultura surda e o respeito pela diferença.

No momento de contar essa história bilíngue para surdos, o professor deve reunir os alunos em um espaço apropriado e acolhedor. Iniciar apresentando a obra *Tibi e Joca: uma história de dois mundos*, as personagens e os lugares da narrativa. Contar a história de modo cativante, com uso da Libras e de expressões faciais e corporais, representando as aventuras e os sentimentos das personagens. É importante explorar a criatividade, tornando esse momento dinâmico e interativo. Discutir com os estudan-

tes os aspectos mais relevantes da história, tais como: as características da narrativa (narrador, enredo, personagens, tempo e lugar); significado das imagens no enredo; a importância da Libras; a especificidade de ser surdo. É relevante que seja feita a provocação para a interação dos alunos, promovendo reflexões sobre a diversidade e a inclusão.

Como exemplificado, a tarefa de contar história não é tão difícil, porém exige um olhar para as particularidades dos estudantes surdos, escolhendo narrativas que também façam parte da experiência desses leitores. Afinal, “em contato com crianças surdas em sala de aula podemos observar o quanto elas se interessam pelos contos infantis e em especial os próprios da sua cultura” (Oliveira, 2016, p. 7). Os estudantes surdos devem se sentir incluídos nas atividades escolares, podendo participar ativamente do seu processo de aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES

A cultura e a identidade do povo surdo estão presentes em diversas esferas da sociedade e podem ser percebidas na literatura surda, que aborda temáticas específicas da experiência de ser surdo. Essa literatura deve ser incorporada nos planejamentos didáticos de forma interdisciplinar, valorizando as vivências e conquistas dos alunos surdos. Ficou evidenciado que trabalhar com textos que valorizam a cultura surda pode facilitar a compreensão e o engajamento de alunos surdos no processo de educação linguística crítica.

Ao trabalhar com gêneros textuais como contos, fábulas e poemas que destacam a especificidade da comunidade surda, como o uso da Libras e da comunicação gestual-visual, é possível promover a inclusão e o respeito pela diversidade. Essa abordagem interdisciplinar pode envolver a integração de diferentes disciplinas, como Literatura, Libras, Arte e Educação Especial, a fim de criar um ambiente de aprendizagem mais significativa para os alunos surdos.

Embora a literatura surda ainda seja limitada, existem muitas narrativas em Libras que enriquecem a cultura surda e promovem o reconhecimento identitário dos surdos. Sendo assim, o ensino bilíngue deve priorizar práticas educativas que possibilitem aos alunos surdos

aprender e interagir em sua primeira língua, a Libras. Nesse sentido, este estudo considera o direito dos surdos à literatura como um bem cultural fundamental, reconhecendo seu valor para a formação e expressão da identidade surda.

Nesse contexto, “a literatura, instrumento de justiça e de tolerância, e a leitura, experiência de autonomia, contribuem para a liberdade e para a responsabilidade do indivíduo” (Compagnon, 2009, p. 33-34). Dessa forma, podemos responder ao nosso questionamento inicial, reafirmando que a contação de história, por meio de uma ação didática interdisciplinar, pode colaborar com a promoção de uma educação bilíngue para estudantes surdos. Isso é possível, porque a literatura surda pode contribuir para o reconhecimento identitário da pessoa surda, em suas especificidades culturais e linguísticas. Por ela, diferentes temáticas podem ser discutidas, entre as quais está a diversidade.

Assim como Joca realizou uma busca por autoconhecimento e compreensão de suas diferenças, a criança surda deve contar com recursos pedagógicos visuais para maior entendimento de que não está sozinha no mundo. Nesse viés, o objetivo geral desta investigação – delinear discussões relativas às práticas pedagógicas fundamentadas na pedagogia visual para alunos surdos no contexto de ensino regular, com viés bilíngue – foi alcançado, visto que o presente trabalho delineou discussões na área de ensino para surdos, a partir do ato de contar histórias, com predomínio dos aspectos gestual-visual. A contação de história é um legado que proporciona um jeito criativo de trabalhar com a leitura literária.

Em suma, ressaltamos a importância da contação de história direcionada aos leitores surdos. Esperamos que este trabalho promova mudanças na abordagem de professores de línguas e pesquisadores em relação aos alunos surdos e o contato com a literatura surda, valorizando aspectos específicos da experiência de ser surdo, como a linguística e a visualidade. A implementação da educação bilíngue inclusiva é urgente, a fim de garantir que as legislações brasileiras sejam efetivamente aplicadas na prática escolar.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Maria Margarida de. *Introdução à metodologia do trabalho científico*: elaboração de trabalhos na graduação. São Paulo: Atlas, 2010.
- BISOL, Cláudia. *Tibi e Joca*: uma história de dois mundos. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2001.
- BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil de 1988*. Brasília: Diário Oficial da União, 5 out. 1988.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC/SEB, 2018.
- COMPAGNON, Antoine. *Literatura pra quê?* Tradução de Laura Taddei Brandini. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2009.
- DAMÁZIO, Mirlene Ferreira Macedo. *Atendimento educacional especializado*: pessoa com surdez. Brasília: EESP / SEED / MEC, 2007.
- FARIA, Maria Alice. *Como usar a literatura infantil em sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2010.
- FRANTZ, Maria Helena Zancan. *A literatura nas séries iniciais*. Petrópolis: Vozes, 2011.
- KARNOPP, Lodenir. *Literatura Surda*: Curso de Licenciatura e Bacharelado em Letras Libras na modalidade à distância. Santa Catarina: UFSC, 2010.
- LEITE, Letícia de Sousa; GUIMARÃES, Lúrian Kézia. A Literatura Surda e sua contribuição na formação de sujeitos críticos. *Anais do VI Seminário Nacional de Educação Especial*. Uberlândia, 2014, p. 1-12.
- OLIVEIRA, Christinne Fernandes de Sousa. *Análise da Escrita de Sinais “Sign Writing” presente na Literatura Rapunzel Surda*. 2016. 42f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Libras). Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa.
- PATROCÍNIO, Paulo Roberto Tonani do. A surdez enquanto diferença étnico-linguística: os legados teóricos dos Estudos Culturais para os Estudos Surdos. Meridional. *Revista Chilena de Estudios Latinoamericanos*, Santiago, n. 11, p. 123-148, mar. 2019. Disponível em: <https://is.gd/LzaGJ1>. Acesso em: 1 jun. 2025.
- SANTOS, Rosilene Aparecida Froes. *Literatura surda*: a escrita de si e a constituição identitária do Sujeito Surdo. 2021. 89 f. Dissertação (Mestrado em Literatura). Universidade Estadual de Montes Claros. Montes Claros.
- SOARES, Magda. *Alfabetizar: toda criança pode aprender a ler e a escrever*. São Paulo: Contexto, 2020.
- SISTO, Celso. *Textos e pretextos sobre a arte de contar histórias*. Belo Horizonte: Aletria, 2020.

STROBEL, Karin. *As imagens do outro sobre a cultura surda*. 4. ed. Florianópolis: UFSC, 2008.

SUTTON-SPENCE, Rachel. *Literatura em libras*. Tradução de Gustavo Gusmão. Petrópolis: Editora Arara Azul, 2021.

TORRES, Shirlei Milene; TETTAMANZY, Ana Lúcia Liberato. Contação de histórias: resgate da memória e estímulo à imaginação. *Revista eletrônica de crítica e teoria de literaturas*, Porto Alegre, v. 04, n. 1, jan./jun. 2008. Disponível em: <https://is.gd/gva4js>. Acesso em: 11 dez. 2024.

LINGUAGEM, REPRESENTAÇÃO E ESTEREÓTIPO: REFLEXÕES E EXEMPLOS PARA DEBATE EM SALA DE AULA

Daniela Jakubaszko¹

INTRODUÇÃO

“Como podemos encontrar o caminho das coisas se já nos disseram tudo antes que a experimentássemos? Como nos salvar dos preconceitos penetrantes que governam nosso processo de percepção? Onde começam as nossas ideias sobre as coisas? Por que as aceitamos? Como chegaram até nós?” **Ecléa Bosi**

“Estar atento significa estar disponível ao espanto. Sem espanto não há ciência, não há criação artística. O espanto é um momento do processo de pesquisa, de busca. Essa postura de abertura ao espanto é uma exigência fundamental ao educador e à educadora. (...) O espanto não é o medo que ele tem nem coisa de ignorante. O espanto revela a busca do saber.” **Paulo Freire**

Este texto tem a pretensão de provocar uma reflexão que contribua para o reconhecimento de estereótipos e ruptura com aqueles que dão origem a preconceitos, ofensas, *bullying* e adesão a discursos de ódio nos espaços escolares e em sala de aula de modo a fomentar um pensamento crítico e inclusivo para fundamentar as práticas de leitura, produção textual e multimodal.

Para tanto pretendemos trazer exemplos cotidianos e refletir sobre alguns conceitos fundamentais do campo de comunicação, como linguagem, signo, discurso e representação, pois é no plano da linguagem, do diálogo e das práticas discursivas que se deve estudar e se pode desconstruir estereótipos, preconceitos e suas consequências discriminatórias.

¹ Doutorado e mestrado em Ciências da Comunicação (USP). Docente (ECRIA-USCS).
CV: <http://lattes.cnpq.br/8655301957304815>

Fomentar tais reflexões em sala de aula e em rodas de conversa é essencial para ajudar a combater as *tsunamis* de desinformação e *fake news* promovidas cotidianamente por uma poderosa indústria partidária da cultura da violência em escala global. O escopo deste texto não nos permite aprofundar tal discussão, sem dúvida necessária, é que estamos num passo anterior: se “a leitura de mundo”, como ensina Paulo Freire, “precede a leitura da palavra”, então é urgente buscar o entendimento e reconhecimento das estereotipagens, retóricas e discursos que fomentam as relações assimétricas de poder na sociedade.

O sonho aqui compartilhado é o de que podemos iniciar na sala de aula um processo de desconstrução, talvez, do que Bourdieu chamou de “olhar pré-construído”, dos aspectos que a cultura já estabeleceu e definiu para nós e nos é transmitido por meio das linguagens e discursos. Segundo o cientista social:

(...) a força do pré-construído está em que, achando-se inscrito ao mesmo tempo nas coisas e nos cérebros, ele se apresenta com as aparências da evidência, que passa despercebida porque é perfeitamente natural. A ruptura é, com efeito, uma conversão do olhar”. (BOURDIEU, 1989, p. 49)

O reconhecimento e o questionamento dos estereótipos presentes nas imagens e discursos é uma conversão do olhar e é o início do processo de ruptura com o pré-construído. Há diversos filtros entre o mundo e o ser que o observa e vivencia. Essa filtragem forma a nossa percepção dos acontecimentos e a nossa relação com o entorno e com as pessoas, sempre articulada a um tempo histórico e seu contexto econômico e sociocultural. A realidade que construímos é complexa. Dos inúmeros universos discursivos existentes, quantos conhecemos - ou poderemos conhecer - em profundidade? O que podemos fazer é reconhecer que do mundo vemos sempre uma pequena parte. Como ressalta Lippmann

(...) cada um de nós vive e trabalha numa pequena parte da superfície da Terra, move-se num pequeno círculo, e destas coisas familiares conhece somente alguns intimamente. Das ocorrências públicas que têm largos efeitos vemos, na melhor das hipóteses, somente uma fase e um aspecto. (LIPPMANN, 2010, p. 83)

É este o pequeno espaço que temos para construir nossa autoimagem, identidade, pertencimento, nossa visão de mundo, e assim formular nossas crenças e opiniões que vão sustentar nossas ações cotidianas. Apesar de parecer pouco importante, ou impactante, nunca foi tão urgente confrontar todos os preconceitos para que haja esperança de que vamos um dia saber viver na interculturalidade (Canclini, 2005) de modo a reconhecer alteridades. Chega de xenofobia, homofobia, transfobia, aporofobia, sexismo, misoginia, racismo, intolerância religiosa, etarismo, capacitismo, ciberviolência discursiva, bullying, etc. Todos pertencemos.

Peço perdão a quem estiver lendo, pois vou apontar aqui alguns anti-exemplos, infelizmente, para combater a violência discursiva às vezes precisamos apontar enunciados ofensivos a fim de trazer à luz o não dito, as informações implícitas nos discursos, os pressupostos e subentendidos, e tornar mais consciente a produção discursiva. Talvez o choque produza o estranhamento e espanto necessários para a ruptura com velhos paradigmas, visões romantizadas dos colonizadores e do patriarcalismo. É possível converter o olhar? Se a resposta for sim, ainda há esperança.

LINGUAGEM, REPRESENTAÇÃO E ESTEREÓTIPO

O que é a linguagem? É apenas uma ferramenta para nossa comunicação? Qual o papel da linguagem para o pensamento, o conhecimento e a cultura?

A vida e o trabalho humano se baseiam na cooperação, têm por combustão o relacionar-se. A interdependência, palavra em voga no universo discursivo empresarial, nos revela nada mais que o bom e velho conhecido valor da cooperação: tudo o que criamos, produzimos e consumimos é fruto de pensar e agir de forma compartilhada. E esse compartilhar passa também e, sobretudo, pela Comunicação, já que a cooperação é impossível sem a troca de ideias. Não é por acaso que “compartilhar” é o verbo que está na etimologia da palavra “Comunicação”. Comunicar vem de compartilhar.

A partir do momento em que a nossa espécie traçou uma linha de distinção entre mundo humano e mundo animal com a produção de ferramentas, ou seja, com a interação entre cérebro – mão – linguagem, o ser humano tornou-se apto “a realizar tarefas cada vez mais complexas,

exigindo complicadas articulações do concreto com o abstrato, as quais modificam de forma substancial o homem, a natureza e a sociedade” (MOTTER, 2001, p. 18).

Tais articulações se operam a partir da revolução cognitiva (HARARI, 2016), com o domínio da linguagem. Adam Schaff (1964) trabalha bem a questão quando ressalta o papel ativo da linguagem para o pensamento; para o conhecimento e para a cultura. Para Schaff (1968: 154): “o trabalho humano é inseparavelmente ligado à consciência, isto é, ao pensamento, que por sua vez é, geneticamente, inseparavelmente ligado à fala”. Se o pensamento não se desenvolve sem a linguagem, pode-se dizer que a nossa consciência é linguística, como defendem Bakhtin (1992) e Volóchinov (2018). E palavra, por sua vez, não se aprende sozinha: é preciso passar pelo processo da educação social e receber, por meio da própria linguagem, o conhecimento e a experiência acumulada das gerações anteriores. Tanto a linguagem, quanto sua manifestação interior, o pensamento, são produtos da interação social: estão unidos à evolução da espécie humana.

Se a consciência, como afirmam Bakhtin e Volóchinov, é “um fato sócio-ideológico”, pois só pode surgir e se afirmar como realidade mediante a encarnação material em signos, a lógica da consciência individual é a mesma lógica da comunicação ideológica, da interação semiótica de um grupo social. Os signos só emergem a partir da interação entre consciências: o valor do signo é sempre um valor social, por isso, todo signo é entendido como ideológico pelos autores.

Ao influenciar a nossa percepção, a linguagem cria uma imagem da realidade, constituindo-se como um sistema de representações. E essas representações não são neutras, estão carregadas dos valores sociais que as construíram. Inclusive a experiência individual e a interpretação dessas experiências se inserem e se encaixam, a maior parte das vezes, nos padrões e estereótipos de origem social.

Vemos que a linguagem é, portanto, um terreno interindividual e a consciência é intersubjetiva. A linguagem é a mediadora por excelência entre o social e o individual; entre a realidade objetiva e a subjetiva. Assim, “O reflexo da realidade objetiva e a criação subjetiva da sua imagem no processo do conhecimento não se excluem, mas completam-se, constituindo um todo” (SCHAFF, 1964, p. 245).

Como define Bourdieu (1989), a realidade é um luta discursiva para definir a narrativa que se legitima como realidade. A versão mais aceita até agora é a de que surgimos de um *Big Bang*, estamos vivendo na Via Láctea, num pequeno sistema solar, orbitando em volta de uma estrela de 5ª grandeza. Somos uma espécie de primatas que dominou a Terra cooperando e competindo entre si e com as incontáveis formas de vida que também habitam este planeta. Vale frisar: esta visão de mundo é atual e válida para um dado tempo, num determinado espaço. Sim, porque este conhecimento foi lentamente construído e legitimado. A cosmovisão na idade média, como se sabe, era outra. A terra era o ponto centro do universo e o sol deveria orbitar ao seu redor. Quando Copérnico e Galileu questionaram a validade dessa realidade geocêntrica afirmada pelas escrituras sagradas, sofreram graves consequências, chegaram perto da fogueira por ter abalado a crença que sustentava a organização política e hierarquia social da época². É interessante observar, por exemplo, como a expressão “pôr do sol” guarda a memória do paradigma geocêntrico. Normalmente não estamos atentos à história que as palavras e expressões carregam. Cada cultura inventa suas formas de descrição do mundo em conjuntos e categorias. O Cruzeiro do Sul, por exemplo, referência para o período das Grandes Navegações, corresponde à constelação do beija-flor (Mainamy) na mitologia Guarani, entre outras que relacionam seu referencial sagrado ao mesmo tempo em que mostram o conhecimento antigo da observação dos períodos de seca/cheia, assim como marcam a época de rituais de passagem, como o da idade adulta³. A forma de cada povo enxergar e descrever o céu relaciona-se com sua cosmologia, cultura e costumes. E sua paisagem natural. A ordenação social depende das operações de percepção, descrição e interpretação do mundo objetivo.

Um exemplo interessante de observar é a polêmica que se criou, em 2024, quando o IBGE divulgou em seu *site* o Mapa Mundi com o Brasil no centro da imagem. Após intensa celeuma entre as diferentes formas de

² Esta mudança paradigmática foi tão violenta que Freud a denominou de trauma, ou primeira ferida narcísica da humanidade. As outras duas seriam o evolucionismo darwinista – que desconstruiu o criacionismo – e a descoberta do inconsciente, revelando que o homem não tem pleno controle e/ou consciência das razões que motivam suas ações (LOFFREDO, 2006). A primeira ferida narcísica é tão profunda que em pleno século XXI alguns grupos denominados “terraplanistas” ainda questionam, ou têm dificuldades de compreender, a teoria heliocêntrica. E também já existem “ex-terraplanistas” fazendo sucesso nas redes sociais.

³ Uma breve pesquisa no Google pode revelar pontos de vista interessantes sobre a relação entre humanidade, céu e terra. São exemplos: <<https://is.gd/K92LBwl>>. Acesso em: 16 jun. 2025.

representar o mundo, esclareceu-se que as cartografias são representações vinculadas a um tempo histórico e suas ideologias e interesses políticos, econômicos e sociais⁴.

Por tudo isso a linguagem não pode ser considerada uma mera ferramenta, um código para comunicação somente. Ela não apenas torna possível a comunicação, pois com ela e por meio dela criamos uma imagem da realidade. Assim, ao se construir como sistema de representações, no processo de aquisição e reprodução desse sistema, ela forma a nossa percepção do mundo: se estamos num planeta esférico, oval ou plano. Se precisamos domar ou respeitar a natureza, se finalmente vamos conseguir adiar o fim do mundo (KRENAK, 2020).

Por exemplo, a visão de que a natureza é uma força a ser domada, pois teria sido criada para nos servir e nutrir, assim como a de que o progresso técnico e tecnológico é sinônimo de evolução, serviram de base para a exploração das riquezas naturais, a tal ponto que paira sobre nós a ameaça de esgotamento desses recursos. Não é à toa que cosmovisões ancestrais da “terra-mãe”, da “*Pachamama*”, que buscam uma relação de respeito e reverência à natureza e formam a percepção de que não somos superiores, retornam com força na atualidade para combater a mentalidade predatória que coloca em risco a vida no planeta⁵.

Como ressalta Hall (2016) - para quem a cultura deve ter uma interpretação semiótica, pois é compreendida como “compartilhamento de sentido”-, somos seres “entreimagens”, “entretextos”, diariamente bombardeados por imagens e palavras. Somos interpelados por elas e a representação é uma das práticas centrais que formam as culturas. As culturas estão sempre em movimento. Sendo a linguagem o meio privilegiado para compartilhamento de sentidos, os enunciados - de todos os níveis - tornam-se o ponto de partida para observação e análise. Tornam-se também o ponto sensível para o qual se deve prestar atenção na produção textual.

⁴Vale assistir à reportagem da BBC News Brasil sobre o Mapa do IBGE: Brasil no centro e sul para cima? Por que um mapa ‘ao contrário’ não é errado - nem certo <<https://is.gd/ZU8J1X>> Acesso em: 16 jun. 2025.

⁵Uma animação no YouTube, o curta “Man” (3’36”), de Steve Cutts (2012), ilustra bem a relação predatória que mantemos com a natureza, provocando o esgotamento dos recursos naturais, a destruição do meio-ambiente e o excesso de lixo <<http://www.youtube.com/watch?v=WfGMYYdalCIU>>. Acesso em: 16 jun. 2025.

A linguagem também pode ferir por meio dos insultos, ofensas, ataques e humilhações verbais e outras formas de injúria linguística; até mesmo expressões sutis podem ser agressivas. A linguagem opressiva machuca a existência social, é uma ameaça que fere os corpos e as subjetividades, mesmo quando não escala em violência física. Isso fica bem evidente quando lembramos que Lei Maria da Penha marca a violência psicológica como um dos cinco tipos de violência praticados contra a mulher; e muitas das suas formas se realizam por meio da violência linguística⁶. Para Toni Morrison “a linguagem opressiva faz mais do que representar a violência; ela é a violência” (*apud* BUTLER, 2021, p. 19). Nesse sentido,

(...) por que os nomes pelos quais o sujeito é chamado parecem incutir o medo da morte e a incerteza acerca de sua possibilidade de sobreviver? Por que deveria um chamamento meramente linguístico produzir o medo como resposta? (...) Começamos a “existir” em virtude dessa dependência fundamental do chamamento do Outro. Nós “existimos” não apenas porque somos reconhecidos, mas, *a priori*, porque somos *reconhecíveis*. (BUTLER, 2021, p. 18)

O que se comunica com a linguagem pode antecipar ou prometer o que o corpo fará, entretanto, ato de fala, ação e intenção nem sempre andam de mãos dadas. E a resposta é imprevisível. A relação entre corpo e linguagem é menos consciente do que se imagina: o ato de fala *performa* significações nem sempre controladas ou dirigidas pelo enunciador. No entanto, há sempre interesses políticos e socioeconômicos que sabem como manejar as linguagens a seu favor, e para isso lançam mão do uso e reprodução sistemática de retóricas que disseminam estereótipos carregados de preconceitos e constroem um grande discurso de ódio.

Ao simplificar o processo de interpretação aceitando velhos estereótipos adotamos uma visão reducionista das pessoas, dos fenômenos, dos acontecimentos: “todo preconceito impede a autonomia do homem, ou seja, diminui sua liberdade relativa diante do ato de escolha, ao deformar e, conseqüentemente, estreitar a margem real de alternativa do indivíduo” (HELLER, 1989: 59).

⁶ Vale ler os tipos de violência doméstica no site do IMP - Instituto Maria da Penha <https://is.gd/t1KaIH>. Acesso em: 20 jun. 2025.

Os preconceitos, segundo Heller, enraízam-se na fé, por isso ficam inabaláveis à ciência enquanto ainda funcionarem na vida cotidiana. E quanto menor a consciência da alteridade, maior a força dos preconceitos e suas violências.

Os estereótipos contaminam nossos afetos e percepção da realidade; e há quem os modelem muito bem – há uma luta em curso pelo controle do imaginário social. É a “manufatura do consenso”, ou, como prefere Noam Chomsky, consenso fabricado⁷. Há uma grande diferença entre opinião pública e opinião publicada. A chamada “opinião pública” é, também, veículo de preconceitos:

Obviamente nossa opinião pública está em intermitente contato com complexidades de toda a espécie; com interesse econômico e ambição, animosidade pessoal, preconceito racial, sentimento de classe e tudo o mais. Eles distorcem nossa leitura, nosso pensamento, nossa conversação e nosso comportamento numa variedade de formas. (LIPPMAN, 2008: 77)

Assim naturalizam-se os estereótipos e preconceitos: “O estereótipo nos é transmitido com tal força e autoridade que pode parecer um fato biológico” (BOSI, 2003, p. 117). Parece ou não parece um fato biológico que o nascimento das meninas seja associado com a cor rosa e o dos meninos com azul?⁸

O musical de encerramento do programa televisivo “Comédia MTV”⁹ (MTV Brasil, 15.11.2012), faz a crítica sobre o uso de estereótipos por humoristas. Para Hall (2016) precisamos interrogar as imagens pois “representação” é o mesmo que “prática de produção de significados” (HALL, 2016, p. 140). Em sua pesquisa sobre os estereótipos acerca de homens negros na Inglaterra evidenciou que as imagens da conquista colonial africana estavam estampadas até nas embalagens de sabão, bolachas, bebidas entre outros artigos ingleses cotidianos. A capacidade de limpeza

⁷ O documentário *Manufacturing Consent* está disponível no Youtube: <https://is.gd/ShQc3p>. Acesso em: 15 jun. 25.

⁸ Há reportagens que localizam o fenômeno como um hábito estimulado pelo *marketing* no início do século XX <<https://is.gd/HWOAv9>>; alguns contam que inicialmente as cores seriam invertidas: rosa para meninos e azul para meninas <https://is.gd/j0ohRh>. Acessos em: 16 jun. 25.

⁹ Ver Musical de Encerramento do programa Comédia MTV, “atentado ao estereótipo”: <https://is.gd/NzNhrw>. Acesso em: 16 jun. 2025.

do sabão fazia a pele negra se tornar branca nos anúncios comerciais. A recorrência e reiteração das imagens e padronagens na publicidade e nos discursos dos meios massivos fortalecem e fazem circular os estereótipos e preconceitos que sustentam o racismo, o preconceito étnico e as demais formas discriminatórias. Esse processo é chamado estereotipagem e reduz os sujeitos a características simplificadas e simplificadoras, tidas como fixas por natureza. No Brasil colonial, segundo a versão oficial do Império e da Igreja Católica, os indígenas seriam desprovidos de alma, por isso se podia escravizá-los e matá-los, talvez poupar aquelas vidas que aceitassem a catequese (BOLOGNESI, 2018). São as formações discursivas que sustentam o regime de verdade de cada época. A situação se torna verdadeira ainda que nunca tenha sido realmente provada, essa é a força do preconceito. A verdade, segundo Hall (2016), pode ser uma construção alicerçada em múltiplas coerções.

A cultura, do ponto de vista sociossemiótico é um processo contínuo que envolve produção, circulação e consumo da significação na vida social. Envolve sentir e agir. Os exemplos que nos inspiram são das pessoas que confiamos – das referências que recebemos dos lugares que frequentamos e, atualmente, sobretudo, dos meios de comunicação e redes sociais. A confiança social alimenta nosso pensamento e nosso comportamento cotidiano. Nesse contexto, a estereotipagem também traça uma divisão entre o normal e o inadequado, o inaceitável, por isso expelle o que é diferente, rejeita o que não é familiar. Como resultado, enquanto prática discursiva e social aparecem o fechamento e a exclusão. Nesse sentido, o preconceito passa a ser instrumento da manutenção da ordem social por meio de fronteiras simbólicas entre “normal” e “pervertido” ou “patológico”; o nós e os outros.

Numa comunidade imaginada ajuda a identificar o nós, os que somos normais, diferenciando-nos dos outros, aqueles fora dos limites estabelecidos pela estereotipagem. Não é preciso muito esforço para perceber que a estereotipagem é típica dos contextos em que ocorrem as assimetrias de poder; não é por acaso a conexão entre representação, diferença e poder. Sander Gilman, ao estudar a estrutura profunda dos estereótipos assinala que há sempre uma divisão entre “bom” e “mau” e “a projeção da ansiedade em relação ao outro.” (HALL, 2016, p. 201).

Se para Bakhtin e Volóchinov todo signo é ideológico, para Hall, toda representação é política. As imagens produzidas pela cultura se tornaram objeto de disputa no processo contínuo da construção social que se movimenta e alimenta da disputa de sentidos. Somos continuamente interpelados pelas imagens. Para Hall,

O sentido é o que nos permite cultivar a noção de nossa própria identidade, de quem somos e a quem “pertencemos” - e, assim, ele se relaciona a questões sobre como a cultura é usada para restringir ou manter a identidade dentro do grupo e sobre a diferença entre grupos (...). O sentido é constantemente elaborado e compartilhado em cada interação pessoal e social da qual fazemos parte. De certa forma, este é o campo mais privilegiado – embora com frequência o mais negligenciado – da cultura e do significado. (HALL, 2016, p. 22)

A cultura, por meio das linguagens e códigos semióticos, produz continuamente novas representações, portanto, novos sentidos para antigas práticas, temas e enunciados. Se os sentidos são construídos pelos sistemas de representações, e se os signos só ganham significação na vida social, os sentidos expressam as desigualdades, heterogeneidades, aproximações, distanciamentos, afinidades e rejeições. O discurso, então, se revela por meio dos sistemas de representação e sua análise deve concentrar-se, não apenas na linguagem, mas na observação das relações de poder que estão entremeadas na produção de sentido. Dependente que está das relações socioculturais, se os signos são sempre ideológicos, os discursos e sentidos são históricos.

Também para Silverstone, os preconceitos e estereótipos circulam na esfera do senso comum que, segundo ele, é indispensável para que possamos compartilhar as nossas experiências, pois seria através dele que nos tornamos aptos para nos localizar na vida moderna e definir nossas identidades:

É no mundo mundano que a mídia opera de maneira mais significativa. Ela filtra e molda realidades cotidianas, por meio de suas representações singulares e múltiplas, fornecendo critérios, referências para a condução da vida diária, para produção e manutenção do senso comum. E é aqui, no que passa por senso comum, que devemos fundamentar o estudo da mídia. (SILVERSTONE, 2000: 20).

Os meios de comunicação e seus produtos, incluindo as redes sociais e inteligências artificiais, são hoje os filtros – ou mediações - por excelência, ao lado da família, da escola e das religiões, quando presentes. Eles facilitam nossa interação com a realidade, fazendo a ponte entre o senso comum e os universos discursivos que expandem o saber em nossa cultura. Como ver e interpretar o mundo, hoje, fora das lentes dos meios de comunicação? As produções midiáticas também trabalham para a desconstrução do estreitamento de visão, ao mesmo tempo em que – por ser também um espelho – mostram lapsos, traços que fingimos não carregar, ou que não percebemos, mas que deixamos escapar. Queremos ver?

Os meios trabalham para o questionamento de estereótipos e preconceitos quando, por exemplo, as telenovelas constroem narrativas tematizando (MOTTER e JAKUBASZKO, 2007) as questões em pauta na agenda social e política. Em quase setenta anos de atividade, as telenovelas vêm registrando e narrando o processo de emancipação da mulher brasileira: o direito ao desquite, ao divórcio, a não esperar virgem pelo casamento, a ser mãe solo, a arriscar uma carreira de sucesso, a fazer inseminação artificial, a ter uma “produção independente”, a ver o marido agressor ser julgado pela Lei Maria da Penha, a poder relacionar-se com um homem mais novo. Não é que o entretenimento precise ter algum compromisso com os ideais feministas, mas é evidente que seus produtos precisam estar de acordo com as experiências cotidianas de suas espectadoras fiéis se quiser dialogar e compartilhar sentido com elas. As mulheres, no Brasil, estudam mais que os homens – embora ainda recebam menos pelas mesmas funções - e cresce a cada ano o número de mulheres que chefiam famílias¹⁰. A realidade é muito mais ampla do que se mostra na ficção televisiva, ou na propaganda, ou na mídia, por meio dos estereótipos.

O tema da representação da mulher é sempre interessante de ser debatido em sala de aula para entender como funciona o fortalecimento ou a ruptura de estereótipos que permitem o discurso de ódio. Propagandas antigas¹¹, veiculadas nos Estados Unidos, mostram a mulher em posição

¹⁰ O Censo Demográfico de 2010 já havia registrado o percentual de 38,7% de famílias chefiadas por mulheres, o Censo de 2022 registrou aumento de mais de 10%, identificando que 49,1% das famílias brasileiras estão sob comando feminino. Conferir análise comparativa dos resultados do Censo Demográfico IBGE 2010-2022: <https://is.gd/2SpAk4>. Acesso em: 16 jun. 25.

¹¹ Há inúmeros blogs que abordam o assunto, uma busca em imagens no Google com a *tag* “propagandas machistas da década de 60” trará inúmeros exemplos, em inglês e português. Indicamos ainda o site propagandas

inferior ao homem: ajoelhada aos pés da cama enquanto serve café da manhã, representada como um tapete em que pisa o homem, apanhando na bunda no colo do homem. As mais recorrentes faziam da mulher um objeto sexual a ser desfrutado. Para acompanhar as imagens, frases como: “mantenha-a no seu lugar”; “é para isso que as mulheres servem [cozinhar]”; “mostre a ela que o mundo é dos homens”. Atualmente, tais anúncios jamais seriam veiculados, porém, vez ou outra, algumas marcas de cerveja, no Brasil, ainda representam a mulher como acompanhamento ideal para a bebida.

E não apenas as cervejas. Durante a Copa do Mundo no Brasil, uma famosa marca esportiva lançou uma camiseta cuja forte conotação sexual acabou fazendo com que o produto fosse retirado do mercado. A associação entre a imagem de um coração e um bumbum de biquíni, com as cores do Brasil, quando inserida no contexto específico de um evento mundial, em diálogo com a estereotipagem que os estrangeiros conhecem da mulher brasileira, serve para reforçar tais estereótipos e preconceitos, o machismo e a misoginia. A Embratur viu o produto como um estímulo ao turismo sexual e uma nota de repúdio escrita pela Secretaria de Direitos Humanos esclareceu os danos que tal anúncio poderia causar aos esforços que o governo vinha empreendendo para combater o turismo sexual¹².

O mais provável é que a intenção do sujeito enunciador não fosse a de desqualificar o País e a mulher brasileira: é quando os estereótipos se naturalizam podem passar despercebidos pelos interlocutores. Poderiam rebater, em coerência com a sua ideologia machista: o que tem demais ressaltar a beleza da mulher brasileira? Em véspera de Copa do Mundo no Brasil fica fácil esquecer o que uma camiseta de uma grife famosa pode agregar à “marca Brasil” e à imagem da mulher brasileira. Também foi com espanto que ouvi no rádio um anúncio da CPTM-SP uma propaganda em que o personagem comenta com o ouvinte que “Pra falar a verdade, até gosto do trem lotado, é bom pra xavecar as mina, né, mano?”¹³, enquanto

históricas.com.br <<https://is.gd/CaX9w2>>. Infelizmente, em pleno século XXI algumas marcas ainda cometem deslizes <<https://is.gd/EHMPUp>>; <https://is.gd/M0vPFf>. Acessos em: 16 jun. 25.

¹² Ver reportagem sobre o assunto, com a nota oficial da Secretaria dos Direitos Humanos: <https://is.gd/SIYXuL>. Acesso em: 16 jun. 25.

¹³ A propaganda foi retirada do ar, mas está disponível no Youtube e em algumas reportagens sobre o caso. Conferir: <<https://is.gd/0tRgvt>>; <https://is.gd/3tPRQR>. Acessos em: 16 jun. 25.

se discutia a necessidade de reservar vagões especiais para mulheres no transporte público pelo alto índice de assédios nos trens e metrô.

Será que ainda falta muito para que cessem as representações das mulheres como classe inferior? Há um poder injurioso que se pode encontrar na pornografia? Se Butler (2021) enxerga misoginia e discurso de ódio na pornografia e em algumas manifestações do *Rap* americano, vale questionar: no Brasil, podemos observar o Funk como lugar ao mesmo tempo de combate e reprodução de discursos misóginos? Devemos olhar para o interesse da indústria que financia o espetáculo?

Sim, a pergunta que não quer calar: como combater os preconceitos e o discurso de ódio? Isso é possível? Além de interrogar as imagens, como propõe Hall (2016), de formar leitores e cidadãos críticos, segundo Butler (2021), a agência de intervenção não pode ser totalmente assumida pelo Estado. Evidente que as políticas públicas são resultados de mobilizações conjuntas e são essenciais, entretanto, toda a sociedade civil organizada pode contribuir com pesquisas, campanhas, intervenções, educação de algoritmos e IAs, novas formas de comunicação e arte para conversão do olhar.

Aqueles a quem a ofensa se dirige podem também, em certos casos, performatizar uma inversão de sentidos. Butler (2021) menciona a dupla ressignificação, utilizando exemplo caro na atualidade da palavra *queer*; Hall (2016) comenta sobre o termo utilizado por Volóchinov e Bakhtin, a transcodificação, operação semiótica que transforma o negativo em positivo, como aconteceu no movimento *black is beautiful* em contexto da contracultura. Nemi Neto (2021) faz aproximações entre a categoria *queer* e o conceito modernista *antropofagia*, que também produz ressonâncias no período da contracultura e na contemporaneidade, principalmente no cinema. Parte do movimento indígena na atualidade propõe ressignificar ou reestilizar o termo índio e contar a história do ponto de vista dos indígenas e de seu trabalho de pacificação do branco (DANNER et al., 2022). Podemos, ainda, pensar na noção de *carnavalização*, conforme entendida por Bakhtin (1999) como forma de destronar o poder e as retóricas autoritárias, como fez um fotógrafo libanês, Eli Rezkallah, ao recriar as famosas propagandas machistas, invertendo os papéis entre homens e mulheres¹⁴.

¹⁴ Algumas das recriações podem ser conferidas aqui <https://is.gd/Sz2t6J>. Acesso em: 16 jun. 2025.

Para chegar ao conhecimento e reconhecimento de alteridades é preciso espanto. Para que ele ocorra, a reflexão deve focar na relação entre sujeito e objeto, de vez que pensar não é uma atividade subjetiva: “o mundo é opaco para a consciência ingênua que se detém nas primeiras camadas do real. A opinião afasta a estranheza entre o sujeito e a realidade. A pessoa já não se espanta com nada, vive na opacidade das certezas” (BOSI, 2003:122).

O que podemos fazer é aceitar a incerteza, abraçar a heterogeneidade, continuar o diálogo, desvelar as astúcias da enunciação, descolonizar o pensamento, ressignificar as experiências e atualizar as narrativas. Como “ninguém manda no que a rua diz”, a força da resistência popular ecoa sua voz nos grafites, pixos e lambe-lambes¹⁵ pelos muros e postes da cidade: “o futuro é ancestral”; “a revolução será feminista ou não será”; “o feminismo nunca matou, o machismo mata todos os dias”; “o Agro é morte”; “o racismo não se discute, se combate”; “alma não tem cor”; “cada vida importa”; “somos a última geração que pode salvar a Amazônia”; “mais amor, por favor”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em síntese, a linguagem se situa como um terreno interindividual, como mediadora entre o homem e o mundo, entre o concreto e o abstrato, entre o natural e o cultural. A linguagem foi e é socialmente modelada na prática social, e ao mesmo tempo em que influencia a percepção e o comportamento dos homens, assume papel ativo para o desenvolvimento do conhecimento e da cultura, sendo a cultura um processo contínuo de compartilhamento de sentidos.

E os sentidos não são fixos, pois a produção discursiva e suas interpretações estão submetidas ao presente histórico da enunciação, ao *continguum* das interações sociais e à atividade responsiva dos sujeitos. A escolha dos termos num discurso pode até ser inconsciente, mas não será neutra já que a significação revela as ideologias: as palavras, quando inseridas nos contextos sociais, se convertem em signos ideológicos. A realidade se constrói numa disputa de narrativas e sentidos.

¹⁵ Conferir exemplos em <https://is.gd/gEF9oM>; <https://is.gd/6zvWka>. Acessos em: 16 jun. 2025.

O discurso de ódio reflete as relações de dominação social, constitui o outro como sujeito abjeto e performa injúria para manutenção de *status quo*. Os discursos performam poder, por isso precisam ser constantemente ressignificados; para que não disseminem a reprodução do ódio e da violência, e assim, convertidos pelo olhar do reconhecimento de alteridades, possam, enfim, produzir mais inclusão do que exclusão. Limitações de linguagem são, sem dúvida, os limites da agência de sujeitos interpelados pelo discurso de ódio. Será necessário expandir os contextos de formação e diálogo para abrir novas possibilidades de ressignificação, reestilização e transcodificação de velhos e romantizados paradigmas.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec: 1992.
- BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na idade média e no renascimento. O contexto de François Rabelais**. São Paulo: Hucitec; Brasília: Ed. UNB, 1999.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- BAKHTIN, M. e VOLÓCHINOV, V. **Freudismo**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2001.
- BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória**. Ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- BOLOGNESI, Luiz (dir.) As guerras da conquista. In **Guerras do Brasil.doc**, EP 01, Documentários Brasileiros, Netflix, 2018.
- BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: DIFEL e Editora Bertrand Brasil, 1989.
- CANCLINI, N. G. **Diferentes, desiguales y desconectados: mapas de la interculturalidad**. Barcelona: Gedisa Editorial, 2005.
- DANNER, L.; DANNER, F.; DORRICO, J. Pacificando o branco: uma história da modernidade contada pelos indígenas. **Trans/Form/Ação**, v. 45, n. spe, p. 379-414, 2022.
- HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio e Apicuri, 2016.
- HARARI, Yurval Noah. **Uma breve história do Sapiens**. Porto Alegre, RS: L&PM, 2016.
- HELLER, A. **O cotidiano e a História**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.
- JAKUBASZKO, Daniela. **A representação de temas de interesse público na telenovela brasileira**: uma perspectiva dialógica para o estudo da ficção audiovisual. Alexa Cultural: Embu das Artes-SP e EDUA: Manaus-AM, 2019.

KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Cia. Das Letras, 2020.

LIPPMANN, Walter. **Opinião pública**. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 2010.

LOFFREDO, Ana Maria. Parábolas freudianas: as narcísicas feridas e o arqueólogo. **Jornal de Psicanálise**, São Paulo, v. 39, n. 70, p. 289-308, jun. 2006.

MOTTER, Maria Lourdes. **Ficção e história**: imprensa e construção da realidade. São Paulo: Arte & Ciência – Villipress, 2001.

MOTTER, Maria Lourdes. e JAKUBASZKO, Daniela. Telenovela e realidade social: algumas possibilidades dialógicas. *In*: **Comunicação & Educação**. Ano 12, n.1 (jan-abr: 2007). São Paulo: CCA/ECA-USP: Paulinas, 2007.

NEMI NETO, João. **Cannibalizing Queer**: Brazilian cinema from 1970 to 2015. Michigan: Wayne State university Press, 2021.

RIBEIRO, Darcy. **Sobre o óbvio**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

SCHAFF, Adam. **Linguagem e conhecimento**. Coimbra: Almedina, 1964.

SCHAFF, Adam. **Introdução à semântica**. São Paulo: Martins Fontes, 1968.

SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a mídia?** São Paulo: Edições Loyola, 2002.

VOLÓCHINOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. São Paulo: Editora 34, 2018.

Nota: este capítulo é uma atualização do artigo “Quebrando estereótipos e preconceitos na sala de aula”. **Revista Espaço Acadêmico** 14(168), 2015, pp. 01-16.

A PRESENÇA DE MATRIZES METAFÓRICAS EM “FELICIDADE CLANDESTINA”, DE CLARICE LISPECTOR

Elielma do Socorro Lobo dos Santos¹

Alana Corrêa Rodrigues²

Claudionilson Almeida Carvalho³

Deiseane Filocreão dos Santos⁴

RASCUNHOS INICIAIS

A complexidade da condição humana e da linguagem são marcas e imagens vividas na escrita Clariceana, uma vez que a escritora mergulha por meio das palavras nas profundezas metafísicas do ser, questionando a realidade, a vida e as dualidades intrínsecas ao homem. Clarice Lispector é considerada pela crítica uma escritora original. Desde a publicação de seu primeiro livro, *Perto do Coração Selvagem*, em 1944, até a atualidade, sua obra tem sido vista sob os mais variados aspectos, mas um viés sempre presente é a singularidade de sua escritura. No texto literário, especialmente, na produção de Clarice, as palavras libertam-se das normas vigentes para se associarem e formarem figuras insólitas, as quais se apresentam carregadas de qualidades sensíveis, provocando a ruptura com os padrões convencionais.

O presente estudo tem como metodologia a pesquisa bibliográfica e busca como objetivo identificar as matrizes e o discurso metafórico no conto “Felicidade Clandestina”, de Clarice Lispector, bem como analisar sobre quais formas essas metáforas presentes na obra, a partir das teias estilísticas, envolvem e tecem o texto literário, evidenciando a força e a intensidade daquilo que é expresso na narrativa, conforme afirmado por

¹ Doutora em educação (UFPA). Cv: <http://lattes.cnpq.br/8546786924561393>

² Mestranda em Ensino de Língua Portuguesa suas Respectivas Literaturas (UEPA).
CV: <http://lattes.cnpq.br/3202546914250140>

³ Mestrando em Ensino de Língua Portuguesa suas Respectivas Literaturas (UEPA).
CV: <https://lattes.cnpq.br/7195368802102312>

⁴ Mestranda em Ensino de Língua Portuguesa suas Respectivas Literaturas (UEPA).
CV: <http://lattes.cnpq.br/1803085803006011>

Eco, “ Eis a metáfora a mais luminosa e, porque mais luminosa, a mais necessária e mais espessa de todos os tropos, a metáfora desafia todas as entradas de conhecimento” (ECO, 1994. p. 200). Nesse pensamento, as metáforas existentes sustentam a subjetividade da felicidade e a busca associada, frequentemente, ao prazer à leitura, no qual essa felicidade, para a protagonista, é algo encontrada fora dos limites da realidade, nos entremeios de um prazer intenso que a personagem busca com os livros.

Para subsidiar a base teórica na construção deste trabalho, os perfis teóricos usados são os postulados de Ítalo Calvino no que tange o olhar do autor na elaboração da metarrativa no texto literário, as concepções de Umberto Eco, destacando a valoração da imagem e suas semioses enquanto palavra e, por fim, os constructos de Mikail Bakhtin acerca da perspectiva do dialogismo e da polifonia como teorias que também explicam a sua relevância e pertinência para a compreensão da metanarrativa. Com isso, ao final deste trabalho, propor uma atividade que possa ser desenvolvida no chão da sala de aula, por intermédio de uma análise interpretativa do conto “Felicidade Clandestina”, identificando as metanarrativas e presenças metafóricas, alinhavadas, especialmente, com as orientações e diretrizes segundo o que preconiza os descritores da BNCC.

TECENDO E COSTURANDO IDEIAS SOBRE METANARRATIVA

A abordagem da metanarrativa está atrelada a uma narrativa que fala sobre a narrativa, não apenas na construção e tear de uma história, mas sim, traz à tona a reflexão sobre o ato de narrar, sobre a forma de quais aspectos a narrativa é tecida e sobre a sua funcionalidade dentro do texto.

Ainda no sentido de sua função a metanarrativa propõe diversas discursões e vieses, como questionar a realidade, no qual leva o leitor a provocar a credibilidade da narrativa, ou mesmo a natureza da própria história que está a ser contada, bem como explorar as limitações do discurso por meio da metanarrativa. Além disso, pode ser utilizada para examinar os entraves da linguagem, as suas potencialidades e as suas insuficiências em representar a realidade de forma completa e criar experiências em relação ao texto e o leitor.

O trabalho com a metanarrativa ganha uma evidência, influência e importância, principalmente, no texto literário com alguns estudiosos e teóricos, como Ítalo Calvino, que relaciona o uso da metanarrativa a partir da visão do autor. A abordagem da metanarrativa, em Calvino, influi grandiosamente a estrutura de suas obras ao construí-las autoconsciente, despontando o processo de criação do texto e convida ao leitor a refletir sobre a realização de contar histórias. Dessa forma, o autor desafia a linearidade tradicional e apresenta elementos de reflexão, pois essa interpelação brinca com a ideia de narrativa, autoria e leitura, criando uma experiência imersiva para o leitor.

Com base no contexto de Calvino, a metanarrativa ultrapassa uma mera reflexão acerca da narrativa em si, posto que é uma prática que envolve a escrita, a leitura e a interpretação. Nessa perspectiva, a visão do autor, em face dos postulados da metanarrativa, questiona a construção do significado, isto é, ao invés de proporcionar uma narrativa reta, linear e conclusiva, passa explorar como o sentido é tecido pelos entremeios da linguagem e das diversas maneiras e tessituras entre o texto e o leitor.

Com isso, reflete sobre a estrutura da narrativa e quais são os seus elementos, e como eles se interligam, e toda essa construção implicará no envolvimento do leitor na criação do significado, na criação do jogo prazeroso que o universo da ficção proporciona regada a desdobramentos, desnudamentos e interpretação. Dessa forma, Ítalo Calvino estabelece a metanarrativa como um instrumento para questionar e indagar a natureza da narrativa e pela sua forma de conceber o fazer artístico da escrita, pois inaugura uma experiência multifacetada, ao explorar a estrutura da narrativa e na relação que une de maneira simbiótica texto e o interlocutor. À vista disso, abre caminho para uma leitura mais consciente da literatura, desafiando as expectativas convencionais de narrativa linear, conforme Calvino expõe como “fonte universal da matéria narrativa”, ou seja, a origens de todas as concepções individuais de cada leitor. (Calvino, 2007, p. 121).

É salutar, também, trazer o recorte teórico do estudioso Umberto Eco sobre a compreensão da metanarrativa a partir do valor da imagem enquanto palavra, uma vez que para o autor a imagem pode ser analisada como um todo, no entanto decomposta, sobretudo em unidades menores

para uma análise mais esmiuçada. Segundo as concepções de Eco, a ideia da imagem é explicada como um signo icônico, que percebe a imagem no entendimento de uma parte indissociável, permitindo dessa maneira, um domínio mais aprofundado do seu significado. Por conseguinte, o autor evidencia como um elemento necessário, a imagem por análise de camadas que podem ser estudadas, afastadamente, como simetrias que desencadeiam provocações para o sentido total.

De acordo com Eco, a imagem, como palavra, é imprescindível na elaboração da significação para o texto, ao contrário do que afirma Barthes, o qual entendia a imagem como um todo, sem análises em unidades separadas. No que tange o estudo do valor da imagem para a metanarrativa –que se reporta as histórias grandiosas a partir da construção da humanidade- desempenha um papel preponderante na formação e nos impactos, principalmente, na ideia de visualizar a história de forma mais concreta através da imagem, bem como criar identidades a partir delas e transmitir valores e ideologias, ajudando a reforçar a transmissão da mensagem da metanarrativa.

Além disso, a imagem e a narrativa para Eco são vistas como elos de ligação na construção de sentidos e ao funcionamento das culturas, a fim de comunicar história, ideias e valores de maneira específica ou simbólica. Por isso, o autor explora a interação constante, observando como o valor da imagem, muitas vezes enquanto palavra influencia na metanarrativa, surpreendendo com seu método criativo de escrita, que desnuda em profundidade sua composição no fazer da obra literária, explorando a relação entre imagem e texto, mostrando como podem se complementar, contradizer, ou até mesmo, criar uma nova mensagem de forma coletiva.

A abordagem na ótica da metanarrativa, também está alinhavada à luz das concepções das teorias bakhtiniana, haja vista que, para Bakhtin é compreendida como uma narrativa que discute com as estruturas da própria narrativa, fazendo indagações sobre a forma como a história é apresentada e suas diferentes perspectivas.

Conforme esse olhar dos postulados desse autor, os conceitos das teorias da *polifonia* e do *dialogismo* são essenciais para a metanarrativa, assentindo que a narrativa analise a complexidade da condição humana,

seus dilemas e as múltiplas vozes que ecoem e compõem a história, já que a dialogicidade se dá por meio da relação com o outro, consoante o autor afirma: “A vida é dialógica por natureza. Viver significa participar de um diálogo” (Bakhtin, 1987, p. 293), isto é, tudo aquilo que me diz respeito vem do mundo exterior, através da palavra do outro. Na metanarrativa esse pensamento é fortemente relacionado e fundamental, uma vez que as narrativas enfatizam esse processo de interação e resposta, por onde se estabelece na troca entre autor/ texto e leitor, desembocando, por sua vez, as infinitudes de vozes e olhares dentro de um texto.

Assim, em conformidade com as teorias do dialogismo e da polifonia de Bakhtin, proporcionam e contribuem para que a compreensão da metanarrativa seja um ambiente de interação constante em discursos diversos, desenvolvendo uma visão mais plural e dinâmica da realidade.

ENCONTRANDO METANARRATIVA NO CONTO “FELICIDADE CLANDESTINA”, DE CLARICE LISPECTOR

A história desenrola-se entre a frustração diária da protagonista, sua obstinação silenciosa e a alegria profunda — quase secreta — que ela experimenta quando finalmente obtém o livro. A “felicidade” alcançada é descrita como “clandestina” porque é um prazer íntimo, silencioso, guardado no segredo da emoção que o acesso à leitura proporciona.

Clarice, ao retratar esse episódio aparentemente simples, transcende a anedota pessoal e constrói uma reflexão sobre o valor dos pequenos desejos, a formação do imaginário infantil e o poder transformador da literatura. A autora enfatiza que, mais do que o objeto material, o que a menina conquista é uma dimensão interior de encantamento e autonomia emocional.

O enredo se desenvolve com a menina “bonitinha, esguia, altinha, de cabelos livres”, tentando conseguir o livro *Reinações de Narizinho* que a menina ruiva prometeu emprestar, mas cuja entrega dificulta. Depois de muitas idas e vindas, a narradora-personagem consegue o livro mediante a intervenção da mãe da menina ruiva. Após ter em mãos o livro, adia a leitura, desfrutando do objeto e da antecipação do prazer de lê-lo, com uma lubricidade que lembra a do desejo sexual. O conto termina com a

frase impactante e muito conhecida: “Não era mais uma menina com um livro: era uma mulher com o seu amante”.

O ponto central da narrativa texto é o conceito de “felicidade”. Nela, a escritora parece se questionar “afinal, o que é felicidade?”. A menina presente no conto parece conhecer bem o dito popular “felicidade é bom, mas dura pouco”, uma vez que ela se utiliza de todas as formas para prolongar seu sentimento de felicidade. Uma vez que ela ganhou permissão para ficar com o livro pelo tempo que desejasse, ela o deixa no quarto e finge esquecer que o possui, só para se redescobrir possuidora dele. Dessa forma, sua felicidade aparece como um sentimento “clandestino”, já que nem ela mesma pode se conscientizar de sua própria felicidade para que esse sentimento não acabe.

A METANARRATIVA EM “FELICIDADE CLANDESTINA”: LEITURA COMO DESEJO E AUTOAFIRMAÇÃO

Ao narrar o desejo de uma menina por um livro e o prolongamento intencional da espera por parte de uma colega, a autora não apenas constrói uma história sobre o amor à leitura, mas também inscreve na própria estrutura do conto uma reflexão sobre o ato de narrar, sobre a formação do sujeito leitor e sobre o poder transformador da linguagem. Este movimento reflexivo é o que caracteriza uma metanarrativa, ou seja, é a narrativa que se volta sobre si mesma, expondo suas estruturas e mecanismos internos.

Em “Felicidade Clandestina”, esse processo se dá quando a narradora-personagem revive, com aguda consciência, a experiência infantil de desejar um livro — experiência esta que acaba por simbolizar o próprio nascimento da escritora. É o que diz a narradora sobre a dona do livro desejado e sobre si: “Ela era gorda, baixa, sardenta e de cabelos excessivamente crespos, sempre mal penteados. Tinha um busto enorme, enquanto nós todas ainda éramos achatadas.” (Lispector, 1998, p. 7)

O trecho, ao caracterizar a colega que nega o livro, constrói uma figura antagônica não apenas em termos físicos e sociais, mas simbólicos. Ela representa a interdição ao desejo narrativo da protagonista, o obstáculo à entrada no mundo da literatura. A experiência de espera e frustração

que se prolonga cria um espaço de tensão narrativa que é preenchido com imaginação e desejo — elementos fundamentais do fazer literário.

A própria leitura torna-se, no conto, um ato de iniciação. Ao finalmente receber o livro e lê-lo, a personagem declara:

Como contar o que se seguiu? Eu estava estonteada, e assim recebi o livro na mão. Acho que eu não disse nada. Peguei o livro. Não, não saí pulando como sempre. Saí andando bem devagar. Sei que segurava o livro grosso com as duas mãos, comprimindo-o contra o peito (LISPECTOR, 1998, p. 10).

Essa afirmação aponta para o momento fundacional da identidade leitora da narradora, que, ao olhar para o passado, reconhece o instante de formação subjetiva como sujeito da leitura — e, potencialmente, da escrita. A narrativa, assim, revela o nascimento de uma consciência literária, um tema clássico da metanarrativa, que se volta ao próprio processo de constituição do sujeito pela linguagem.

Além disso, a linguagem sensorial e introspectiva utilizada por Clarice faz com que o conto transcenda o seu conteúdo temático. A escrita introspectiva, a construção do tempo interno da personagem e o jogo entre memória e linguagem evidenciam que o conto fala tanto sobre a experiência quanto sobre a forma de experienciá-la pela palavra — reforçando o caráter metanarrativo da obra.

A interseção entre vivência e ficcionalização é uma chave de leitura fundamental aqui. A narradora não apenas conta uma história de infância, mas reflete — ainda que de maneira implícita — sobre o impacto da leitura na subjetividade e sobre o papel da linguagem como mediadora de experiências existenciais.

Nesse sentido, “Felicidade Clandestina” é uma metanarrativa porque problematiza o ato de ler e de narrar como elementos constitutivos da identidade. É uma narrativa sobre o nascimento do amor pela leitura, mas também sobre o nascimento da própria narradora como agente do discurso. A linguagem, nesse contexto, é mais do que instrumento: é a própria matéria da experiência.

AS MARCAS DE MATRIZES METAFÓRICAS

O conto de Clarice Lispector revela, além de sua evidente força narrativa, uma densa construção metafórica que articula subjetividade, desejo e linguagem. As matrizes metafóricas encontradas no texto constroem significados implícitos e tornam visíveis aspectos sensíveis da experiência humana, sobretudo na formação do sujeito leitor. Então, propomos uma análise das principais metáforas estruturantes do conto, observando como elas funcionam como dispositivos de construção simbólica da realidade experienciada pela narradora.

Metáforas não são apenas figuras de linguagem ornamentais, mas modos de pensar e experimentar o mundo. No conto em análise, essa concepção se manifesta com profundidade: a linguagem não representa a realidade, mas a recria. A metáfora é, então, instrumento de expressão da interioridade.

Nesse trecho do conto “Havia orgulho e pudor em mim. Eu era uma rainha delicada” (LISPECTOR, 1998, p. 12) — é uma potente metáfora que revela nuances emocionais e psicológicas da narradora, criança, em sua vivência do desejo e da espera pelo livro.

As palavras “orgulho” e “pudor” são aqui mais do que estados emocionais: representam atitudes interiores diante de uma situação de humilhação e desejo contido. A menina, mesmo sendo submetida a um jogo de espera cruel pela colega que prometera o livro, não se rebela abertamente. O “orgulho” a impede de mendigar o livro, enquanto o “pudor” protege sua intimidade emocional — ela esconde seu sofrimento e sua ânsia para manter intacta a dignidade. Esses sentimentos apontam para uma maturidade afetiva precoce e uma consciência delicada de si mesma.

A metáfora “Eu era uma rainha delicada” é profundamente simbólica. Apesar da sua posição de inferioridade social e emocional (em relação à colega), a menina se sente nobre — uma realeza interior baseada não em poder ou posses, mas na elevação de seus sentimentos. A “rainha” representa a soberania emocional, a dignidade, a capacidade de suportar a dor em silêncio. O adjetivo “delicada” reforça a sensibilidade e a fragilidade da personagem, que, ainda que pequena e humilhada, se vê como alguém elevada em espírito.

O conto termina com uma frase que conota o valor clandestino da felicidade para a protagonista: “era uma mulher com seu amante” (LISPECTOR, 1998, p. 12), demonstra também a permanência da clandestinidade em sua vida, que como ela já havia presumido, a felicidade sempre estaria presente de modo ilegal em sua vida, em pequenas “doses” de perigo.

É a metáfora do perigo causado pela imensidão de desejo. O sentimento é vivido ocultamente, às escondidas, mas causa um êxtase de prazer. Torna-se um ciclo vicioso para a personagem, por mais que ela tente escapar, está cada vez mais envolvida nessa trama. A autora tem a capacidade de nos deixar assim: como uma mulher com seu amante ou uma criança descobrindo o mundo. Na verdade, somos todos personagens seus em busca de nossa felicidade clandestina.

Clarice Lispector, assim, constrói em “Felicidade Clandestina” uma rede metafórica complexa que articula desejo, identidade e sentimentos. As metáforas não apenas embelezam o texto, mas revelam o modo como a narradora interpreta suas experiências infantis, como atribui valor simbólico ao ato de ler e como transforma a memória em matéria poética.

INTERPRETAÇÃO TEXTUAL COM ENFOQUE NA METANARRATIVA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

O ensino da literatura em sala de aula ainda é um processo difícil para grande parte dos educadores. Trabalhar o texto literário em sua totalidade, explorando suas camadas interpretativas, em muitos contextos educacionais, infelizmente, é muito raro. Todavia não é impossível; trata-se de uma questão de persistência que é alimentada pela vontade de desenvolver nos educandos um espírito crítico, que compreenda os diferentes olhares do mundo de forma empática.

A interpretação de texto, que é um dos pilares da Língua Portuguesa, oportuniza ao aluno o desenvolvimento da leitura crítica, além da construção de sentidos sobre os textos que costumam circular nos mais variados contextos sociais. Como afirma Gloria Pondé (2018, p. 05) “A literatura é um trabalho de construção de sentidos e, como tal, requer interpretação e uma mediação eficiente”.

Nesse sentido, entre as inúmeras possibilidades existentes, o trabalho com a metanarrativa, por exemplo, pode ser um caminho promissor, capaz de projetar uma abordagem instigante e rica, principalmente, quando os estudantes começam a se deparar com textos mais complexos. Igualmente, tais direcionamentos auxiliarão o ensino do texto literário nas salas de aula da Educação Básica.

A metanarrativa, para alguns educadores, pode parecer algo muito “sofisticado” e/ou “difícil” de ser aplicado, mas na verdade é muito menos complexo do que se imagina, uma vez que há a possibilidade de explorá-la no cenário escolar de forma criativa e acessível, oportunizando a leitura autônoma que leva em consideração a análise de elementos que vão além da decodificação das palavras e da linguística textual.

Além disso, deve-se levar em consideração que o papel da análise do texto literário não se justifica apenas em julgar o texto ou interpretar, mas avaliar os sentidos que ele pode produzir, bem como os efeitos que provoca. Assim, ao trabalhar com a metanarrativa, o professor oferecerá condições para que os discentes reflitam não apenas sobre o assunto que está sendo contado, mas de que maneira está sendo contado.

Para além disso, essa abordagem impulsiona a avaliação crítica das estruturas narrativas, a desconstrução das “verdades absolutas”, assim como o entendimento de que o texto deve valorizar a experiência do leitor, suas impressões, reflexões e sentimentos. Deste modo, textos como “Felicidade Clandestina”, de *Clarice Lispector*, podem servir como fase inicial para essa proposta.

Somado a isso, ao perceber e identificar os traços do texto meta-narrativo, os alunos desenvolvem com mais sensibilidade a experiência leitora, ampliando seu repertório literário e linguístico, percorrendo caminhos que os levam à reflexão sobre o papel do autor, do leitor e da própria linguagem na construção dos sentidos do texto literário. Essa lucidez crítica interage diretamente com os objetivos alicerçados na Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018), especificamente nos objetos que dizem respeito à valorização da autonomia do aluno, bem como à competência leitora. Pondé (2018, p. 05) enfatiza “Numa época de crise

da razão, a arte, na escola, se mostra como força motriz de mudança do mundo, à medida que opera com o sensível e o racional, em outras bases”.

A autora destaca a importância da arte no contexto educacional atual, especialmente quando o pensamento racional e crítico parece estar “à beira do precipício”, fragilizados; frutos de uma sociedade desinformada que tece discursos polarizados e muitas vezes intolerantes. Então, nesse cenário, o texto literário, a arte, que muitas vezes são ignoradas no currículo escolar, surgem como um potente instrumento de transformação.

PROPOSTAS DE ATIVIDADES COM FOCO NA METANARRATIVA EM SALA DE AULA

Para colocar em prática a dimensão metalinguística e autorreflexiva proporcionada pela **metanarrativa**, é possível desenvolver estratégias pedagógicas que estimulem os estudantes a pensar sobre o próprio ato de narrar. Abaixo, algumas sugestões:

Elaboração de contos metanarrativos

Sugerir que os alunos criem histórias em que o narrador ou um personagem reflita sobre o processo de contar a própria história. Ex.: um personagem que interrompe a narrativa para conversar com o leitor ou para questionar o rumo do enredo.

Leitura e análise de textos com metanarrativa

Utilizar contos ou crônicas com elementos metanarrativos, como “*Felicidade Clandestina*”, de Clarice Lispector ou “*O bugio moqueado*” de Machado de Assis, e discutir como o autor brinca com os limites entre realidade e ficção, narrador e personagem.

Oficina de reescrita autônoma

Indicar que os alunos reescrevam uma história já conhecida, introduzindo comentários do narrador sobre a narrativa em si — por exemplo, justificando escolhas de linguagem ou reconhecendo a presença do leitor.

Rodas de conversa metalinguística

Subsequente a produção de textos narrativos, promover rodas de conversa para que os alunos falem sobre as decisões que tomaram como autores: por que escolheram determinado narrador? Que efeito esperavam causar no leitor? Que dificuldades enfrentaram?

Tais propostas não só trabalham a metanarrativa como elemento da linguagem e da literatura, mas também fortalecem a autonomia dos alunos como sujeitos de discurso — criadores de sentidos, capazes de refletir criticamente sobre a linguagem e o mundo.

Nesse contexto, o papel do professor torna-se fundamental. Cabe a ele orientar o olhar do aluno para esses mecanismos narrativos, provocar o debate e incentivar produções textuais que também experimentem esse tipo de estrutura.

ÚLTIMOS TRAÇADOS

A escritura poética de *Clarice Lispector* em *Felicidade Clandestina* revela fortemente a presença de matrizes metafóricas, evidenciando como a autora elabora uma linguagem profundamente simbólica e íntima, com imensa capacidade de desvendar, com auxílio das metáforas, camadas profundas da experiência emocional e existencial da narradora. A linguagem metafórica, não apenas enriquecem o texto, mas operam como elementos organizadores da narrativa, promovendo uma articulação entre o plano estético e o plano cognitivo. Dessa forma, mais do que adornos formais, elas atuam como dispositivos semânticos que traduzem a maneira como a narradora interpreta o mundo, suas interações e afetos

No conto, é possível observar que o desejo pelo livro, à medida que o tempo passa, vai se transformando na simbologia de algo muito maior que a posse de um “livro”. Isso se deve ao fato da antagonista que, nutrida de maldade e perversidade, prolonga a espera do objeto de desejo, desenvolvendo na protagonista uma angústia desencadeada pelas diversas vezes em que foi enganada.

É necessário mencionar que tais sentimentos despertados naquela menina que desejava ler o livro dos sonhos não se limitam a uma frustração

infantil, mas se configuram como metáforas de uma trajetória de formação, na qual o amadurecimento emocional ocorre através da experiência da dor, da ausência e da resistência. Dessa forma, o livro passa a representar a metáfora do saber, do deleite estético e da autonomia do ser — algo clandestino, escasso, velado e profundamente valioso.

O texto de *Lispector* é marcado pela introspecção e pelo lirismo, propondo uma leitura do mundo que valoriza as pequenas epifanias e os sentimentos mais íntimos, ainda que contraditórios e ambíguos. A linguagem, nesse contexto, ultrapassa a função comunicativa e passa a ser um campo de revelação do inconsciente, dos desejos reprimidos e das subjetividades silenciadas.

Assim, quando se considera essas matrizes metafóricas, compreende-se que *Lispector* mobiliza uma escrita que desafia o leitor a captar os sentidos implícitos, a ler nas entrelinhas, a mergulhar na interioridade de suas personagens. O aspecto estético da escrita clariceana reside na competência de expressar o inexprimível, de exaltar o banal como algo extraordinário e de transmutar uma vivência simples em uma reflexão profunda sobre a condição humana.

Em vista disso, a presença de matrizes metafóricas em *Felicidade Clandestina* confirma a potência da linguagem literária como forma de conhecimento e como espaço de resistência subjetiva. Mediante o uso dessas metáforas, *Lispector* não só relata uma história, como também cria uma poética do desejo, do silêncio e da revelação, configurando sua obra como um terreno fecundo para análises linguísticas, filosóficas e literárias. A abordagem das metáforas, nesse sentido, revela-se fundamental para a compreensão da singularidade da autora e para o aprofundamento crítico de sua produção.

REFERÊNCIAS

BAKTHIN, Mikhail. (1963). *Problems of Dostoevsky's poetics*. 3. ed. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1987.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, 2018.

CALVINO, Ítalo. (2007). *Por que ler os clássicos*. São Paulo: Companhia das Letras.

ECO, Umberto. *Metáfora*. In: Enciclopédia Einaudi: Signo. - Nº31. Imprensa Nacional- Casa da Moeda, 1994.

LISPECTOR, Clarice. *Felicidade Clandestina*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998

PONDÉ, Glória. *A literatura na escola, uma questão de gêneros*. São Paulo: SESI – SP Editora, 1018.

“INERTE, VAZIA, REPLETA DE SONHOS DESPEDAÇADOS”: OS IDEAIS DE FEMINILIDADE ANIQUILADORES EM “A REDOMA DE VIDRO” DE SYLVIA PLATH UM ENSAIO À LUZ DA PSICANÁLISE E FEMINISMO

Lauren Assis Santana¹
Barbara Breder Machado²

INTRODUÇÃO

A redoma de vidro, primeiro e único romance da poetisa Sylvia Plath, foi publicado em janeiro de 1963 sob o pseudônimo Victoria Lucas, semanas antes de sua morte. O livro segue a jornada da protagonista Esther Greenwood, uma jovem de 19 anos que ganha uma bolsa acadêmica e com ela a oportunidade de se mudar para Nova York e estagiar na redação de uma revista feminina com diversas outras jovens universitárias que, assim como ela, receberam a chance de serem editoras juniores da *Ladies' Day* por um mês. Porém, passado o mês sem ter tido seu grande momento, a protagonista volta à casa e recebe a notícia de que não foi aceita em um curso de escrita, curso esse que ela considerava ser sua última oportunidade. Ociosa, tenta escrever algo enquanto faz companhia a mãe viúva e passa os dias assistindo através de sua janela a vida das vizinhas casadas, que passeiam diariamente com suas alianças nos dedos das mesmas mãos que empurram os carrinhos de bebê.

Sentindo-se sem rumo e derrotada, Esther se vê confrontada com a perspectiva de futuro reservada a ela: uma vida ditada por regras sociais que a posicionava como mera coadjuvante na vida de seu futuro esposo e filhos. Assim, a jovem se emaranha em uma espiral autodestrutiva que a leva a ser internada em um hospital psiquiátrico após uma tentativa de suicídio. As ínfimas possibilidades de subjetivação disponíveis pareciam

¹ Especialista em Psicanálise, Arte e Literatura (ESPE). Psicóloga. CV: <https://is.gd/JIGoyZ>

² Doutora em Ciência Política (UFF). Docente (UFF). CV: <http://lattes.cnpq.br/6132106075115936>

impossibilita e sufoca todas as chances que ela teria de desenvolver seu potencial, o que gera em Esther uma intensa crise de identidade.

Na conferência “A Feminilidade” (1933/2018), Freud trás para discussão a importância da influência que as normas sociais têm na vida coletiva, normas essas que coagem mulheres para o lugar da passividade e as afetam profundamente enquanto sujeitos. Essa associação que se mostra contínua entre feminilidade e vida pulsional não pode ser subestimada, como afirma Freud. Ele aponta que “[...] a repressão [*Unterdrückung*] à sua agressividade, que é prescrita constitucionalmente e imposta à mulher socialmente, favorece a formação de intensas moções masoquistas, que conseguem vincular eroticamente as tendências destrutivas voltadas para dentro” (FREUD, 1933/2018, p. 246).

Similarmente, Sylvia Plath viveu vários dos mesmos percalços enfrentados por sua protagonista. A autora foi uma ótima aluna na universidade, participou de um concurso de escrita para uma vaga de editora convidada na revista *Mademoiselle* em Nova York e foi uma das selecionadas, se inscreve em um curso de escrita criativa de Frank O'Connor em Harvard durante as férias e não é aceita e, em decorrência desse acontecimento, tem sua primeira tentativa de suicídio em agosto de 1953: Plath ingeriu uma grande quantidade de comprimidos e entrou no porão apertado de sua casa para esperar que os remédios fizessem efeito. Após sua morte em 1963, a publicação de seu livro de poesia *Ariel* em 1965 e o reconhecimento de *A redoma de vidro* como de sua autoria em 1966, rapidamente começou-se a especulação de que suas obras eram inspiradas em sua história pessoal.

Ela ficou conhecida como uma das maiores representantes do gênero de poesia denominado Confessionalismo; a poesia confessional, fruto do clima de conflito nos Estados Unidos e no mundo do meado do século XX, se “tratava de assuntos que anteriormente não haviam sido discutidos abertamente na poesia americana. Experiências privadas e sentimentos sobre morte, trauma, depressão e relacionamentos foram abordados neste tipo de poesia, muitas vezes de forma autobiográfica” (POETS.ORG, 2014, tradução nossa)³. A biógrafa Caroline King Barnard Hall (1978

³Citação original: “[...] dealt with subject matter that previously had not been openly discussed in American poetry. Private experiences with and feelings about death, trauma, depression, and relationships were addressed in this type of poetry, often in an autobiographical manner” (POETS.ORG, 2014).

apud PINHO, 2011) classifica *A redoma de vidro* como um romance confessional, justamente porque muitos dos personagens e situações são equivalentes a vida da autora e também por ser um reflexo cristalino de seu tempo. Malcolm (2012, p. 16) ressalta isso quando diz que “[...] a história de sua vida [...] é uma história típica da temerosa e dúplice década de 1950. Sylvia Plath representa de maneira nítida e quase emblemática o caráter esquizoide daquele período. É o eu dividido por excelência.”

Ainda que seja também levado em consideração que *A redoma de vidro* – como os demais trabalhos de Plath – foi concebido a partir de sua notável inteligência e criatividade, para este trabalho é de suma relevância que paralelos sejam feitos entre artista e arte afim de que se entenda ambos. Todavia, não se trata de esmiuçar a vida da autora afim de reconta-la e analisa-la, mas sim de localizar em sua obra e experiência algo do comum, da dimensão estrutural da existência feminina, a qual as mulheres estão submetidas e são subalternizadas. Também, reconhecer as consequências mortíferas que são postas para aquelas que ousaram a desafiar o discurso masculinista sobre a feminilidade ao “matarem o fantasma do Anjo do Lar” (WOOLF, 1931/2012), principalmente pela ficção se mostrar tão próxima a realidade. Dessa forma, em concordância com Borges (2019),

[...] embora o artista crie personagens, “finja” sentimentos e situações no conteúdo que está produzindo, ainda assim não deixam de existir de alguma forma aspectos dele mesmo dentro de sua criação. Portanto, partimos do pressuposto de que o contexto social em que o artista está inserido, bem como os sentimentos que o preenchem refletem-se de alguma forma nas obras que ele constrói, sendo essa ambivalência parte de seu processo criativo (BORGES, 2019, p. 13).

À vista disso, o enredo do romance demasiadamente marcado pela voz confessional de Sylvia é um dos aspectos mais significativos do livro, principalmente se trazido à tona a trajetória de vida da poetisa e de algumas outras autoras do século XX. Nomes como Anne Sexton, sua contemporânea da poesia confessional, e Virginia Woolf, se assemelham a Plath por terem obras marcadas por reflexões existenciais e a morte como um tema recorrente, mas principalmente pelo fim da vida ter chegado a elas

através do suicídio. E, esses temas abordados eram “relatos de culpa [...] por transgredir os códigos de comportamento feminino, docilidade e afeto. Ao contrário da representação de mulheres loucas em textos masculinos do mesmo período, elas não romantizam a loucura” (SHOWALTER, 1987, p. 211, tradução nossa)⁴.

Kaufman (2001) cunha o termo “Efeito Sylvia Plath” ao descobrir através de uma pesquisa “historiométrica” que “as poetisas eram mais propensas a mostrar sinais de doença mental em comparação com outros escritores (incluindo poetas homens) e mulheres bem conhecidas em outros domínios (arte, política, atuação e escrita não-poética)” (KAUFMAN, 2017, p. 173, tradução nossa)⁵. Mas até que ponto as causas poderiam ser medidas por testagens? O quanto desse sofrimento não seria advindo das violências culturais e cotidianas enraizadas na misoginia? E, se o sofrimento é indissociável da cultura e da política, como ele é concebido? A magnitude da violência estrutural de gênero fez surtir o interesse em entender de que maneiras ela se dá e como suas manifestações à época afetaram a subjetividade dessas mulheres, que culminou na passagem ao ato pelas mesmas. O que nessa seriação de casos, aqui em destaque o caso de Plath, nos leva a refletir sobre a cultura patriarcal e a violência que dela decorre.

Portanto, este trabalho se propõe a entender sob uma ótica feminista-psicanalítica⁶ as conjunturas culturais e sociais macroestruturais do patriarcado articuladas ao sofrimento psíquico, aos quais Esther – a personagem – e, conseqüentemente, Sylvia – a autora – foram submetidas. Para tal, o romance de Sylvia Plath será aqui discutido sob a luz do feminismo articulado à psicanálise, e, afim de fazer paralelos com o contexto

⁴Citação original: “They are guilt-ridden accounts [...] for transgressing the codes of feminine behavior, docility, and affection. Unlike the representation of madwomen in male texts of the same period, they do not romanticize madness” (SHOWALTER, 1987, p. 211).

⁵Citação original: “[...] female poets were more likely to show signs of mental illness compared to other writers (including male poets) and women well-known in other domains (art, politics, acting, and non-poetry writing)” (KAUFMAN, 2017, p. 173).

⁶A decisão de juntar “feminismo” e “psicanálise” em uma única palavra, marcada pela grafia hifenizada, se deu a partir da ideia de marcar a indissociabilidade entre estas perspectivas, da necessidade de tomar lugar feminista no campo da psicanálise. Afinal, “se a psicanálise é aberta a outros campos de conhecimento e deles se apropria para inaugurar um campo próprio – literatura, filosofia, mitologia, lógica matemática, artes, física, dentre outros –, ousamos dizer que, em nosso tempo, nos cabe enquanto intelectuais, comprometidos com a transmissão da psicanálise, na universidade, reafirmar e sustentar a abertura deste campo para além de si, interessados no enfrentamento das opressões estruturais” (MACHADO, 2021a, p. 6).

em que Esther e Plath se encontravam, será investigado de que maneira(s) o dispositivo amoroso e materno, introduzidos por Valeska Zanello, e as ofertas de feminilidade da burguesia, estudado por Maria Rita Kehl, afetam a constituição da subjetividade no sujeito mulher. Também, correlacionar com o conceito do “Anjo do Lar” de Virginia Woolf, que levanta pontos demasiadamente relevantes sobre a condição de ser uma mulher trabalhadora, mas revelando também como é doloroso o processo de dar fim ao Anjo ao tomar as rédeas da vida e, de que maneiras essa escolha pode gerar consequências aniquiladoras na vida de uma mulher.

E, por fim, contextualizar a obra no cenário sócio-político que os Estados Unidos viviam entre as décadas de 1950 e 60, almejando entender de que maneiras a sociedade burguesa patriarcal norte-americana maquinava seu discurso e fomentava, através da medicina e da psiquiatria, um ideal de feminilidade usado como forma de controle de corpos femininos.

DESENVOLVIMENTO

Tanto Sylvia como Esther tiveram suas vidas intrinsecamente atravessadas pela violência patriarcal e dominação masculina do século XX, heranças da sociedade vitoriana inglesa que possuía um caráter extremamente esterilizante quanto ao corpo e o espírito femininos. Tanto que é do modelo de mulher perfeita de seu tempo que a autora Virginia Woolf cunha o conceito do “Anjo do Lar”, entidade essa que Plath (e Woolf e tantas outras profissionais da escrita) teve que enfrentar diversas vezes em sua jornada enquanto mulher trabalhadora.

Virginia descreve o Anjo do Lar como uma pessoa extremamente simpática, encantadora, altruísta e, acima de tudo, pura. Ela é mestre em resolver questões do convívio familiar e nunca tem uma opinião ou vontade própria, pois prefere concordar com as opiniões e vontades dos outros. A autora metaforiza dizendo que, toda vez que sentava e erguia sua caneta para escrever, nesse caso resenhar sobre um romance de um famoso autor, o fantasma do Anjo aparecia atrás dela e dizia: “[...] ‘Querida, você é uma moça. Está escrevendo sobre um livro que foi escrito por um homem. Seja afável; seja meiga; lisonjeie; engane; use todas as artes e manhas de nosso sexo. Nunca deixe ninguém perceber que você tem

opinião própria. E principalmente seja pura’.” (WOOLF, 1931/2012, p. 5). Então, o Anjo tenta guiar sua caneta, mas Woolf não permite que isso aconteça; ela vai para cima da criatura e tenta enganá-la, afinal, se não a matasse, o Anjo a mataria.

Assim, toda vez que eu percebia a sombra de sua asa ou o brilho de sua auréola em cima da página, eu pegava o tinteiro e atirava nela. Demorou para morrer. Sua natureza fictícia lhe foi de grande ajuda. É muito mais difícil matar um fantasma do que uma realidade. Quando eu achava que já tinha acabado com ela, sempre reaparecia sorrateira. No fim consegui, e me orgulho, mas a luta foi dura [...] (WOOLF, 1931/2012, p. 5).

Contudo, mesmo após a derrota do Anjo, a autora traz à luz o fato de que ainda existem muitos fantasmas que precisam ser combatidos e muitos preconceitos a serem vencidos quando uma mulher decide bancar seu próprio desejo; sempre haverá um muro a ser escalado. Dessa forma, a professora e pesquisadora Valeska Zanello, através dos conceitos do “dispositivo amoroso” e “dispositivo materno” concebidos por ela, irá abordar em “Saúde mental, gênero e dispositivos” (2018) os desafios que as mulheres enfrentam dentro do que é entendido como normalidade, como status quo, na sociedade capitalista masculinista ocidental, explorando de quais formas a transgressão feminina gera represália por parte do patriarcado e como esse revide gera sofrimento.

Zanello (2018) explica que existem mecanismos sócio-políticos que interpelam e manipulam certas performances e formas de sentir, o amor sendo uma delas. Dessa maneira, o amor terá suas especificidades em cada manifestação que se configurar, seja em relação ao gênero, idade, povo, classe social e, também vale acrescentar, tempo histórico. Já entre os séculos XII e XIII, a Igreja Católica em expansão define o casamento como sacramento, de forma que quebrá-lo seria um pecado gravíssimo, além de segmentar a monogamia como alicerce desse matrimônio. A pesquisadora explica que

[...] instal[a]-se um controle cada vez maior da sexualidade e dos prazeres. O casamento legítimo era aquele colocado a serviço da prole e da família. Esta última foi eleita como

centro divulgador da fé cristã. Ademais, houve um interesse crescente do Estado moderno em controlar as uniões e os frutos delas decorrentes: a natalidade. Nesse sentido, o controle do casamento passou a ser, cada vez mais, um projeto político e religioso (ZANELLO, 2018, p. 55).

Além de pregar que o sexo deveria apenas ser exercido entre cônjuges e para fins de procriação, com a ausência total do amor-paixão, a Igreja ainda disseminava a ideia sexista de uma hierarquia no casamento. Nessa hierarquia, aos homens se caracterizava um papel que lhes eram permitidos uma liberdade sexual marcada pela poligamia esperada – pois viviam o amor-paixão com outras mulheres fora do matrimônio – e, às mulheres, se caracterizava um papel embrionário ao do Anjo do Lar, seis séculos antes de Woolf cunhar a ideia: elas tinham que ser puras, fieis, generosas e frígidas; “[...] valorizava-se como “capital” matrimonial o recato e a virgindade. Além disso, deveria ser obediente (submissa) ao marido e provedora de um amor que inspirasse apenas a ordem familiar” (ZANELLO, 2018, p. 56). Como o Anjo do Lar, a boa esposa é aquela nunca se queixa ou discute, pois é de responsabilidade dela a manutenção e paz familiar, mesmo que o valor a ser pago seja a expressão de seus verdadeiros afetos e pensamentos (BASSANEZI, 1996; DINIZ, 2004; PONDAAG, 2006 apud ZANELLO, 2018).

E se o adultério masculino era visto como algo a ser resolvido particularmente, o adultério feminino passou a ser tido como criminoso. Em *A redoma de vidro*, Plath escancara o quanto essa ideologia conservadora cristã ainda se mantinha firme na sociedade americana dos anos 1950, mas que começava a ruir às vésperas da implosão do grande movimento da Contracultura. Em uma passagem do livro, ao descobrir que seu então namorado, Buddy Willard, havia perdido a virgindade antes de se casar, a protagonista Esther passa a questionar e problematizar essa hierarquia na qual as consequências à fornicação eram muito mais lenientes a Buddy, do que seriam a ela:

Um artigo da Reader's Digest, que minha mãe havia recortado e me enviado, dizia que não havia método anticoncepcional cem por cento eficaz. Havia sido escrito por uma advogada casada e com filhos e era intitulado “Em defesa

da castidade”. O artigo listava todos os motivos por que uma garota devia se guardar para seu marido e só ir para a cama com ele depois do casamento. O principal argumento do artigo era que o mundo dos homens e o das mulheres são diferentes, assim como suas emoções, e que só o casamento é capaz de unir apropriadamente os dois. Minha mãe dizia que aquilo era algo que as garotas só descobriam quando era tarde demais, e por isso precisavam seguir os conselhos de especialistas, como as mulheres casadas. A advogada dizia que os melhores homens queriam se manter puros para suas esposas, e mesmo que não fossem puros, queriam poder ensinar sobre sexo para elas. Claro que eles ficavam tentando convencer a mulher a fazer sexo e diziam que o casamento viria em breve, mas assim que ela cedia, eles perdiam o respeito e começavam a dizer que, se ela fez aquilo com eles, podia fazer o mesmo com outros homens, e acabavam arruinando sua vida. A mulher terminava o artigo dizendo que é melhor ser prudente do que arrependida, e que além do mais não havia como garantir que você não ficaria grávida, e que nesse caso você estaria realmente ferrada. A única coisa que o artigo não parecia levar em conta eram os sentimentos da garota. [...] Eu não conseguia suportar a ideia da mulher ter que seguir uma vida pura enquanto o homem vivia uma vida dupla, uma pura e outra não (PLATH, 1963/2019, p. 92-93).

Em “A moral sexual ‘cultural’ e o nervosismo moderno” (1908/2015), Freud fala sobre uma dupla moral que era considerada para os homens, em que a “natural diferença dos sexos” era levada em questão e as transgressões masculinas eram, por obrigação, punidas menos rigorosamente que as femininas. Ele aponta para a nocividade dos efeitos que essa moral sexual cultural tem nos sujeitos em sua glorificação a monogamia, em especial a mulher, a quem era proibida toda e qualquer relação sexual fora do eixo conjugal monogâmico e a quem eram impostos enormes sacrifícios psíquicos pela impossibilidade de conduzir sua própria vida sexual, enquanto era obrigada a aceitar a vida dupla do homem, induzindo a um ciclo de hipocrisia. Em uma passagem do texto, essa dupla moral é posta em um exemplo claro, no qual Freud diz que “[...] os homens são sadios, mas imorais num grau socialmente indesejável, e as mulheres são nobres e muito refinadas, mas – gravemente neuróticas” (FREUD, 1908/2015, p. 260).

Com isso, o casamento tinha agora mais uma função, de ser antídoto para o “furor uterino das mulheres” (ZANELLO, 2018, p. 57), ou seja, não só era um adestrador do espírito, mas também do corpo feminino. É de se compreender o porquê de Esther durante todo o romance ser tão inflexível quanto a ideia de se casar e ter filhos; ela mesma afirma que “[a] última coisa que eu queria da vida era ‘segurança infinita’ ou ser o ‘lugar de onde a flecha parte’. Eu queria mudança e agitação, queria ser uma flecha avançando em todas as direções, como as luzes coloridas de um rojão de Quatro de Julho” (PLATH, 1963/2019, p. 95).

Zanello (2018) destaca que o século XIX, era da Revolução Industrial e tempo de grande desenvolvimento econômico e social, proporcionou inúmeras mudanças relevantes para os homens (brancos), como a possibilidade de ascensão social e política, porém praticamente nada para as mulheres (brancas). Além, é claro, da separação definitiva do espaço público e do espaço privado, do qual é concebida a representação arquetípica da “esposa”, ou o Anjo do Lar woolfiano. Outras “classificações” de mulheres surgem nessa época, como a da “prostituta”, a mulher perdida e libertina – ou “bruxa”, para Silvia Federici (2019) –, e da “solteirona”, a mulher vista como malsucedida, julgada como fracassada por não cumprir seu dever de mulher de se tornar uma esposa e uma mãe.

É possível ver evidentemente entre essas categorizações as personagens de Betsy, Doreen e Jota Cê, respectivamente, entendendo o dilema de Esther e o latente sofrimento que essa divisão moral trazia às mulheres. Maia (2011), como citado por Zanello (2018), elucida ao apontar que, “[t]anto a construção discursiva contra a luxúria abominável das putas, quanto a ironia e o sarcasmo contra as solteironas faziam parte e reforçavam a desejabilidade do casamento para todas as mulheres e do papel de esposa e mãe” (MAIA, 2011 apud ZANELLO, 2018, p. 58).

Outro fator importante fruto desse avanço sócio-político masculino do século XIX, é a influência da Medicina e sua sedimentação como “instituição de fiscalização e repressão moral” (ZANELLO, 2018, p. 57), passando a investigar a sexualidade feminina afim de controlar esses corpos da maneira mais eficaz possível, sustentados por um discurso higienista. O objetivo era implantar um terror moral, no qual a psiquiatria teve

um papel importantíssimo, estigmatizando mulheres como loucas e as institucionalizando por terem muita ou nenhuma volúpia, onde muitas vezes recebiam tratamentos severos e se tornavam incapacitadas (não é difícil imaginar quantas mulheres passaram por sessões de eletrochoque malsucedidas como Esther com dr. Gordon, ou até mesmo procedimentos como lobotomias malconduzidas). Dessa maneira,

[o] que era [...] interpelado às mulheres era o casamento – heterossexual, monogâmico e tradicional – e as performances a ele relacionadas. O casamento [...] perpetuava também não apenas a hierarquia homem/mulher, mas também a hierarquia dentre as mulheres (a esposa, a puta e a solteirona) (ZANELLO, 2018, p. 58).

Nessa hierarquia moral entre as mulheres, a “esposa” (ou seja, a mulher “digna de respeito”) deveria fugir de tudo que não condizia com a imagem familiar e de honestidade que ela possuía, se atentando com que vestia e como se portava – “[...] de preferência andar com os olhos baixos, contritas” (ZANELLO, 2018, p. 84). A vergonha, o pudor e a culpa eram o poderoso arsenal de controle do patriarcado usados para “moldar” a esposa ideal e, principalmente, a mãe perfeita. Para isso, a Medicina concebeu uma “explicação científica” afim de naturalizar com mais intensidade esse processo de domesticação do corpo feminino.

Esse discurso afirmava que a função natural, teleológica, da mulher, era a procriação. Ao estatuto biológico, procurava-se associar outro, de cunho moral. Os médicos repetiam sobre as mulheres não domesticadas as mesmas palavras dos padres: “cancro”, “chaga” etc. Além disso, afirmavam que o útero tinha vontade própria e um desejo inacreditável de conceber. Assim, interpretavam as doenças femininas como males essencialmente uterinos, os quais a maternidade poderia acalmar: “Tota mulier in utero” (Toda mulher no útero) (ZANELLO, 2018, p. 85).

Todavia, Sylvia já mostrava através de Esther como as mulheres de sua época estavam começando a duvidar desse discurso da completude psicológica e física que a maternidade supostamente trazia. Durante a visita que Esther faz a Buddy em Yale, ele a leva para assistir um parto no hospital onde estudava e lá, enquanto os discentes de medicina (incluindo

Buddy) e os médicos, todos homens, assistiam a parturiente aos gritos e davam risadas, Esther presenciava o acontecido como um filme de terror.

Fiquei tão chocada com a mesa onde estavam colocando a mulher que emudeci. Parecia uma horrenda mesa de tortura, com aqueles estribos de metal numa ponta e fios, tubos e instrumentos que eu não sabia para que serviam na outra.

Buddy e eu ficamos perto da janela, a alguns metros da mulher, de onde tínhamos uma visão perfeita.

A barriga da mulher era tão grande que eu não conseguia ver seu rosto ou a parte de cima de seu corpo. Ela parecia ter apenas um imenso ventre de aranha, além de duas perninhas magricelas escoradas nos estribos, e passou o parto inteiro soltando gemidos inumanos.

Mais tarde Buddy me contou que a mulher estava sob efeito de uma droga que a faria esquecer de toda a dor e que ela não sabia bem o que estava fazendo enquanto xingava e gemia porque estava numa espécie de torpor.

Achei que aquele era o tipo de droga que só um homem podia ter inventado. Ali estava uma mulher passando por um grande tormento, que não gemeria daquele jeito se não estivesse obviamente sentindo cada espasmo de dor, e ela voltaria para casa e faria outro bebê porque a droga a faria esquecer de como a dor tinha sido terrível—tudo isso enquanto, numa parte secreta de seu corpo, aquele corredor de aflição continuaria à sua espera, longo, escuro, sem portas nem janelas, pronto para abrir-se e devorá-la mais uma vez (PLATH, 1963/2019, p. 75-76).

A Medicina também defendia que as mulheres eram estruturalmente inferiores; a histeria e a melancolia femininas reduzia a mulher a um “ser débil, frágil, de natureza imbecil e enfermiça” (DEL PRIORE, 2009, p. 34 apud ZANELLO, 2018, p. 85), assim, gerar e parir um filho seria uma forma de comprovar que aquela mulher era “saúdável e moral”. É de suma importância assinalar que “[o] discurso médico configurou-se como um olhar interessado, masculino, estigmatizador, que construiu um saber sobre os corpos das mulheres, retirando delas sua própria voz” (ZANELLO, 2018, p. 85).

Em síntese, a ideologia burguesa-médico-cristã veio tentando configurar a subjetividade das mulheres desde os primórdios do desenvolvimento social e político ocidental, consolidando a soberania do casamento monogâmico e da maternidade compulsória como núcleos do processo de saneamento socioeconômico e colonização dos afetos femininos. Machado (2021b) aponta que “o efeito civilizatório centrado na moral burguesa opera, via educação para as meninas, promove[ndo] a destituição de seu valor e assim, a violenta e correlata oferta do lugar simbólico de desvalor, no qual a partir deste período passa a ser exigido a cada menina atender” (MACHADO, 2021b, p. 275).

O ofício doméstico e a maternidade se tornaram quase inerentes às mulheres e eram tidos como gratificantes por muitas delas, pois era desse lugar que recebiam reconhecimento e valor; mas, como apontado por Zanello (2018, p. 86), “[o] que se percebe [...] é que a pessoa da mulher ficou cada vez mais subsumida nessas funções, grande parte delas tomando para si mesmas essa “transparência”. Kehl (2008) também afirma que “[a] única identificação permitida para a menina, de acordo com os ideais de seu gênero, e que lhe promete alguma perspectiva de gratificação libidinal é a identificação à mãe, não enquanto mulher no sentido amplo [...], mas apenas na posição materna” (KEHL, 2008, p. 211, grifo nosso).

CONSIDERAÇÕES

O objetivo deste trabalho foi de localizar na experiência de Sylvia Plath e em *A redoma de vidro* (1963/2019) algo que fizesse parte da dimensão elementar, vital, da existência feminina, a qual todas as mulheres estão submetidas e são subalternizadas e de mostrar como, através de seu romance, Plath conseguiu encapsular através da história de Esther a violência poderosa da ideologia patriarcal, que até hoje limita e controla a vida das mulheres ao impor modelos aniquiladores de feminilidade – como o Anjo do Lar concebido por Virginia Woolf –, que as manipula e confina em uma espécie de redoma, onde a percepção de realidade que elas têm é distorcida e provoca nas mesmas a sensação um mal-estar quase estrutural; mal-estar esse que levou inúmeras a passagem ao ato, inclusive Sylvia.

Isto foi explicado a partir dos escritos freudianos que indicam que, na moral sexual cultural vivida no Ocidente, há a concessão de uma dupla moral para os homens na qual lhes são permitidos desenvolverem e desfrutarem de suas vidas sexuais, dentro e fora do casamento, sem maiores punições a tais infrações. Ao passo que as vivências das mulheres são atravessadas por ações coercitivas por meio de uma educação cerceadora, que as limitam ao matrimônio e a maternidade; porém, mesmo dentro deste escopo ou fora dele, seus corpos, mentes e espíritos são implacavelmente fiscalizados a todo momento.

REFERÊNCIAS

FREUD, Sigmund. A Feminilidade (1933): Nova Sequência de Conferências de Introdução à Psicanálise – Conferência XXXIII. In: _____. *Amor, sexualidade, feminilidade*: Obras incompletas de Sigmund Freud. Tradução de Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica, 2018. 312 p., p. 242-270.

FREUD, Sigmund. A moral sexual “cultural” e o nervosismo moderno (1908). In: _____. *Obras completas, volume 8*: O delírio e os sonhos na *Gradiva*, Análise da fobia de um garoto de cinco anos e outros textos (1906-1909). Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. 307 p., p. 251-271.

KAUFMAN, James C. From the Sylvia Plath Effect to Social Justice: Moving Forward With Creativity. *Europe's Journal of Psychology*, Bucharest, vol. 13, n. 2, p. 173-177, 2017. Disponível em: <<https://is.gd/R3ggJn>>. Acesso em: 12 jun. 25.

KEHL, Maria Rita. *Deslocamentos do feminino*: a mulher freudiana na passagem para a modernidade. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2008. 281 p.

MACHADO, Bárbara Breder. O que é ser contemporâneo hoje? Ou em defesa de uma psicanálise engajada. *Revista ECOS*, Campos dos Goytacazes, vol. 11, n. 1, p. 4-7, 2021. Disponível em: <<https://is.gd/EQQC5b>>. Acesso em: 12 jun. 25.

MACHADO, Bárbara Breder. Ensaio sobre Psicanálise e Feminismo: Reflexões sobre a dominação masculina a partir de textos freudianos. In: BONFIM, Flávia Gaze (org.). *Leituras Psicanalíticas sobre os Desafios da Atualidade*. 1. ed. Curitiba: Editora Bagai, 2021. 313 p., p. 270-285.

SHOWALTER, Elaine. *The Female Malady*: Women, Madness and English Culture 1830-1980. Londres: Virago Press, 1987. 310 p.

PINHO, Davi Ferreira de. *Of Angels and Demons: Virginia Woolf's Homicidal Legacy in Sylvia Plath's The Bell Jar*. 2010. 76 f. Dissertação (Mestrado em Letras: Literaturas de Língua Inglesa) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

PLATH, Sylvia. *A redoma de vidro*. 2. ed. Rio de Janeiro: Biblioteca Azul, 2019. 274 p.

WOOLF, Virginia. *Profissões para mulheres e outros artigos feministas*. Porto Alegre: L&PM, 2012. 62 p.

ZANELLO, Valeksa. *Saúde mental, gênero e dispositivos: Cultura e processos de subjetivação*. 1. ed. Curitiba: Appris, 2018. 367 p.

ZANELLO, Valeksa. *A prateleira do amor: sobre mulheres, homens e relações*. 1. ed. Curitiba: Appris, 2022, 144 p.

VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER: REFLEXÕES A PARTIR DE UMA AUTOETNOGRAFIA

Francielly Causthens Domingos Guimarães¹
Márcio Evaristo Beltrão²

INTRODUÇÃO

De acordo com o dicionário on-line de Português³, a violência é o constrangimento causado à pessoa, a tal ponto de obrigá-la a fazer alguma coisa contra sua vontade, oprimindo pelo uso da força. Abarca a violência física e a psicológica. O dicionário cita como exemplo a violência contra a mulher.

A violência sofrida pelas mulheres é antiga. Há séculos, elas têm suportado todo tipo de submissão e servido como moeda de troca em negócios variados, que vão desde casamentos arranjados até a simples libidinagem dos homens, legitimada por uma sociedade patriarcal e sexista. Já o debate em torno do processo de empoderamento das mulheres é, pelo contrário, recente, sendo fruto inegável do florescimento dos direitos humanos nos últimos anos e do movimento feminista a partir de meados do século XX.

De acordo com Tajra (2023)⁴, os números apontam um crescimento de 40% nos tribunais estaduais em 2022 de novos casos de feminicídio e violência doméstica contra a mulher. Já os casos pendentes na Justiça, ou seja, aqueles que permanecem em tramitação sem que tenham sido totalmente encerrados (arquivados, transferidos ou transitado em julgado), cresceram em torno de 15%. Em 2017, 455.641 casos foram registrados nos tribunais estaduais. Por sua vez, em 2022, esse número subiu para 640.867. Em relação aos processos pendentes, em 2017, havia 919.346 ações sobre o tema, enquanto em 2022, o número aumentou para 1.062.457 processos.

¹ Mestranda em Estudos de Linguagem (UFMT). CV: <http://lattes.cnpq.br/3575065899570478>

² Pós-doutorado em Ciências da Linguagem (UNICAP). Doutorado em Estudos de Linguagem (UFMT). Professor (UFMT). CV: <http://lattes.cnpq.br/4946711879533148>

³ Disponível em: <https://www.dicio.com.br/violencia>. Acesso em: 01 fev. 2025.

⁴ TAJRA, Alex. Registros de feminicídio e violência doméstica contra mulher cresceram 40%. CONSULTOR JURÍDICO, 2023. Disponível em: <https://is.gd/tYcLT7>. Acesso em: 01 fev. 2025.

Nesse contexto, com objetivo de compreender os tipos de comportamentos de homens e mulheres na sociedade atual, a abordagem qualitativa será empregada nesta pesquisa. Egidio (2024, p. 14) aduz que esse método “abarca uma realidade subjetiva com relação próxima e imbuída de valores entre pesquisador e participante”. Em relação a este trabalho, a relação ocorre entre uma das autoras do presente estudo e as vítimas da violência doméstica.

Ainda no que tange à metodologia, será utilizado o modelo autoetnográfico, que, de acordo com Santos (2017, p. 218), significa um tipo de fazer específico por “sua forma de proceder, ou seja, refere-se à maneira de construir um relato (“escrever”), sobre um grupo de pertença (“um povo”), a partir de “si mesmo” (da ótica daquele que escreve)”.

O referido modelo foi adotado visto que, por uma das autoras desta pesquisa ser agente de polícia civil, atuante nos casos envolvendo as vítimas de violência doméstica e familiar, é proposta uma reflexão sobre os entraves e as dificuldades enfrentadas pelas mulheres agredidas, com base nas vivências laborativas da autora.

Ao unir teoria e prática, busca-se compreender as causas da violência de gênero e principalmente a violência contra a mulher, por ser uma das manifestações mais devastadores dessa desigualdade. Autores como Safiotti (1988), Butler (2009) e Freud (2014) auxiliam na formação da reflexão crítica sobre desigualdade de gênero realizada neste estudo.

Inicialmente, o presente trabalho contextualiza e diferencia conceitos acerca de gênero, identidade de gênero, sexualidade e orientação sexual com o intuito de compreender as possíveis causas da violência de gênero e a violência contra a mulher. Em seguida, apresenta as causas determinantes do problema, discorrendo alguns dados de pesquisa e tecendo comentários. Por fim, são apresentadas reflexões sobre os dilemas e impasses vividos pelas mulheres agredidas diante do machismo e do sistema patriarcal, buscando possíveis soluções para o enfrentamento do problema.

SEXO E GÊNERO

O conceito de sexo se diferencia de gênero. De acordo com Fausto-Sterling (2000, p. 47), sexo:

refere-se às características biológicas e fisiológicas que distinguem os seres humanos como masculino e feminino, incluindo aspectos genéticos, hormonais e anatômicos. É uma categoria geralmente designada ao nascimento com base em características físicas (como órgãos genitais) (FAUSTO-STERLING, 2000, p. 47).

Assim, sexo seria um conjunto de características que permite diferenciar a mulher do homem, tratando-se de uma classificação do corpo da pessoa, com papéis específicos na reprodução. Vale destacar que, além de feminino e masculino, existe ainda a categoria denominada intersexo, a qual é aquela quando o corpo mescla aspectos do sexo feminino e do masculino ou não apresenta atributos que permitem a classificação de apenas um sexo, e isso se deve por variações de cromossomos ou órgãos genitais que estão fora do padrão. De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), cerca de 1% da população mundial é intersexual.⁵

Por sua vez, o conceito de gênero está relacionado a como a pessoa se expressa socialmente. A pesquisadora Judith Butler (2003, p. 15) explica:

Refere-se às construções sociais, culturais e comportamentais associadas ao que é entendido como masculino e feminino. Diferente do sexo, gênero é considerado uma categoria fluida e moldada por normas sociais, culturais e históricas, sendo frequentemente desconectada das características biológicas (BUTLER, 2003, p. 15).

Butler desafia as noções convencionais de identidade e questiona até que ponto o indivíduo é capaz de se constituir livremente, considerando a influência da linguagem e das convenções sociais. O que ocorre é que as pessoas, apenas com o conhecimento do sexo biológico, apontam projeções e anseios para o indivíduo e essas projeções são reproduções dos papéis de gênero, ou seja, do que é esperado desse indivíduo caso seja uma menina ou um menino.

Em um material disponível no curso “Segurança Pública e violência contra mulheres e meninas: do enfrentamento ao protagonismo feminino

⁵Sou intersexual, não hermafrodita. El País. Disponível em: <https://is.gd/oWvBah>. Acesso em: 25 jan. 2025.

na prevenção e redução da violência⁶” do Programa Nacional de Segurança Pública com Cidadania – PRONASCI (2024), é explicado que os brinquedos influenciam no desenvolvimento cognitivo das crianças, ou seja, na capacidade de aprender. Eles trazem uma mensagem do que se espera delas. As meninas ganham lousas e bonecas e os meninos carrinhos e lego. Ao brincar de ser professora, a menina pratica habilidades de comunicação verbal e com as bonecas de ser a cuidadora da prole e do marido, enquanto os meninos desenvolvem noção espacial com o lego.

Pelo exposto no curso, as diferenças entre os gêneros são determinadas pelo convívio social e não pelo sexo da criança. Os papéis de gênero variam com o decorrer da história e mudam segundo a raça, a cultura local e a família de cada um. Além do mais, a sociedade e a mídia acabam por ditar como homens e mulheres devem agir, criando padrões de comportamento para cada gênero e atuar fora do que se espera acaba provocando exclusão social.

Esse estudo acima mencionado restou confirmado pelas experiências diárias da autora deste texto nos atendimentos as vítimas da Lei Maria da Penha. Em sua grande maioria, as mulheres, no caso, vítimas, ao serem inquiridas na delegacia, se expressavam nitidamente como símbolo de fragilidade, assumindo exatamente papéis de esposas submissas, enquanto os homens, autores do fato, se apresentavam dominantes da situação, não reconhecendo a igualdade de gênero, mas o contrário, a superioridade de gênero, o que reforça que gênero é um construto social.

Algumas mulheres acreditavam ser algo normal e até merecido o comportamento abusivo do seu companheiro, o que justificava muitas vezes a demora em procurar ajuda profissional e policial, reforçando a ideia de submissão, que em nome da “unidade familiar” tolera as agressões e renuncia aos seus direitos.

Ao entendermos as questões de gênero como construto social e não algo intrínseco ao sexo biológico, é possível constatar que a violência contra a mulher é mais que um ato isolado de agressão. Ela faz parte de um sistema social que reforça a desigualdade, oriundo de um sistema de poder histórico e social entre homens e mulheres e que precisa ser combatido de forma urgente.

⁶Disponível em: <https://is.gd/1R8Ork>. Acesso em: 17 fev. 2025.

VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

A Lei nº 11.340/06, mais conhecida como Lei Maria da Penha, é um importante instrumento para combate à violência de gênero e à violência contra as mulheres. Recebeu esse nome em razão de Maria da Penha Maia Fernandes, cuja história é marcada por muita violência, inclusive duas tentativas de feminicídio. Maria da Penha foi alvejada nas costas, pelo marido Marco Antônio. Os disparos atingiram duas vértebras, comprometendo a medula óssea, o que a deixou parapléica.

Apesar de algumas conquistas, como essa Lei, ainda hoje não se vê a eficácia que a norma se propôs a fazer, tanto que, constantemente, são criadas leis e medidas para combater a violência, mas que têm sido em vão. Buscando auxiliar essas vítimas, uma das autoras deste texto assumiu o compromisso de dividir parte do seu conhecimento adquirido enquanto polícia comunitária com elas, por meio de palestras e, muitas vezes, quando ministra as preleções, é confrontada sobre a importância dessa lei no seu trabalho policial e atuação em situações concretas.

Quando finalizada a palestra, as mulheres fazem questionamentos e/ou perguntas para saber mais sobre a temática bem como surgem indagações sobre a culpa ser das mulheres que fazem mau uso da Lei, utilizando de medidas protetivas para resguardar direitos civis, como a guarda dos filhos, impedindo os genitores de se aproximarem em razão do distanciamento exigido na Lei, ou ainda, proteção do patrimônio impedindo de entregar bens móveis que seria do cônjuge.

Há quem entenda que um dos fatores é a pena branda. Em regra, são três meses de prisão pelo descumprimento de uma medida protetiva. Outros acreditam que seja a morosidade do judiciário, pois é de conhecimento de todos, que se leva muito tempo para um julgamento. Essas são versões apresentadas durante as palestras em um momento de reflexão que é feito com a comunidade. Como dado concreto sobre uma possível inefetividade da Lei, pode-se citar o relatório da Coordenadora do CRAS da cidade de Aragarças. Ela menciona que alguns programas não chegam ao conhecimento da vítima, como o programa “Goiás por elas”⁷. Assim como, não procuram ajuda como apoio emocional dos profissionais do

⁷ GOIÁS. Governo do Estado. **Goiás por Elas**, 2024. Disponível em: <https://goias.gov.br/social/goias-por-elas/>. Acesso em: 27 fev. 2025.

referido órgão. Ademais, muitas simplesmente abandonam o tratamento que realizam. Isso nos mostra que, embora tenhamos avançado legalmente, a mudança cultural e social, que é necessária para erradicar a violência contra a mulher, ainda está em construção.

De acordo com Carrie Paechter (2009, p. 24), as normas de conduta masculinas são estabelecidas e repassadas à sociedade através da cultura, como podemos notar em programas de televisão, filmes, páginas de internet, além do marketing em geral, uma vez que as ações realizadas nesses meios tendem a serem vistas como padrões comportamentais ideais. Consequentemente, essas mesmas normas ajudam a alimentar continuamente o patriarcado, bem como a definir os papéis sociais e sexuais de homens e mulheres, segundo uma ideologia machista, pois de acordo com a mesma autora, “a masculinidade ou a feminilidade de uma pessoa não é inata nem natural, mas algo que é aprendido, que é constantemente retrabalhado e reconfigurado, além de encenado para o *self* e para o outros”.

O patriarcado não é um modelo natural, mas fruto da construção política e social, em que o homem exerce o poder nas funções sociais com autoridade sobre a mulher e os filhos. A autora Saffioti (2015, p. 47) afirma que patriarcado “é o regime de dominação-exploração das mulheres pelos homens”. Pode-se concluir uma estrutura de poder com fundamento na ideologia, utilizando-se desta para definir a divisão de trabalho social e as questões sexuais, baseada no critério de sexo, contribuindo com isso para a manutenção do sistema capitalista ao explorar a mão de obra feminina e para intitular-las propriedades, cujo papel é a satisfação da lascívia masculina e de reprodução, sendo esse sistema social o causador da desigualdade de gênero e na legitimação da violência contra as mulheres.

Como servidora atuante na linha de frente no combate à violência contra a mulher, uma das autoras deste estudo percebe que essa estrutura de poder também se reflete em como as vítimas são tratadas em delegacias e outras instituições, muitas vezes, tendo seus relatos minimizados ou ignorados. Isso denota a importância de se ter agentes do sexo feminino na frente ao combate a essa violência, como delegadas, investigadoras e escrivãs.

As diferenças nos conceitos de gênero e na construção dos papéis de gênero tem reflexo na vida real. As mulheres cuidam dos filhos e da casa e os homens adquirem uma profissão. De acordo com a Organização das

Nações Unidas (ONU)⁸, as mulheres representam 70% das pessoas que vivem em situação de pobreza no mundo e elas são metade da população mundial. Além disso, a média salarial das mulheres é 24% inferior à dos homens⁹ e em todas as regiões do mundo, as mulheres trabalham mais que os homens chega a ser duas vezes e meia a quantidade de trabalho doméstico e cuidados não remunerados. Essa dura realidade é notada claramente nas oitivas das vítimas. As mulheres de classe baixa enfrentam desafios ainda maiores, sem contar que em sua grande maioria são mulheres negras.

Acrescenta-se que a falta de responsabilidade paterna na criação dos filhos e cuidados da casa, aliados a falta de creches e dificuldades de concluir os estudos, diminui as possibilidades de inserção no mercado de trabalho e acabam se valendo de trabalhos informais, sem garantia de estabilidade e proteção social. Diante dessa realidade, a pobreza e a violência contra mulheres se relacionam. Enquanto a violência afeta a capacidade produtiva e social, a pobreza gera dependência econômica, o que dificulta a mulher sair de relacionamentos abusivos.

Convém ressaltar a importância dos movimentos feministas, eis que suas lutas são em torno da igualdade de gênero, para que homens e mulheres desfrutem do mesmo status e compartilhem as mesmas oportunidades, direitos e liberdade, ou seja, almejam o fim da cultura centrada na ideia do patriarcado.

CAMINHO METODOLÓGICO

Pelo que já foi exposto, não há dúvidas de que este trabalho trata-se uma pesquisa sociológica, e sendo assim, a autoetnografia e o método qualitativo foram ferramentas importantes para o raciocínio desse estudo. A autoetnografia, conceituada em linhas atrás, se sustenta, de acordo com Santos (2017, p. 218) em um modelo triádico com três orientações: a metodológica, com base etnográfica e analítica; a cultural, com base na interpretação nos fatores vividos (memória), na relação entre pesquisador

⁸Registros de feminicídio e violência doméstica contra mulher cresceram 40%. Disponível em: <https://is.gd/OAvgaM>. Acesso em: 05 mar. 2025.

⁹Registros de feminicídio e violência doméstica contra mulher cresceram 40%. Disponível em: <https://is.gd/OAvgaM>. Acesso em: 05 mar. 2025.

e sujeitos/objetos da pesquisa e nos fenômenos sociais investigados; e por fim, na orientação de conteúdo, cuja base é a autobiografia com caráter reflexivo.

Nesse passo, foi utilizada a experiência pessoal de uma das autoras deste estudo, em que é descrita a real situação que as mulheres enfrentam para conseguir se libertar da dependência emocional e econômica dos homens, e para enfrentar as crenças culturais do machismo e do patriarcado, existindo uma relação de confiança com as vítimas da chamada violência doméstica, ou seja, entre a pesquisadora e o sujeito da pesquisa. Ademais, a escuta dessas mulheres proporcionou momentos de profunda reflexão e autorreflexão para citar interseções entre o pessoal/sujeito (micro) e o político (macro), fazendo compreender o mundo social, as diferenças socioculturais.

Sobre o método qualitativo, é importante trazer os ensinamentos de Denzin e Lincoln (*apud* Silvio 2017, p. 226) em que diz que:

O método qualitativo envolve uma interpretação. Os pesquisadores qualitativos estudam fatos, sujeitos (e/ou objetos) e situações sociais em seus ambientes naturais, tentando com isso, dar sentido ou interpretar fenômenos nos termos dos significados que as pessoas lhe conferem.

O método foi empregado uma vez que teve como material empírico a experiência pessoal de uma das autoras por trabalhar tantos anos com os casos de violência doméstica, realizando entrevistas para fazer as escutas nas delegacias, bem como todo estudo e preparação para as palestras e as trocas de informações com o grupo vulnerável. Esse conhecimento é fruto de informações privilegiadas em razão da função policial da autora. O contato íntimo e próximo proporcionou confiabilidade para acesso aos fatos mais obscuros que ocorre entre quatro paredes, além de entender as normas culturais da comunidade que acabam por influenciar nas tomadas de decisões das vítimas. Esses encontros motivaram esta servidora a assumir o compromisso de lutar pelos direitos das mulheres, uma forma de usar do cargo para fazer um bem, para deixar algo importante para a comunidade.

É importante destacar que uma das principais dificuldades observadas para vencer o machismo estrutural é convencer os homens a renun-

ciaram aos privilégios do poder e controle para compartilhá-lo em favor da uma sociedade mais justa e igualitária. Posto isso, é fulcral ressaltar que, apesar de antigo, atualmente, a sociedade vive um machismo oportunista. De acordo com o dicionário Aurélio¹⁰, “oportunismo é a habilidade em tirar partido de circunstâncias ou fatos para a obtenção de algo”. Deste modo, machismo oportunista ocorre quando o machismo é aplicado de maneira seletiva, conforme a conveniência de quem o pratica, ou seja, apenas quando lhe é vantajoso. Por sua vez, em outros momentos, o homem pode até se mostrar progressista ou igualitário.

Aqui, adentramos nas questões econômicas. O patriarcado não se resume apenas à dominação da mulher ou à disseminação da ideologia machista. A escritora Saffioti (1979, p. 150) diz que esse processo também é fruto da exploração econômica, sendo o homem o principal beneficiário. O capitalismo mantém essa socialização machista, fortalecendo a relação de desigualdade e com isso “estabelece como destino natural das mulheres a sua submissão e exploração pelos homens, forçando-as muitas vezes a reproduzirem o comportamento machista violento”.

No cotidiano de uma das autoras deste texto como policial, quando ela inquirir as testemunhas do sexo masculino, percebe o quanto os homens são unidos. Primeiramente, eles querem saber se o agressor tomará conhecimento de suas falas. Depois, eles dizem que não sabiam de nada, que estavam sempre muito ocupados para saber do relacionamento dos outros, e assim escorregam das perguntas e “nada sabem dos fatos”. O agressor, de igual forma, ou nega totalmente os fatos afirmando que as vítimas de utilizam de falácias para prejudicá-los por ter algum interesse nisso ou fazem o uso do direito de falar somente em juízo.

Muitos homens não aceitam realizar os serviços domésticos, como lavar roupas, cozinhar, cuidar dos filhos, pois dizem que isso é serviço de mulher, porém não se importam em contar com a renda que elas fazem fora de casa, inclusive muitos se beneficiam dos salários de suas esposas, que dividem ou fazem toda a despesa alimentícia da família e assim por diante, existindo aqui um paradoxo na dinâmica de poder.

O sistema patriarcal é um mecanismo de opressão. O machismo se opera por meio de atitudes e opiniões que negam a igualdade de direitos

¹⁰ Disponível em: <https://www.dicio.com.br/oportunismo>. Acesso em: 01 fev. 2025.

entre homem e mulher. Assim, por meio das experiências em prática laboral de uma das autoras deste texto, foi possível perceber que, quando homens se deparam com mulheres conscientes dos seus direitos, dispostas a romper o ciclo de abuso, muitas vezes usam da violência para reafirmar seu lugar de poder.

Além disso, a dominação e submissão das mulheres se reflete na dificuldade de buscar ajuda em situações de abuso, devido à pressão social para manter a estabilidade familiar, principalmente as mulheres em idade mais avançada, sendo observado que muitas delas foram “ensinadas” a suportar a violência temendo ser rotuladas como mulheres solteiras, “largadas”. Estando frente a frente com essas mulheres, partilhando desses momentos, os autores deste trabalho se entristecem em ver essa resistência, embora compreensiva, pois a mulher não se sente amparada pela Justiça ou pela sociedade, deixando sobrepor o medo e a vergonha.

Perante o exposto, observa-se que é preciso promover uma cultura de respeito, igualdade e empoderamento feminino para desconstruir os paradigmas patriarcais e machistas que perpetuam a desigualdade de gênero e a violência contra as mulheres, por meio de políticas públicas eficazes, de uma educação inclusiva e maior apoio as vítimas de violência de gênero. Enquanto servidora que atua frente ao combate da violência contra as mulheres, uma das autoras realiza o processo de escuta delas e observa o quanto é importante esse trabalho de conscientização, inclusive ao ministrar palestras sobre o assunto, pois é um momento de debate, reflexão e aproximação com as vítimas, especialmente aquelas que ainda não tiveram a coragem de ir a uma delegacia. A emancipação social por meio da linguagem, com apoio as vítimas são ferramentas importantes para desconstruir a ideia de submissão e abuso que as mulheres devem tolerar.

Logo, a questão da conscientização da violência contra a mulher é um trabalho em equipe com a união das forças da segurança pública, em especial da polícia civil e militar, que com muito esforço e organização, podem alcançar o fim almejado. Entretanto, por vezes, esse importante trabalho não é visto ou valorizado, e para alguns, é considerado até utópico. Entretanto, ele deve ser visto e tratado como um meio de conscientizar a população sobre a necessidade de respeito e igualdade entre os gêneros, não somente por meio de Leis, as quais têm se mostrado ineficazes, mas também por meio de uma mudança cultural e promoção do empoderamento feminino.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente capítulo, buscou-se apresentar conceitos do que seria sexo, gênero, identidade de gênero, sexualidade e orientação sexual. A partir da compreensão desses conceitos, foi possível diferenciá-los, para se chegar a compreensões acerca de violência de gênero e violência contra a mulher.

Ao longo da jornada de uma das autoras desse texto como policial civil, a compreensão das questões de gênero, sexualidade e orientação sexual foi de suma importância para proporcionar um atendimento mais sensível e eficaz às vítimas de violência, contudo, percebo que as estruturas normativas de gênero e a exclusão social são reais e considerados impeditivos para a prevenção e combate à violência de gênero. Deste modo, foi possível fazer uma reflexão do sistema de dominação que os homens exerceram e continuam exercendo atualmente e que estão relacionados à violência de gênero e contra as mulheres.

Sapiente do machismo estrutural e do patriarcado, este estudo evidenciou que essa violência é resultado de uma construção social que reforça desigualdades e hierarquias entre homens e mulheres. O machismo influencia comportamentos opressores e violentos e a mudança não está na culpa ou no ataque, mas no incentivo ao autoconhecimento, ao entendimento dos benefícios da igualdade e na construção de um modelo de masculinidade mais saudável e justo. Desse modo, é importante reconhecer e combater a violência de gênero para promover a igualdade e a segurança para todos.

Esse tipo de violência está diretamente ligado às normas sociais que dão poder e autoridade aos homens e subjugam as mulheres, narrando que o lugar delas tem posição de subordinação. Em razão das oitivas realizadas por uma das autoras deste trabalho, foi possível notar que a resistência a essas normas é um dos fatores determinantes para que as mulheres se tornem vítimas de violência, não só por parte de seus parceiros, mas da sociedade em geral.

Portanto, esse estudo é de grande valia, uma vez que buscou contribuir para a compreensão e enfrentamento de um problema social grave e complexo. Quando se tem a consciência da forte influência da cultura patriarcal causadora da violência de gênero, em especial da violência contra

a mulher, é possível elaborar políticas públicas mais eficientes e provocar uma mudança cultural que valorize a igualdade de gênero, e assim, o respeito aos direitos das mulheres, principalmente de não serem violentadas.

REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade. Tradução de Renato Aguiar. Revisão Técnica de Joel Birman. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

EGIDO, Alex Alves. **A-Z de metodologia em pesquisa**: estudos qualitativos, linguísticos e educacionais. São Luís: EDUFMA, 2024

FAUSTO-STERLING, Anne. Os cinco sexos: Por que macho e fêmea não são suficientes. In: FAUSTO-STERLING, Anne. **Corpos que importam**: Sobre os limites e possibilidades do sexo. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

FREUD, Sigmund. A dissolução do Complexo de Édipo (1924). In: FREUD, Sigmund. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Volume 19 (1923-1925). O ego e o id e outros trabalhos. Rio de Janeiro, Imago, 2014.

LACAN, Jacques. A significação do falo. In: LACAN, Jacques. **Escritos**. Rio de Janeiro, JZE, 1998.

PAECHTER, Carrie. **Meninos e meninas: aprendendo sobre masculinidades e feminilidades**. Trad. Rita Terezinha Schmidt. Porto Alegre: Artmed, 2009.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **A mulher na sociedade de classes**: mitos e realidade. Rio de Janeiro: Rocco, 1979.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **Gênero, patriarcado e Violência**. 2. Ed. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2015.

SANTOS, Silvio Matheus Alves. O método da autoetnografia na pesquisa sociológica: autores, perspectivas e desafios. **Plural. Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP**, São Paulo, 2017.

MONOPÓLIO MARÍTIMO COLONIAL: A FIRMA WOERMANN NA ÁFRICA ALEMÃ DO SUDOESTE (MORENGA (1978), DE UWE TIMM)

Denise Rocha¹

INTRODUÇÃO

Em 1978, Uwe Timm publicou o romance *Morenga*, que evoca a história da África Alemã do Sudoeste (1884-1919), atual Namíbia, localizada no amplo território delimitado pelo rio Kunene (Angola), ao norte, e pelo rio Orange (Kapstadt), ao sul.

O Protetorado germânico, fundado em 1884, teve a estrutura econômica alicerçada por três empresas monopolistas: a *Deutsche Kolonialgesellschaft für Südwestafrika*/ a *Sociedade Colonial para a África Alemã do Sudoeste* (Berlim), e a venda de mercadorias; a Firma *Tippelskirch* (Berlim), atuante no armamento e outros dispositivos para as tropas, como uniformes, botas, chapéus, barracas etc. (Berlim); e a *Woermann-Linie*/ *Linha Woermann* (Hamburg), responsável pelo transporte de pessoas, cargas e animais. Tal entrelaçamento econômico revela a base administrativa do imperialismo alemão, segundo Horst Drechsler na obra, *Südwestafrika unter deutscher Herrschaft*/ *África do Sudoeste sob dominação alemã*, que é mencionada no capítulo *Geschäftswelt*/ *Mundo de negócios*, do romance Timm (DRECHSLER *apud* TIMM, 2003, p. 54-56).

O ano de 1883 marca o início da ocupação geopolítica e econômica alemã, no Atlântico sul, que ocorreu com duas aquisições particulares, realizadas por Heinrich Vogelsang (1862-1914), agente do comerciante de Bremen, Adolf Lüderitz (1834-1886): 1) contrato de compra de terras e direito de exploração de minas com Piet Haibib, chefe dos *Topnaar* (Nama), de Scheppmannsdorf, em 19 de agosto; e 2) contrato de aquisição de terras com Josef Frederiks II, chefe dos *Bethanien-Orlam* (Nama), na presença do missionário Johannes Bam, em 25 de agosto. Antes da

¹ Pós-doutoranda em Língua e Literatura Alemã (USP). Doutorado em Letras (UNESP). Pesquisadora USP. CV: <http://lattes.cnpq.br/2543558632930157>

chegada dos germânicos, o território tinha sido ocupado por missões evangélicas inglesas, finlandesas e alemãs, e muitos líderes nativos e filhos foram batizados e alfabetizados.

Adolf Lüderitz vendeu parte de suas terras para a *Deutsche Kolonialgesellschaft/Sociedade Colonial Alemã*, em 1894. Em 5 de setembro do mesmo ano foi criado o Protetorado germânico, nomeado como *Deutsch-Südwestafrika/África Alemã do Sudoeste*, que estabeleceu contratos de proteção a várias tribos, principalmente, por causa de roubos de gado e de invasões em fontes de água. Ainda em 1884, a *Woermann-Linie* foi expandida até o porto atlântico de Swakopmund com transporte de civis, militares, mercadorias e cavalos. O monopólio de sua frota, que foi ampliada durante os anos dos conflitos (1904-1907), entre diferentes grupos dos *Herero* (norte) e *Nama* (centro e sul) e respectivas subtribos contra os alemães, gerou lucros extraordinários. Em *Diário da África. O diário de um médico alemão na “guerra dos hotentotes”*, Karl Wilhelm Schinke descreve suas experiências a bordo do *Belgrano*, da Firma *Woermann*.

O objetivo do estudo, “Monopólio marítimo colonial: a Firma *Woermann* na África Alemã do Sudoeste (*Morenga* (1978), de Uwe Timm)” é evocar a história dessa firma de Hamburgo e seus reflexos na narrativa *Morenga* (1978), de Uwe Timm, principalmente, nos relatos do veterinário militar, Johannes Gottschalk. Ele narra sobre a longa viagem (1904) pelo Atlântico até o sul da África, as expectativas e os percalços no navio *Gertrud Woermann*, de Hamburgo a Swakopmund, e no retorno (1907), a bordo do *Adolph Woermann*, de Lüderitz rumo a Hamburgo. A análise será baseada no conceito de imagem (Burke), entre outros.

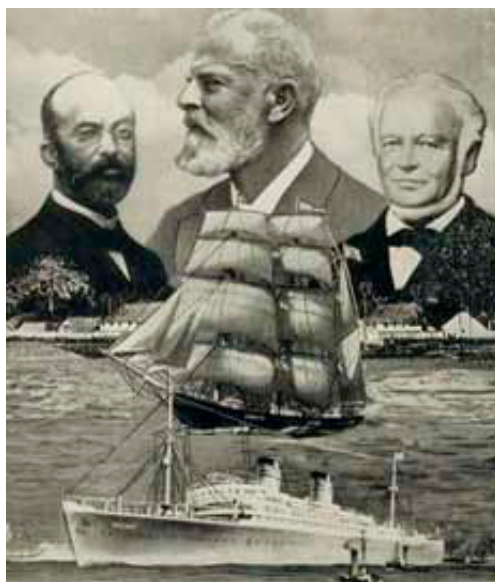
1- IMAGEM (PETER BURKE)

Na obra *Testemunha ocular: história e imagem*, Peter Burke (1937), professor emérito de História na Universidade de Cambridge, Inglaterra, destaca que “as imagens, assim como textos e testemunhos orais, constituem-se numa forma importante de evidência histórica. Elas registram atos de testemunho ocular” (Burke, 2004, p. 17). As imagens, como registros, devem ser usadas para compreensão de outras épocas, como extensões dos contextos sociais nos quais foram produzidas.

A *Firma Woermann* tem muitos registros concretos (documentos, fotografias, pinturas dos proprietários, de navios e de prédios nacionais e internacionais), que revelam o grande domínio monopolista colonial (registro abstrato).

2- DE CASA COMERCIAL C. WOERMANN (1833) À WOERMANN-LINHA DA ÁFRICA ALEMÃ DO SUDOESTE (1884)

Fig. 1- Haus Woermann/ Casa Woermann: Comércio e Navegação Eduard (1863-1920), Adolph (1847-1911) e Carl Woermann (1813-1880)



Fonte: <<https://picryl.com/media/haus-woermann-79dc11>>

A *Handelshaus C. Woermann/ Casa Comercial C. Woermann*, uma empresa de Hamburgo, Alemanha, foi fundada, em 1837, por Carl Woermann (1813-1880), oriundo de uma família de fabricantes de linho. A firma usava navios fretados e, inicialmente, enviava linho e cerâmica para a América do sul, Índia Ocidental e Austrália e, depois, para a Libéria. Em 1847, o proprietário Carl adquiriu uma *Brigg* (dois Mastros), denominado com o nome de sua primeira esposa *Eleonore* e, em 1849, enviou o *cuter*

Constanze para a costa africana ocidental. No ano de 1852, ele comprou a escuna *Liberien* para comercializar no país homônimo, onde fundou (1854) a primeira filial, em Monrovia (DEUTSCH, s.d., p. 1).

Cinco anos mais tarde, a firma tinha oito navios. A expansão comercial prosseguiu com a fundação de filiais: a primeira em Gabão (1862), com o representante E. Schulze (1867), que se tornou o primeiro cônsul alemão em Libreville; e duas filiais em Camarões (1868), uma perto do rio homônimo e outra em Duala (1881), no continente (CARL, s.d., p. 1). O comércio era feito com a entrega de produtos a crédito (conhaque, armas etc.) com o recebimento posterior de óleo de palma, borracha, coco, banana, marfim, amendoim etc. (NEBE, 2024, p. 1 e 2).

No ano de 1860, ao ser nomeado sucessor do pai Carl, Adolph Woermann (1847-1911) adquiriu uma firma de sucesso com uma frota africana, que enriqueceu ainda mais em parceria com a firma *Carl Goe-delt*, na exportação de óleo de palma da Libéria, para uso industrial. A concorrência africana aumentou com a participação da empresa *Jantzen & Thormälen*, uma antiga parceira da *Woermann*.

Em fevereiro de 1870, um consórcio de comerciantes, banqueiros comerciantes e banqueiros particulares, fundou o *Commerz- und Disconto-Bank/ Banco de Comércio e de Desconto*, em Hamburg, e a primeira ação foi assinada por Carl Woermann. Seu sucessor Adolph, sócio desde 1874, modernizou o empreendimento com a aquisição do *Aline Woermann*, o primeiro navio a vapor. A partir de 1878, a empresa concentrou-se apenas no comércio africano com a venda de produtos alemães acessíveis, e a garantia de mão de obra local para a produção de matérias primas, direcionadas para as fábricas germânicas. Adolph, que desde os 14 anos foi aprendiz na firma paterna, após encerrar a capacitação, viajou durante cinco anos pela Ásia do sul, China, Japão e os E.U.A.

Dois anos mais tarde com o falecimento do fundador Carl, em 1880, a empresa dispunha de doze navios à vela e um navio a vapor, o mais moderno da época: a firma tinha 24 das 48 fábricas existentes na costa da África Oeste; e cinco anos mais tarde, no dia 15 de junho de 1885, houve um desmembramento da *Woermann-Line* com a fundação da *Afrikanische Dampfschiffahrts-Actiengesellschaft/ Companhia Africana de Navios a Vapor - Sociedade Anônima*. Os fundadores eram Adolph

Woermann (1847-1911), Johann August Gottfried Bolten (1812-1887), Theodor Wille (1818-1892), Carl Ferdinand Laeisz (1853-1900), Eduard Friedrich Weber (1830-1907), Ernst Barth e Ernst Gossler (1806-1889).

Adolph Woermann foi deputado do Partido Liberal Nacional (1884-1890) no *Reichstag*, como um dos três representantes de Hamburg. Em 1890, Adolph foi eleito para o *Conselho Colonial*, órgão consultivo para questões coloniais, que determinou os princípios básicos da política colonial (ADOLPH, s.d., p. 1).

2.1- A CASA DA ÁFRICA (1899), EM HAMBURG, E A FIRMA WOERMANN (1894), EM SWAKOPMUND (ÁFRICA ALEMÃ DO SUDOESTE)

A *Firma Woermann*, que tinha iniciado serviços de navegação no continente africano - as Linhas *África Alemã do Oeste* (1849) e *África Alemã do Sudoeste* (1884) -, fundou a *Sociedade Anônima Africana de Navios a Vapor Linha Woermann* (1885). (WOERMANN-LINIE, s.d., p. 1).

Fig. 2- *Afrikahaus/ Casa da África*, em Hamburg



Fonte: <https://is.gd/poozJ9>

Diante da expansão internacional dessa empresa foi iniciada, em 1899, a construção da *Afrikahaus*, a nova matriz, que tinha departamentos comerciais, de logística e de expedição. Ela foi projetada pelo arquiteto Martin Halle: dois elefantes de bronze (Porta dos Elefantes) estão na entrada do pátio interior, bem como uma estátua de bronze de um africano com lança, do escultor Walter Sintenis (1867-1911), adorna a porta de entrada (AFRIKAHAUS, s.d., p. 1).

Em Swakopmund, no litoral atlântico da África Alemã do Sudoeste, foi construída, em 1894, a primeira sucursal da *Woermann*: a *Damara-Namaqua Handelsgesellschaft*/a *Damara-Namaqua Sociedade Comercial*. Essa companhia abrangia um amplo território: a *Damaraland*/ *Terra dos Damara*, localizada ao norte da região central, e a *Namaqualand*/ *Terra dos Namaqua*/ *Nama*, situada no sul, ao norte do rio Orange (WOERMANN & BROCK, s.d., p. 1).

Fig. 3- Firma *Woermann*, em Swakopmund



Fonte: <https://is.gd/sbiJR0>

A Firma tinha um complexo de edifícios, executados segundos os planos do arquiteto Friedrich Höft, em estilo *Fachwerk/ Enxaimel*: um prédio principal, a *Damaraturm*/a *Torre Damara*, como torre de água, mastro de bandeira e mirante para navios que chegavam, e um pátio interior. No beiral da cobertura da escada, que saía deste pátio para a casa principal, foram afixados dois ditados: “Jeder lasse hier. Zwietracht vor der Haustür”/ “Cada um deixa a discórdia à porta” e “In diesen Mauern mög Eintracht dauern”/ “Nestas paredes pode durar a harmonia”. No ano de 1903 e 1904 foram construídos outros escritórios (WOERMANNHAUS, s.d. p. 1).

A região da foz do rio Swakop, cuja povoação foi denominada como Swakopmund, não tinha proteção natural para o atraque dos navios, mas o improvisado porto se tornou o principal polo de importações e exportações para todo o território. Em 1893, depois da criação da *Schutztruppe*/ *Tropa de Proteção*, os primeiros 120 soldados e 40 colonos foram tirados do navio em embarcações a remo, por membros da tribo

Kru de Monrovia, na Libéria, cujo chefe tinha feito um contrato com a Firma *Woermann*, a qual empregava cerca de 600 nativos *Kru*, como carregadores (CIDADE, s.d., p. 7)

As viagens de Hamburg rumo à África Alemã do Sudoeste e de retorno para a Alemanha, a bordo de navios *Woermann*, bem como o desembarque de muitos membros da tropa, carregados nas costas dos *Kru* e colocados na praia de Swakopmund, são alguns dos temas do romance *Morenga*, segundo as experiências de Johannes Gottschalk, personagem ficcional.

3- O ENRIQUECIMENTO DA FIRMA WOERMANN POR CAUSA DOS CONFLITOS ARMADOS ENTRE OS ALEMÃES E SAMUEL MAHARERO E HENDRIK WITBOOI

Ocorreram confrontos bélicos na África Alemã do Sudoeste, nos anos 1904 a 1907, ao norte, ao centro e ao sul, entre alguns chefes nativos, principalmente, Samuel Maharero (1856-1923) e Hendrik Witbooi (1830-1905), e os alemães, apesar dos vários contratos de proteção acordados entre eles: ataque inesperado de Maharero, líder dos *Herero* e subtribos, altamente endividado com comerciantes germânicos, no dia 11 de janeiro de 1904, ao norte, com o resultado de 123 mortos, civis e militares; o confronto terminou na batalha de Waterberg, em 11 de agosto do mesmo ano (SAMUEL, s.d., p. 1). Maharero pediu asilo, por escrito, em Betschuanaland (atual Botswana), a leste, e migrou com membros da realeza, deixando a grande parte dos súditos para trás, expostos às agruras do deserto.

Hendrik Witbooi era chefe dos *Khowesin*, uma subtribo dos *Khoikhoi*, os *Nam*, em referência ao território conhecido como *Namaqualand/ Terra dos Nama*, localizado acima do rio Orange. Desde setembro de 1904, o metodista Hendrik começou a ser influenciado pelo ‘profeta’ Shepherd Stuurman (Hendrik Bekeer), representante do ‘Movimento da Etiópia’, direcionado contra os missionários europeus, e a favor de um cristianismo africano. Na crença de ter sido escolhido por Deus para lutar pela libertação de seu povo, Witbooi, em carta de 3 de outubro de 1904, comunicou ao capitão distrital de Gibeon, Henning von Burgsdorf (1867-1904), duas medidas: a revogação do contrato de proteção com os alemães e a declara-

ção de guerra. Burgsdorf imediatamente se dirigiu até ele, e acabou sendo assassinado com um tiro nas costas. Nesse mesmo dia, o líder começou ataques contra as tropas e os fazendeiros, e morreu em 29 de outubro de 1905 (HENDRIK, s.d., p. 1)

Enquanto os *Herero* combatiam em campo aberto, outros grupos preferiam a tática de guerrilha, com ataques rápidos em carretas militares de mantimentos, de armamentos e munições, em roubos de gado, bois, cavalos, cabras etc. O líder das guerrilhas era Jakob Morenga (1875-1907), oriundo da colônia inglesa de Kapstadt: um mercenário apoiado com armamento dos britânicos, que almejavam expulsar os alemães. Ele foi assassinado em combate por um soldado nativo do exército inglês (TIMM, 2003, p. 548-550). O título *Morenga* refere-se a tal controverso personagem.

Depois do inesperado ataque dos *Herero*, em 11 de janeiro de 1904, acima mencionado, a *Schutztruppe/a Tropa de Proteção* foi aumentada com cerca de 500 Fuzileiros Navais e voluntários, como o veterinário, Johannes Gottschalk, um dos protagonistas de *Morenga*. Por causa dos crescentes conflitos na África Alemã do Sudoeste, a *Linha Woermann* transportou militares, armamentos, munições e outros equipamentos bélicos, bem como cavalos e provisões para pessoas e animais etc.

Em relação à influência da Companhia de Comércio e de Navegação Woermann na antiga África Alemã do Sudoeste, Cai Nebe no artigo, Como um armador alemão impulsionou o colonialismo na África, esclarece:

A Linha Woermann monopolizou o transporte para as colônias alemãs e enviou cerca de 15 mil soldados ao Sudoeste da África para esmagar a revolta Herero e Nama entre 1904 e 1907. Ganhou milhões com o transporte de pessoas, materiais e armas para o Estado alemão. A certa altura, chegou a mais de milhões de marcos, uma soma astronômica para a época, custeada pelos contribuintes alemães.

Os namas e hereros que sobreviveram à campanha militar foram levados para campos de detenção em Swakopmund e Lüderitz. Lá, empresas alemãs, incluindo a Woermann, usaram o trabalho escravo dos prisioneiros de guerra em projetos de infraestrutura, como a construção de linhas férreas e portos (NEBE, 2024, p. 1).

3.1- UMA VIAGEM NO *BELGRANO* (*WOERMANN-LINIE*): O DIÁRIO DE UM MÉDICO ALEMÃO NA “GUERRA DOS HOTENTOTES”, DE KARL WILHELM SCHINKE (1859-1941)

Fig. 4- Partida do Vapor *Alexandra Woermann* (1904). Membros da Tropa de Proteção/ Schutztruppe



Fonte: <https://is.gd/i9QYSX>

A saída triunfante do porto de Hamburg para a África Alemã do Sudoeste, com membros da Tropa de Proteção, saudando aqueles que estavam no cais Peterson, conforme a foto acima, a bordo do *Alexandra Woermann* (1904), e outros da mesma companhia marítima, foi uma atividade constante nos anos 1904 a 1907. A viagem no *Belgrano* é relatada pelo médico militar, Karl Wilhelm Schinke (1859-1941), no *Diário da África. O diário de um médico alemão na “guerra dos hotentotes”*. Nesse relato minucioso, Schinke relata sobre os desafios do deslocamento transatlântico: a rotina militar, as dificuldades, as brincadeiras etc.

O médico Schinke informa, que na chegada à Monrovia destacaram-se os *Kru*, “tatuados com uma estria bem escura desde a base do nariz, subindo a testa até a raiz do cabelo”, os quais iriam atuar como carregadores no porto principal da África Alemã do Sudoeste “Sem esses

rapazes Kru, o navio não pode chegar a Swakopmund. Esses moços se destinam a fazer o desembarque da mercadoria e guiar a tripulação com segurança pela arrebentação” (SCHINKE, 2009, p. 55 e 57).

A bordo do *Belgrano*, de acordo com Schinke, ocorreu a celebração do ‘batismo equatorial: primeiro, o cortejo da tripulação com a banda de música de Netuno e sua esposa, os ministros e o barbeiro que, com uma brocha de pintor, ensaboava o rosto dos candidatos e simulava raspar a barba com uma enorme navalha de madeira e pentear o cabelo com um grande pente de cavalo. E, segundo, o ritual era feito também com os oficiais, recebidos pelo pastor que proferia um discurso sobre o batismo e mencionava as características do candidato; este era mergulhado na enorme bacia de lona e aspergido com jatos de água (SCHINKE, 2009, p. 59-51). Alguns episódios, como o recrutamento de trabalhadores *Kru*, por representantes da firma *Woermann*, bem como a comemoração do ‘batismo equatorial’, são mencionados em *Morenga*.

4- MORENGA: A PARTICIPAÇÃO DOS NAVIOS WOERMANN

No romance de Uwe Timm, que tem múltiplos narradores e 26 capítulos, destacam-se: 1) *Estudos da terra* e 2) *Relatos das batalhas*. O primeiro grupo tem três partes: 1- *Como Gorth pregou o Evangelho, falou com bois e se desviou do caminho certo* (a vinda dos missionários); 2. *Klügge, a cartola no Père Lachaise e o fim das avestruzes na região de Bethanien ou: o barril* (a chegada dos comerciantes); e 3. *O teodolito ou: dos benefícios da sardinha no óleo* (a vinda dos técnicos topográficos). O segundo grupo está dividido em três episódios militares: 1- *Gross- Nabas* (local de batalha); 2- *O cerco de Warmbad*; e 3- *Os empreendimentos do Coronel Deimling contra Morenga nas Montanhas Karas em março de 1905*.

A narrativa inicia-se com *Vorzeichen/Sinais* a respeito de informações sobre os inesperados ataques dos *Bondelzwart* contra os alemães (1903) e outro grupo não especificado (1904). No capítulo seguinte, *Jenseits der Brandung/Do outro lado da arrebentação das ondas*, o protagonista militar, o veterinário Johannes Gottschalk, relata sobre suas origens, a viagem internacional e suas experiências, como voluntário da *Schutztruppe/ Tropa de Proteção*, uma força bélica aumentada para atuar nos conflitos, princi-

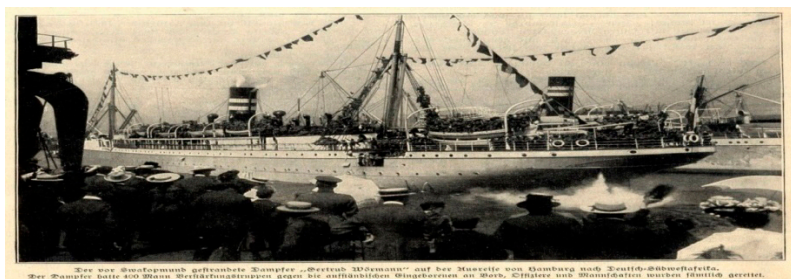
palmente, entre Samuel Maharero, líder dos *Herero*, e Hendrik Witbooi, chefe dos *Orlam-Nama*, contra os alemães.

4.1- DE HAMBURG PARA SWAKOPMUND (1904), NO NAVIO *GERTRUD WOERMANN*

Johannes Gottschalk, filho único de uma família proprietária de uma loja de artigos coloniais – café, cacau, açúcar, especiarias etc., em Glückstadt, alistou-se como veterinário voluntário das *Forças de Proteção*, após o anúncio de dois ataques de nativos contra civis e militares alemães. Durante a viagem à África Alemã do Sudoeste, ele sentiu-se arrependido, pois não conseguia entender sua participação em um conflito tão distante da Alemanha (TIMM, 2003, p. 12 e 13).

Em forma de diário, Gottschalk narra sobre a trajetória do navio *Gertrud Woermann*, com saída de Hamburg, em 28 de setembro de 1904, passando por Glückstadt, pelo Canal da Mancha, pelo Trópico de Câncer, pela região do celestial *Cruzeiro do Sul*, pelo Equador, por Monrovia até Swakopmund (TIMM, 2003, p. 11- 22). A bordo estavam tropas, equipamentos militares e da área de saúde, medicamentos, provisões, cavalos etc.

Fig. 5- Partida do vapor *Gertrud Woermann* (1904). De Hamburg para África Alemã do Sudoeste



Fonte:<<https://is.gd/PRd2mG>>

No cais de Hamburg, Gottschalk sentiu um desejo intenso de descer do navio. Na África Alemã do Sudoeste ocorria uma guerra, com a qual ele sentia não ter nada a ver (TIMM, 2003, p. 12 e 13). No mesmo dia, cerca de 22 h., a embarcação passou por Glückstadt, terra de Gottschalk, seus pais

estavam no cais e acenavam com lenços brancos. A bordo, o veterinário conheceu melhor o médico Dr. Haring e um colega de profissão, Wenstrup, que se revelou um crítico do sistema colonial e desertou (TIMM, 2003, p. 11-14).

Na passagem pelo Canal da Mancha, Gottschalk contou a Wenstrup, que os pais tinham uma casa de produtos coloniais, e recebeu dele pílulas contra enjoos. Nas imediações do Trópico de Câncer foi constatada a grande queda de pelos dos cavalos, que por causa da mudança de clima, perdiam a ‘manta’ do inverno. Perto do Equador foi realizado o ‘batismo de Netuno’: contrariado, Wenstrup, que tinha uma espessa barba, teve que se submeter ao ritual (TIMM, 2003, p. 17 e 18).

Em Monróvia, 15 negros *Kru* foram contratados e examinados pelo Dr. Haring, no entanto, o preconceituoso Tenente Schwanebach disse que eles deveriam ser verificados pelos veterinários. Na chegada em Swakopmund, em 8 de setembro de 1904, os militares seguiram de barco até perto da praia, onde os carregadores *Kru* os levavam até a areia. Gottschalk observou o rapaz com calça rasgada, que o conduziu nas costas, sentiu um odor intenso de suor azedo e teve nojo. Em solo africano: “Ele acreditou que o chão balançou sob seus pés” (TIMM, 2003, p. 20 e 11). Tradução da autora do presente capítulo,

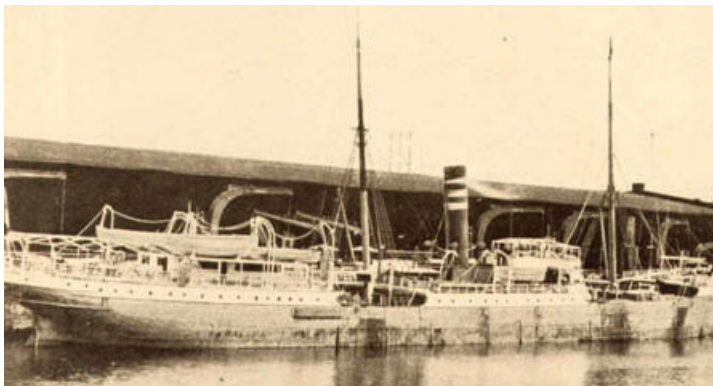
4.2- DE LÜDERITZ PARA HAMBURG (1907) A BORDO DO NAVIO ADOLPH WOERMANN

Johannes Gottschalk atuava no cuidado dos cavalos, dos camelos de montaria, e dos bois de transporte de carretas militares com armamentos, munições e provisões, além de outras com função de enfermaria. Ele tratava também do gado bovino pertencente ao exército e daquele confiscado ao grupo dos rebeldes *Herero*, grandes proprietários de gado. O veterinário, que ministrou aulas a alguns nativos sobre o trato profissional bovino, como forma de profissionalização na sociedade colonial, caiu de um camelo em um dos enfrentamentos bélicos, e foi aprisionado no acampamento do guerrilheiro Morenga, mas ele foi logo libertado.

Exausto com deslocamentos geográficos por territórios arenosos, secos e com escassas fontes de água no encalço de pequenos grupos, que conheciam melhor as amplas áreas, e se escondiam em montanhas de difícil acesso, com o intuito de roubo de bens dos alemães, Gottschalk pediu sua dispensa militar.

No capítulo, *Der Wunderbusch/ O arbusto milagroso*, o narrador informa que, no dia 18 de setembro de 1907, no porto de Lüderitz, o veterinário entrou na canoa de transbordo para o *Adolph Woermann*, e encerrou sua atividade como membro da tropa de Proteção, depois de 3 anos (TIMM, 2003, p. 539 e 540).

Fig. 6- Navio-Correio *Adolph Woermann* (1888)



Fonte: <https://is.gd/DvBRv2>

CONCLUSÃO

O objetivo do estudo, “Monopólio marítimo colonial: a Firma *Woermann* na África Alemã do Sudoeste (*Morenga* (1978), de Uwe Timm)”, foi enfatizar a consolidação, o enriquecimento da firma de Hamburgo e o monopólio dela no transporte de pessoas, cargas e cavalos para um dos protetorados alemães, a atual Namíbia, principalmente, por causa dos conflitos bélicos, nos anos 1904 a 1907. A frota transatlântica refletia a tecnologia naval mais adiantada da época.

Tais episódios ecoam na narrativa, principalmente, em relação à trajetória do veterinário Gottschalk: a viagem no navio *Gertrud Woermann*, de Hamburgo a Swakopmund (1904), e o regresso no *Adolph Woermann*, desde Lüderitz (1907).

Na viagem de Gottschalk rumo à África destacaram-se dois fatos: 1) o embarque dos negros *Kru*, contratados pela firma *Woermann*, em Monróvia, para desembarque de mercadorias, e transporte de militares

nas costas até a praia de Swakopmund; e 2) a celebração do ‘batismo equatorial’, com Netuno, o deus do mar e das fontes de água doce, como forma de entretenimento em uma viagem repleta de perigos da natureza, que também foram descritos no *Diário* de Karl Schinke.

Os diversos registros históricos, fotográficos e arquitetônicos da *Woermann*, e a sua inclusão em *Morenga*, de Uwe Timm, revelam o “testemunho ocular” (Burke) de uma das facetas da época colonial alemã, na qual a *Linie-Woermann*, enriqueceu demasiado, principalmente, com transporte de militares e equipamentos bélicos para uma guerra colonial.

REFERÊNCIAS

ADOLPH WOERMANN. Disponível em: <<https://is.gd/mYEIQO>>. Acesso em: 12 maio 2025.

AFRIKAHAUS. Disponível em: <<https://is.gd/Un4Xnc>>. Acesso em: 12 maio 2025.

BURKE, Peter. *Testemunha ocular*: história e imagem. Trad. de Vera Maria Xavier dos Santos e revisão de Daniel Aarão Reis Filho. Bauru, São Paulo: Edusc, 2004.

CARL WOERMANN. Disponível em: <<https://is.gd/2avmUK>>. Acesso em: 12 maio 2025.

CIDADE DE SWAKOPMUND. Disponível em: <<https://is.gd/T6u3sd>>. Acesso em: 12 maio 2025.

DEUTSCH-LIBERIANISCHE BEZIEHUNGEN. Disponível em: <<https://is.gd/eyUrFp>>. Acesso em: 12 maio 2025.

DRECHSLER, Horst. *Südwestafrika unter deutscher Herrschaft*. Berlin: Akademie Verlag, 1966.

HENDRIK WITBOOI. Disponível em: <<https://is.gd/tWEixL>>. Acesso em: 12 maio 2025.

NEBE, Cai. Como um armador alemão impulsionou o colonialismo na África. 4. Febr. 2024. Disponível em: <<https://is.gd/zOlyOv>>. Acesso em: 12 maio 2025.

SAMUEL MAHARERO. Disponível em: <<https://is.gd/UgjiUs>>. Acesso em: 12 maio 2025.

SCHINKE, Karl Wilhelm. *Diário da África. O diário de um médico alemão na “guerra dos botentotes”. Berichte aus Afrika: Tagebuch eines deutschen Arztes während des Heberokrieges*. Trad. de Werner Schinke. Porto Alegre: EDIPUC, 2009.

SWAKOPMUND. Disponível em: <<https://is.gd/qYUYHZ>>. Acesso em: 12 maio 2025.

TIMM, Uwe. *Morenga*. 4. Auflage. München: Deutscher Taschenbuchverlag, 2003.

WOERMANNHAUS (SWAKOPMUND). Disponível em: <https://is.gd/apBLEL>. Acesso em: 12 mai. 2025.

WOERMANN-LINIE. Disponível em: <<https://is.gd/KYyFYm>>. Acesso em: 12 mai. 2025.

WOERMANN & BROCK. Disponível em: <<https://is.gd/yQ0G8a>>. Acesso em: 12 mai. 2025.

TRINDADE SOCIAL COMO MODELO NA PASTORAL DA CRIANÇA DA PARÓQUIA DE SÃO PEDRO EM IBIAPINA

Jacqueline de Brito César¹

Francisco de Paulo Guimarães²

João Batista de Almeida da Mota³

INTRODUÇÃO

O presente capítulo tem como objetivo uma pesquisa sobre a pastoral da criança, especialmente na Paróquia de São Pedro em Ibiapina baseada no modelo da Santíssima Trindade como uma ação prática cujo principal elemento é o atendimento integral da criança desde a gestação até os 6 anos de vida.

O trabalho propõe-se a enternecer a sociedade sobre o impacto da Pastoral da Criança na Paróquia de São Pedro da cidade do município de Ibiapina no Ceará sobre a nutrição, saúde e bem estar de gestantes e crianças de 0 a 6 anos, analisando a educação nutricional da família num contexto social, moral, religioso e libertador.

A Pastoral da Criança é uma comunidade de caráter social criada pela Conferência Nacional do Bispos do Brasil – CNBB, integrada à comissão episcopal para o serviço da paz, da justiça e da caridade por meio do exercício de práticas ligadas à saúde, educação,

cidadania, bem estar e qualidade de vida de gestantes e crianças até a idade de 06 anos. Essa pastoral exercita ações práticas referentes à saúde, à alimentação, a educação, a espiritualidade e cidadania plena.

Todos os participantes da Pastoral da Criança são leigos, voluntários totalmente engajados e envolvidos na comunidade na qual atuam, o que lhes possibilitam conhecer mais intimamente a realidade e familiar do ambiente em que moram e assim transmitem segurança, confiança para

¹ Mestranda em Ciências Da Educação (EDUCAINTER). CV: <https://is.gd/X4XKBF>

² Especialista em Educação e Direitos Humanos (UFC). Professor (FVS). CV: <https://is.gd/8bi7Hw>

³ Mestrando em Ciências da Educação (UNIDES). CV: <http://lattes.cnpq.br/4061339739943869>

melhor orientar e auxiliar os que procuram ajuda junto a esta organização de caráter social. Um trabalho de amor inspirado na fé e, iluminado pelo Espírito trinitário como um exemplo de união e fraternidade.

Na Paróquia de São Pedro essas práticas são norteadas através do quesito fé e esperança numa comunidade onde a presença trinitária impulsiona um trabalho voluntário integrando paróquia e agentes comunitários de saúde com o mesmo propósito a garantia da vida e sua dignidade. Ou seja, uma parceria entre a fé trinitária religiosa e a sociedade civil numa via de esperança.

Viver a fé em Jesus Cristo Libertador requer um compromisso com a libertação e cuidados com os mais fracos e marginalizados. Portanto a Pastoral da criança caminha na mesma via dos ensinamentos de cristo com o propósito de cuidar do mais fraco e mais vulnerável no caso crianças e gestantes.

Com a pesquisa aqui apresentada propõe se uma parceria entre a fé trinitária religiosa e a sociedade civil numa via de esperança.

As atividades e ações desenvolvidas pela Pastoral têm como propósito atender às crianças carentes a partir da gestação até os seis anos de idade, cuidando e zelando por uma existência digna, humana, cristã de qualidade e pelo progresso pessoal de cada uma. As famílias também são assistidas em suas necessidades, e impulsionadas na melhoria de suas condições, na compreensão de seus direitos e obrigações, na erradicação da violência dentro do lar.

Vale ainda ressaltar uma parceria entre a fé trinitária religiosa e a sociedade civil numa via de esperança para que as famílias tenham possibilidades de enfrentar e realizar seus problemas num contexto econômico.

Para melhor compreensão da inspiração divina no trabalho da Pastoral da criança, buscou-se fazer uma pesquisa qualitativa literária sobre A Trindade e a Sociedade (2014), bem como a Santíssima Trindade é a melhor comunidade (1988) na perspectiva do autor Leonardo Boff.

Vejamos mais de perto os desafios que a sociedade lança para a fé na Santíssima Trindade e a contribuição que esta fé pode trazer para a libertação. Todas as sociedades latino-americanas e outras do terceiro mundo vivem sob

o estigma da dependência, primeiramente dos impérios coloniais ibéricos, depois do capitalismo expansionista europeu e atualmente do capital mundial. Vivemos todos sobre o mesmo tipo de desenvolvimento caracterizado por um profundo dualismo: por um lado produz abundância de bens, apropriados pelos países já desenvolvidos ou pelas classes dominantes dos países subdesenvolvidos, por outro, pobreza e miséria impostas aos países pobres. (BOFF, 2014, p. 28).

Entende-se que o mundo é dividido economicamente e socialmente em dois blocos; o bloco das potências dominantes e economicamente favorecidas em detrimento de um grande bloco de nações desfavorecidas e dominadas pela pobreza extrema que aprisiona e mata silenciosamente. Nesse contexto social atua a Pastoral da Criança com coragem, fé e desprendimento, seguindo o modelo do próprio Cristo e sua preferência aos pobres e marginalizados. Conforme o autor a dependência acontece em todas as esferas sociais: na divisão socioeconômica, na instância socio-cultural, na organização política e no campo religioso. A consequência nítida e explícita é a desumana divisão de classes sociais com interesses contraditórios que geram continuamente uma luta de classes e forte instabilidade social desenfreadas.

METODOLOGIA

A pesquisa que fundamenta o presente capítulo tem como campo de estudo a Pastoral da Criança na paróquia de São Pedro no município de Ibiapina. A pesquisa foi feita por meio de literatura virtual de artigos acadêmicos, entre outros meios, como observação em campo sobre a atuação dos movimentos da pastoral acima citada.

Quanto a técnica investigativa a pesquisa consolidou-se por meio de entrevistas, com a utilização de diálogo informal, histórias orais, visitas à paróquia, conversas gravadas, online e fotografadas conforme autorização dos envolvidos (as).

O método de estudo e referencial teórico foi por meio de literatura escrita, especialmente sobre o autor Leonardo Boff, material bibliográfico online em pdf, o Evangelho de João, entre outros.

Realizou-se um estudo e conversa aberta sobre algumas características marcantes do Evangelho de João 10: 7-10 que norteiam o voluntariado leigo na Pastoral da criança. A interpretação do evangelho é bastante imensa, mas para a referida Pastoral ela remete a promoção da vida de forma plena e abundante nas ações executadas no amor, na fé e na solidariedade que oferece dignidade às famílias atendidas.

Tornou, pois, Jesus a dizer-lhes: Em verdade, em verdade vos digo que eu sou a porta das ovelhas. Todos quantos vieram antes de mim são ladrões e salteadores; mas as ovelhas não os ouviram. Eu sou a porta; se alguém entrar por mim, salvar-se-á, e entrará, e sairá, e achará pastagens. O ladrão não vem senão a roubar, a matar, e a destruir; eu vim para que tenham vida, e a tenham com abundância (João 10:7-10).

Nota-se, porém, que a família é um elemento que simboliza humanamente a Santíssima Trindade, pois cada pessoa humana traz em sua essência e em suas condutas traços e características das três pessoas divinas. Todo ser humano provém de uma família. Se nota então a presença do Deus trino e uno. Deus é comunhão fraterna entre as pessoas e nesse contexto de comunhão fraterna, de fé e de amor que se constrói a família. Ela é o primeiro modelo expresso da comunidade humana.

Em cada família completa temos a ver com três elementos: o pai, a mãe e a criança. Há diversidade de pessoas. O pai, em nossa cultura, é a expressão do amor objetivado no trabalho, na construção do lar, e na segurança. A mãe é, em nossa percepção, o amor gerador e protetor da vida, a intimidade da casa e o aconchego. Pai e mãe se entrelaçam no amor, no mútuo reconhecimento e admiração, na mesma tarefa de levar avante a família. Convivem sob o mesmo teto, compartilham das mesmas preocupações e comungam das mesmas alegrias. A expressão da comunhão e do relacionamento mútuo é a criança que nasce. Ela une os dois. Faz que o marido e a mulher se transformem em pai e mãe. Ambos saem de si e se concentram numa realidade para além deles e que é fruto do relacionamento amoroso entre eles: a criança (BOFF, 1988, p. 77).

Na citação acima o autor faz uma analogia perfeita entre família e trindade, ou seja, para ele a família é o estereotipo mais rico da Santíssima Trindade. E é sobre essa perspectiva que esse trabalho busca mecanismos para fortalecer o elo entre a Pastoral da Criança com às famílias que buscam ajuda.

O uso da metodologia aplicada, é relevante e de fácil compreensão a fim de possibilitar o leitor que deseje conhecer características importantes sobre essa pesquisa.

DESENVOLVIMENTO

Para compreender a presença do amor trinitário na Pastoral da criança necessita-se conhecer e compreender todo contexto histórico desde sua origem, implantação e movimentação, bem como ações e compromissos envolvidos. Portanto, para uma compreensão eficaz faz-se necessário trazer alguns tópicos importantes que impulsionem o leitor a identificar o Espírito Trinitário num contexto social, cultural e religioso impulsionando a Pastoral da Criança em toda sua essência. Primeiro tópico faz-se necessário uma breve abordagem no contexto histórico da referida pastoral como ponto de partida.

A pastoral da Criança é uma organização social criada pela CNBB (Conferência Nacional dos Bispos Do Brasil), integrada à Comissão Episcopal para o Serviço da Caridade, da Justiça e da Paz. Surgiu da comunhão de esforços e coragem para diminuir cada vez mais a mortalidade infantil, bem como a garantia a uma qualidade de vida. A data de surgimento foi em 1982 quando o Cardeal de São Paulo, Dom Paulo Evaristo Arns, teve um encontro com o diretor executivo do UNICEF (Fundo Internacional de Emergência da Nações Unidas para a Infância) o então senhor James Grunt, já que anos haviam participado de um encontro na Suíça convocado pela ONU (União das Nações Unidas) James impulsionou o Cardeal que já estava com o espírito preparado para acolher a ideia que daria origem a esta entidade humanitária social. Dom Paulo convidou sua irmã que era uma médica sanitarista Dra. Zilda Arns, morta no Haite em 2010, vítima de um terremoto, quando com seu ardor missionário tentava socorrer a população local, também participou com imensa ajuda e suporte o arcebispo de Londrina Dom Geraldo Majella Angelo.

O projeto pastoral iniciou-se na Paróquia de São João Batista, em 1983, na cidade de Florestópolis, no Paraná pois havia sido contatado um alarmante número de mortalidade infantil. 127 crianças em cada mil nascimentos. Esses dados começaram a cair drasticamente no mesmo ano seguinte a implantação. Com esse êxito fantástico a pastoral se espalhou para várias localidades do Brasil, com o auxílio constante da Igreja Católica por meio dos bispos e demais.

Atualmente cerca de 2600 voluntários se dedicam e se doam, e se empenham em contribuir com o crescimento qualitativo de inúmeras crianças espelhadas por Brasil afora. Além de crianças também há um acompanhamento integral de muitas gestantes, ou seja há um envolvimento e preocupação cristã, social e humanitária.

A partir de 2008 para cá a Pastoral começou a ser liderada pela Irmã Vera Lúcia Altoé, em substituição a Dra. Zilda Arns Neumann. A jornada dessa pastoral continua a dar fruto de amor, solidariedade, acolhimento, esperança, fé entre outros, por partes de pessoas que se deixam contagiar pelo evangelho de Cristo. Essas pessoas são todas voluntárias e que estão inseridas nas comunidades. Essas pessoas são capacitadas e orientadas no exercício do cuidar, do acolhimento, do amor, da cidadania, da solidariedade, do respeito, da espiritualidade e estão sempre dispostas a enfrentar desafios, vencer obstáculos transcendendo as desigualdades.

A Pastoral da Criança surgiu em Ibiapina no início de 1990, mediada pela Igreja Católica através da Paróquia de São Pedro. E como mobilizadores e articuladores a referida pastoral contava as Irmãs Josefinas. Tudo começou a partir da observação de muita desidratação e raquitismo infantil, bem como muitas gestantes que não tinham uma devida orientação e acompanhamento. Logo a causa foi abraçada pela sociedade civil através do trabalho dos agentes comunitários de saúde que formaram uma forte parceria em prol da qualidade de vida, especialmente de crianças de 0 a 06 anos. A parceria logo se espalhou pelas comunidades, começando com as mães carentes. Os trabalhos se consistiam em sanar o raquitismo por meio de uma multimistura que era devidamente preparada, peso de crianças para acompanhar a nutrição com muitos nutrientes, além de também oferecerem orientação e cuidado com as gestantes. Para que

tudo ocorresse bem as Irmãs Josefinas, capacitavam os voluntários por meio de palestras, seminários e reuniões semanais. Esse trabalho floresceu frutificou inúmeros frutos como; crianças mais saudáveis, famílias mais orientadas e menos problemas com gestações. A referida pastoral continua com afinco no combate à desnutrição e a desinformação. Percebe-se que se trata de voluntariado que acolheu o serviço baseado na Santíssima Trindade, acolhendo seus ensinamentos cristãos. Trata-se de um modelo de fé, esperança, caridade e muito amor, pois os membros voluntários não medem esforços realizando, feiras, bazares, entre outras atividades com o intuito de melhor oferecer dignidade de vida às famílias assistidas por meio da pastoral.

A missão da Pastoral é promover o desenvolvimento da criança desde a gestação até os 06 anos de idade, bem como prestar acompanhamento e ajuda as mães gestantes, à luz da evangélica preferência pelos pobres, pequenos e marginalizados, esse cuidado como já foi dito começa no ventre materno aos seis anos, por meio de orientações básicas e fundamentais de saúde, nutrição,, educação e cidadania, fundamentadas e orientadas numa mística cristã que acopla fé e vida, colaborando para que suas famílias e comunidades realize sua própria transformação. “Para que todo as crianças tenham vida em abundância” (Cf. Jo 10, 10).

Nota -se então, o carisma cristão trinitário em cada ator envolvido, seus gestos concretos de preferência aos pobres, fracos e marginalizados, buscando viver como “sal e luz” para o próximo, pois surgiu a partir de uma necessidade social vista no campo religioso. É o amor trinitário agindo como modelo na união de Religião – sociedade – espiritualidade, num esforço único para garantir o direito à vida e sua dignidade.

Outro aspecto importante, vale ressaltar que a pastoral não surgiu num grande movimento, ou seja, não apareceu de forma espetacular, mas como uma semente que cresce e dá frutos, vivenciados a luz evangélica no modelo do próprio Cristo. A pastoral cultiva sua missão pautada no amor e solidariedade cristã. Buscando trabalhar por um mundo sem mortes materno-infantis evitáveis e lutando para que todas as crianças, mesmo às mais vulneráveis possam viver num ambiente favorável ao seu desenvolvimento integral, com crença na partilha e na fé, na solidariedade

procurando vivenciar a fé na vida aos moldes da Santíssima Trindade revelada por Deus. Ou seja, colocando a vida como a própria “Glória de Deus”.

Para fortalecer mais a compreensão é necessário ainda observar o espírito de Deus na pessoa na saudosa Dra. Zilda Arms, ela que sempre será um grande referencial de fraternidade, fé e amor cristão dentro da Pastoral da Criança.

“Como os pássaros, que cuidam de seus filhos ao fazer um ninho no alto das árvores e nas montanhas, longe de predadores, ameaças e perigos, e mais perto de Deus, devemos cuidar de nossos filhos como um bem sagrado, promover o respeito a seus direitos e protegê-los”. Dra. Zilda demonstrava uma vocação divina em cuidar do mais fraco como o próprio Cristo demonstrava em seu amor preferencial aos pobres, às crianças e ao marginalizado.

Há fortes evidências nas Sagradas escrituras do quanto Jesus amava as crianças e o quanto as queria por perto, esse amor cristão está tão visível nas ações da Pastoral da Criança como uma forte continuidade dos seguimentos de Jesus na atualidade.

As crianças, quando estão bem cuidadas, são sementes de paz e esperança. Não existe ser humano mais perfeito, mais justo, mais solidário e sem preconceitos que as crianças.” Para construir a paz é preciso começar com a criança desde a gestação. Os primeiros anos de vida são os principais para que a criança adquira valores culturais e se transformem em sementes da paz.” “Vamos educar nossas crianças com amor, pois esse amor se converte em gestos de fraternidade para o Brasil e o mundo”. “(...) Sabemos que a força propulsora da transformação social está na prática do maior de todos os mandamentos da Lei de Deus: o Amor, expressado na solidariedade fraterna, capaz de mover montanhas.” “A Pastoral da Criança, desde o início, teve a preocupação não só de reduzir a mortalidade infantil e a desnutrição, mas também de promover a paz nas famílias e comunidades, pelas atitudes de solidariedade e a partilha do saber a todas as famílias (Jornal 2000).

Percebe-se um amor divino em cada palavra descritas nas citações acima, palavras forte como o amor, paz, sementes, fraternidade e solidarie-

dade só podem surgir de um coração inundado pela Santíssima Trindade. Nota-se uma preocupação em buscar também políticas públicas a fim de ofertar garantia a uma vida íntegra e saudável começando na gestação.

No decorrer de sua existência a Pastoral da Criança luta incansavelmente a fim de que a vida seja valorizada, respeitada e amada em sua integridade, promovendo e fomentando ações voltadas aos desenvolvimentos da primeira infância. Focando suas ações no campo nutricional para prevenção da obesidade infantil, foi a primeira organização a realizar campanhas educativas sobre os cuidados nos primeiros mil dias (período esse que começa na gestação até os dois primeiros anos de vida) da criança.

Todas as ações são executadas por leigos atuantes e voluntários. Essa dinâmica acontece na escolha e preparação de lideranças que irão atuar junto às comunidades. Esses líderes podem conhecer melhor às famílias para poder ajuda-las e orientá-las com alguns cuidados básicos. Durante a visita, os líderes se deparam com diversas situações delicadas, com inúmeros problemas sociais como alcoolismo, drogas, abandono de incapaz, entre outros. Então busca-se parcerias com serviços públicos, especialmente envolvendo os agentes comunitários de saúde que em algumas comunidades são também membros da Pastoral da Criança. Entre as ações acontece também a celebração da vida, atitude essa que contribui para inserir Deus no meio da Família promovendo uma espiritualidade pautada na fé trinitária reveladora e iluminada pela força do Espírito Santo.

Os atuantes da Pastoral já mencionada ainda acompanham a situação nutricional das crianças atendidas através da medida de peso e altura, essas medidas são realizadas trimestralmente na celebração da vida. Pela situação nutricional pode-se perceber se as crianças estão sofrendo algum tipo de agravo nutricional devido à má alimentação, como a desnutrição ou até mesmo a obesidade. Caso isso aconteça busca-se fazer o encaminhamento ao serviço público de saúde.

A comunidade entre Pai, Filho e o Espírito Santo, constituindo um só Deus, é um mistério de inclusão. As três divinas pessoas se abrem para fora e convidam as pessoas humanas e todo o universo a participarem de sua comunidade e de sua vida. Jesus o disse muito bem: “Que todos sejam como tu, Pai, estás em mim e eu em ti para que eles e

sejam em nós” (Jo 17,21). A presença da comunhão trinitária na história permite que se superem todas as barreiras. Que transformam as diferenças em desigualdade e discriminações; assim no ministério do Filho (segunda pessoa da Trindade) não há judeus nem pagãos, nem homens e nem mulheres; todos são um (Gl 3,28). No nível econômico surge a comunhão em todos os bens (At 4, 31-35) e no nível social “todos são um só coração e uma só alma” (At 4,32). Temos haver aqui com realidades utópicas: caminha para atingirmos patamares cada vez maiores de participação e de comunhão e, ao mesmo tempo, relativizamos e criticamos cada conquista alcançada, conservando-a aberta para ulteriores aperfeiçoamentos. (BOFF, 1998, p. 109)

O autor deixa claro e expresso o amor de Deus na Trindade como uma inesgotável fonte de comunhão, onde as três divinas pessoas se doam às pessoas humanas e as convidam a também participarem de sua comunidade é por meio desse “*mistério de inclusão*” que os atores envolvidos na pastoral buscam de todas as formas incluir dignidade humana dentro das comunidades nas quais atuam, sempre pautados no amor, não apenas humanamente falado, mas sobretudo num amor de comunhão com o Pai, com o Filho e com o Espírito Santo. E é através do amor Trinitário que a humanidade supera qualquer tipo de situação, vencendo todas as barreiras, mesmos aquelas mais difíceis e intransponíveis na perspectiva humana.

As palavras do autor demonstram uma total confiança trinitária, confiança essa num mundo sem tantas desigualdades, onde as diferenças sejam transformadas na partilha do bem comum, sem nenhuma discriminação, seja no campo social ou religioso.

Em todos os problemas radicalmente humanos e sociais trabalha um sonho infinito, se faz presente uma exigência última de vida para todos, justiça para todos, há começar pelos os últimos, de inclusão de todos e de comunhão com tudo e com todos. Em outras palavras, há sempre uma questão teológica que tem a ver com o Supremo e o Decisivo de nossa história. É a emergência do mistério da Trindade no qual as Três pessoas, por causa do recíproco amor, convergem para ser um único Deus vivo e doador de vida. (BOFF, 1988. p. 110)

Um “*sonho infinito*” nas palavras do autor é o motor perceptível no caráter missionário que envolve a Pastoral da Criança, quando resolve abraçar a causa de uma família a partir da garantia da vida plena desde a concepção até a dignidade completa, percebe se então o mistério do amor da Santíssima Trindade que se faz justiça e coragem colaborando com que o mundo seja um lugar mais fraterno e mais cheio da presença de Deus. Que transformam as diferenças em desigualdade e discriminações; assim no ministério do Filho (segunda pessoa da Trindade) não há judeus nem pagãos, nem homens e nem mulheres; todos são um (Gl 3, 28). No nível econômico surge a comunhão em todos os bens (At 4, 31-35) e no nível social “todos são um só coração e uma só alma” (At 4,32). Temos haver aqui com realidades utópicas: caminha para atingirmos patamares cada vez maiores de participação e de comunhão e, ao mesmo tempo, relativizamos e criticamos cada conquista alcançada, conservando-a aberta para ulteriores aperfeiçoamentos. (BOFF, 1998, p. 109)

Nas Sagradas escrituras percebe se o quanto Jesus é fiel a Santíssima Trindade conduzido pelo Espírito Santo e obediente ao Pai, é a sim que compreende se a trindade, a luz da vida de Cristo, que deixou o mandamento do amor e envia missionários para dá continuidade ao vosso Reino, em todas as comunidades e nações, a todos os povos, porque Deus é o mistério do amor e comunhão, um perfeito exemplo de diversidade. Portanto na Santíssima trindade existe três elos divinos que formam uma linda e a mais perfeita comunidade. Portanto como é possível encontrar esse elo divino em todo contexto de vivência da Pastoral da criança.

Vale ainda enfatizar mais a missão da Pastoral da criança como um modelo de atitude cristã, como uma verdadeira comunidade onde a Santíssima Trindade habita, inspira e se faz morada.

Dra. Zilda Arns sempre repetia uma frase bíblica que acabou transformando -se num grande mantra de inspiração que vive até hoje. “eu vim para que todos tenham vida e vida em abundância” (Jo 10, 1º). E é por esta razão através de uma força trinitária divina, movidas por corações humanos que demonstram o amor filial de Deus para com a humanidade, que essa pastoral atua em todo o Brasil, levando esperanças para mais de 360 mil crianças, mais de 18 mil gestantes e suas famílias, promovendo o

cuidado desde o nascimento e durante toda primeira infância. Isso tudo é possível graças ao sim missionário de mais de 42 mil voluntários leigos que mobilizam mais de 2600 municípios, em mais de 16 comunidades.

A corrente da comunidade fraternal se espalhou também por outros países, pois a referida pastoral está presente em alguns países da América Latina, da Ásia e África.

A atuação dos agentes da pastoral na casa e na vida das famílias mais carentes é uma manifestação viva do amor de Deus para com os mais fracos e oprimidos, com aqueles que mais necessitam da bondade e do carinho de Deus. Juntos esse povo de Deus, no caso os agentes e líderes da pastoral executam muito mais do que as ações básicas e complementares, são na íntegra uma verdadeira prova de solidariedade, da amizade do amor incondicional ao próximo, pois convivendo em comunidade, além da partilha de conhecimento sobre saúde, nutrição, educação e cidadania, há também doação de carinho, ternura, de escuta, de tempo, de compreensão, de alegria. Em muitos casos os líderes são as únicas pessoas a quem muitas famílias podem contar. Esses líderes também saem fortalecidos na fé, na espiritualidade e no amor, ou seja, uma via de mão dupla.

Para melhorar ainda mais o atendimento, a pastoral da criança desenvolveu o aplicativo Visita Domiciliar e Nutrição para melhor o auxílio dos voluntários.

Na Paróquia de São Pedro no município de Ibiapina a pastoral é uma comunidade totalmente apoiada pela Igreja católica, mas com uma pequena parceria social, no caso alguns líderes da referida pastoral também são agentes comunitários de saúde, unindo uma tríade; Igreja, sociedade civil e famílias, uma verdadeira comunidade inspirada pelo modelo trinitário. Atualmente a referida paróquia acompanha 233 crianças em 18 comunidades e possui 27 líderes atuantes.

Durante a pesquisa de campo qualitativa e observatório constatou-se que há leigos totalmente comprometido com o Evangelho de Cristo, pois dedicam um total e fervoroso desprendimento em angariar recursos financeiros para melhor atender as famílias. Com realizações de bazares solidários, rifas e participação em feirinhas. E esses esforços são todos transformados em doação que ajudam na qualidade de vida de

algumas famílias carentes e necessitadas. Esses leigos também realizam visitas domiciliares, levando não apenas o alento material, mas também o alento espiritual.

Mas os leigos são especialmente chamados a tornarem a Igreja presente e ativa naqueles locais e circunstâncias em que só por meio deles ela pode ser o sal da terra (112). Deste modo, todo e qualquer leigo, pelos dons que lhe foram concedidos, é ao mesmo tempo testemunha e instrumento vivo da missão da própria Igreja, «segundo a medida concedida por Cristo» (Ef. 4,7). (LUMEN GENTIUM)

Os leigos atuantes na Pastoral da criança atendem perfeitamente o chamado especial citado acima, pois eles levam a Igreja viva em todas suas ações, sejam elas de caráter social ou religioso. Nota-se um ardor missionário e a vontade de usar todos os dons Divinos a serviço do bem comum, testemunhando a missão da Igreja como uma verdadeira comunidade de fé viva e atuante. Na Paróquia de São Pedro em Ibiapina percebe-se esse chamado leigo na atuação da Pastoral da criança, pois há tempos essa pastoral vem prestando um serviço, social, humanitário, religioso e sobretudo de muito amor e doação levando alegria e esperanças às comunidades carentes com uma atenção especial a crianças de zero a seis anos e a gestantes. Todo esse trabalho é feito com total apoio da paróquia. São várias atividades realizadas no âmbito da saúde e educação. Destaca-se, contudo, o cuidado com a nutrição e combate ao raquitismo por meio de multimisturas e farelos nutricionais processados com a participação da própria família. Outro fator importante é orientação e uso da reidratação oral por meio do soro caseiro, também envolvendo tanto a família, a saúde e a educação no combate à mortalidade infantil. Situação essa que outrora assolou muitas famílias.

Os diálogos e as narrativas realizadas com líderes, ex. líderes, atuantes e beneficiados pela Pastoral da Criança na Paróquia de São Pedro em Ibiapina, remetem a percepções e comparações com a Santíssima Trindade, pois assim como a Igreja se mantém forte fervorosa e atuante graças a ação do Espírito Santo impulsor, assim também age a referida pastoral como uma comunidade de amor transformador e contagiante, um

verdadeiro exemplo trinitário, como foi percebido em alguns diálogos, conforme cita-se alguns trechos a seguir.

“Quando comecei na Pastoral da criança em Ibiapina, tudo era muito difícil, pois era uma época de fome e muita pobreza e nesse contexto encontrava-se famílias totalmente desoladas, porém cheias de Deus, foi aí que minha vontade de atuar na pastoral cresceu, primeiro quando vi a necessidade em que as crianças se encontravam, depois a força da Santíssima Trindade que me encorajava e acredito que a todos que atuavam.” (Tiusa)

A Trindade é um mistério que nos foi comunicado para nossa salvação, para que ao penetrarmos, por pouco que seja, na realidade divina, fôssemos libertados e inseridos na vida eterna. Se, entretanto, entendermos a natureza divina, como o faremos ao longo de nossas reflexões, como pericórese eterna das pessoas, como amor e comunhão intrínseca aos divinos Únicos, então tornará mais fácil representarmos-nos a unidade que esta natureza garante: será sempre um conceito trinitário, como a união das pessoas entrelaçadas umas nas outras em comunhão eterna. (BOFF, 1999 p. 19).

Foi por meio das entrevistas e diálogos que percebeu -se uma forte conexão trinitária entre os leigos líderes e envolvidos na Pastoral da criança, ou seja, pessoas “entrelaçadas umas nas outras em comunhão” (Leonardo Boff) comunhão de dons e fraternidade a serviço do Reino de Deus.

O que mais impulsiona o leigo na Pastoral da Criança? Uma pastoral sem tanta visibilidade e sem recursos próprios, como encontrar disposições para levar esperanças a tantas famílias e oferecer dignidade de vida às crianças, aos pequeninos tão amados por Cristo? Como disseminar a fé na realidade social dessas famílias?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procurando compreender a fé, a solidariedade demonstrada nos diálogos narrados pelos atuantes leigos na Pastoral da Criança na Paróquia de São Pedro, bem como nas leituras que referenciam esse estudo, percebe-se que a Igreja brota comunidades atuantes que se dispõem a continuar o Projeto evangélico de Cristo.

A luz evangélica cristã a referida Pastoral da Criança não mede esforços para preservar a vida, bem como promove-la em toda sua dignidade, pois já disseminou vida e esperança não apenas no Brasil, mas em várias partes do mundo, salvando milhões de crianças da desnutrição e morte prematura. Graças a pessoas leigas comprometidas em seguir a Cristo como referencia-se em Boff (2012, p. 44) quando ele afirma “Seguir a Jesus é pro-seguir sua obra, perseguir sua causa e com-seguir sua plenitude.”

É por meio desse exemplo de uma comunidade de fé viva e atuante que a Pastoral da Criança na Paróquia de São Pedro em Ibiapina, dever ser exposta como uma experiência de amor de uma comunidade que segue o modelo de uma trindade social.

Vivenciar a fé em Jesus Cristo requer um compromisso com uma prática cristã viva, atuante e comunitária, especialmente doando-se ao próximo e, principalmente com atenção aos mais fracos e necessitados. Portanto a Pastoral da Criança realiza uma missão comunitária a exemplo do projeto evangelizador de Cristo com total obediência a Deus com inspiração iluminadora da Santíssima Trindade.

pesquisa. O modelo ideal deve ser como a Santíssima Trindade, porque é por meio da proteção de Deus, do amor de Cristo e da luz iluminadora do Espírito Santo, que a Pastoral Caminha.

REFERÊNCIAS

BOFF, Leonardo. **A santíssima Trindade é a melhor comunidade**. 8ª Ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.

BOFF, Leonardo. **A Trindade e a Sociedade**. 6ª Ed. Petrópolis. Editora Vozes, 2014.

BOFF, Leonardo. **Jesus Cristo Libertador**. 21ª Ed. Petrópolis. Editora Vozes, 2012.

BOFF, Leonardo. SÉRIE II – **O Deus que liberta seu povo**. A Trindade e a Sociedade. 5ª Ed. Petrópolis. Editora Vozes, 1999.

A FORMAÇÃO DE LÍDERES NA PASTORAL DA CRIANÇA: **TRABALHANDO COM REFERENCIAIS FREIREANOS**: Edinilson Ednilson_Cunico (2) pdf. <https://is.gd/rPeGfD>. Acesso em: 25 set. 2022.

PASTORAL DA CRIANÇA: UM CAMINHO PARA A VIDA. WWW.RTV-ES: <https://rtv.es.gov.br/umcaminhoparaavida>. Acesso em: 08 out. 2022.

SANTANA, Ana Lucia: Pastoral da Criança. INFO ESCOLA NAVEGANDO E APRENDENDO: <https://is.gd/cBUaoU>. Acesso em: 12 out. 2022.

PARIZOTTO, Tereza. O Sonho Só Começou. <https://is.gd/8PVsda>. Acesso em: 12 out. 2022.

CONTITUIÇÃO DOGMÁTICA – **LUMEN GENTIUM**. CAPÍTULO IV – OS LEIGOS. Proêmio: Caráter peculiar dos leigos.

SOUSA, Rainer. Zilda Arns. <https://brasilecola.uol.com.br/biografia/zilda-arns.htm>. Acesso em: 16 out. 2022.

O ESTADO LAICO NO BRASIL: DA MUSICALIDADE BOSSANOVISTA AO BARROCO

Yvisson Gomes dos Santos¹

INTRODUÇÃO E UMA PROPOSTA ENSAÍSTICA

O presente capítulo/ensaio trata sobre o Estado laico no Brasil, fazendo uma intersecção com a cultura Barroca que se avizinhou em nosso país a partir do século 17. Traçou-se, através do cancionário da MPB, um itinerário sobre a período ditatorial – revisitando-o e dando suporte metodológico através do livre pensar ensaístico, de forma opinativa, mas sem se eximir de referências bibliográficas que deram robustez conceitual ao tema da laicidade no Brasil.

O verniz crítico perpassou pelas filigranas ilustrativas das canções brasileiras em torno dos períodos ditatoriais, revisitando-as na contemporaneidade. A metalinguagem foi-nos um recurso indispensável para se ater a estética musical, bem como as características do movimento Barroco nas idiossincrasias culturais e sociais do homem brasileiro, em formas de vértices, para se compreender o Brasil que teima em não ser laico.

Colocamos algumas considerações sobre o Estado brasileiro e sua laicidade². É de se observar que propusemos ao presente texto uma escrita em forma de capítulo/*ensaio*, entendendo-o como recurso híbrido de escrita que passa pelo método do exercício racional através de uma *compreensão crítica, reflexiva e opinativa* sobre o tema proposto.

Notar-se-á, em algum momento, a utilização de pronome pessoal do caso reto, com a finalidade de ratificar o estilo: ensaio - e suas impressões do autor sobre o tema da laicidade brasileira, liberdade e expressão dessa liberdade, textualizadas. Bem como, utilizou-se da metalinguagem através de letras musicais da MPB³ e do Barroco como narratividade de

¹ Doutorado em Educação (UFAL). Professor (SEDUC/AL). ORCID: <https://is.gd/aaUoKr>

² Neste ensaio, não se utilizará do termo *laicista* que configura uma ação beligerante contra às religiosidades.

³ Música popular brasileira.

construção histórica, literária e social do Brasil extemporâneo a alguns aspectos do Brasil contemporâneo - interrelacionando-os.

O BRAZIL NÃO CONHECE O BRASIL

Em 1978, um ano após o meu nascimento, a cantora Elis Regina embalava os tupiniquins da MPB com a letra *Querelas do Brasil*, de Aldir Blanc. Seu álbum, *Transversal do Tempo* (1978), era um xodó dos meus pais. Eles ouviam a narrativa desse desconhecimento dos brasileiros sobre seu próprio país. Tempo de acirramento ditatorial, ao qual a nossa *Carta Magna* e democrática só seria colocada em prática a partir de 1988 (*sobre a proteção de Deus*, lê-se em seu Preâmbulo). E haja tempo nessa transversal histórica proposta pelo letrista e pela cantora de Porto Alegre, Elis Regina. Temos a letra, um fragmento, somente:

O Brasil não conhece o Brasil

O Brasil nunca foi ao Brasil [...] O Brasil não merece o Brasil

O Brasil tá matando o Brasil [...] **Do Brasil, s.o.s. ao Brasil**

Do Brasil, s.o.s. ao Brasil. (Blanc, 1978, grifos nossos)

Havia uma inquietude nesse *desconhecimento* dos brasileiros sobre o seu país. Vários pontos estavam sobrepostos à essa letra e à nossa realidade, dentre eles as divisões sociais e as estratificações das classes trabalhadoras frente à burguesia emergente. Os anos 70 do século passado, talvez fossem um período de demora, de lentidão e de preguiça para se pensar o Brasil em suas várias facetas.

Eu chamo de facetas as lutas operárias (os burgueses tinham preguiça de pensar sobre elas e medo), a inflação em alta e o dólar também (os burgueses temiam pensar nessas reviravoltas econômicas), a pobreza à céu aberto (os burgueses nem aí para isto) e a dívida externa galopante (uma luta eterna e não bendita).

Coloco esse termo adjetivado - preguiça, *preguiçoso* -, não para a grande maioria dos brasileiros, mas aos que impunham as leis e mandos políticos à nação com Z (Brasil). Em nosso país de *Macunaíma* (o herói *perverso* de Mario de Andrade, o modernista [1978]), nada se sabia do que estava acontecendo. Aliás, se sabia, sim, mas como? Através do alto preço dos alimentos, do desemprego avassalador e das indigências básicas

nas casas das famílias brasileiras. Um período que se estendeu até meados dos anos 90 do século passado. E, que, ainda se encontra em vigência, salvo alguns e poucos momentos de liberdade econômica do Brasil. Um aforismo: quase nada mudou, mas mudou, em exceções.

Como será o amanhã? Responda quem puder – uma canção da baiana Simone Bittencourt de Oliveira, na letra dos sambistas Didi e João Sérgio ([1978] 2024). E esse amanhã chegou. Era uma vez o *Macunaíma* e era uma vez o Brasil, com Z, não mais estampado nos rincões desse nosso país - a pretensa ideia de alienação social estava em franca decadência.

Entretanto sobre as religiosidades⁴, atualmente, temos o orgulho nacionalizado. Quase uma bandeira austera de liberais e de seguidores da moral e dos bons costumes. Esses bons costumes prezam pela honra, pela família e por Deus, acima de tudo, ainda nessa segunda década do século XXI.

Como de soslaio, nesse instante, ouvi novamente o Socorro, o SOS, pois ninguém reconheceu o Brasil. Volta Almir Blanc, volta o cancionista dos anos de chumbo para nosso ano de 2025. Volta logo, ninguém mas deseja a infame verdade de Chico Buarque que dizia: “Pai, afasta de mim esse cálice, Pai (...) de vinho tinto de sangue” (1973).

A metáfora do *vinho tinto de sangue* faz-nos lembrar do sofrimento de Cristo. De acordo com o trecho da música acima citada, sabemos que na ditadura dizia-se do sofrimento do povo que era obrigado a se calar - exímio recurso linguístico sobre a tortura, a morte de víveres e da dor lancinante que o Brasil se comprazia junto às ideologias fascistas e nazistas.

Um amontoado de *práticas torturantes* que indicavam cenas da Idade Média, em lembrança à Santa Inquisição Católica. Mas como havia a santidade - algo já estava justificado, a tortura-santa. Mas como o Estado ditatorial estava inserido nos anos 60 até 80, se justificavam essas práticas em nome dos bons costumes e da lealdade ao despotismo de generais e torturadores da *Ordem e do Progresso*.

Friso que, até o momento, há o extemporâneo e o contemporâneo neste texto, do qual faço alusão aos tempos históricos que se reencontram,

⁴Utilizam-se os termos, nesse ensaio/capítulo, religiosidades e religiosidade (um pluralizado e o outro singularizado), no sentido de religiosidade católica e religiosidades protestantes (e desdobramentos), judaicas, mulçumanas, afrodescendentes, entre outras.

mesmo não sendo, *ipsis litteris*, ou nos mesmos termos, da historiografia social brasileira, mas sim, como um pêndulo de idas e vindas. Talvez essa seja a manobra da aspiral temporã pela qual estamos inseridos na epopeia histórica da Ilha de Vera Cruz, como chamava Pedro Álvares Cabral.

Já falei alguma coisa de religiosidade, insinuando-a, meio tímido, sobre esse recorte da história do Brasil. Lembro que o Estado brasileiro, desde 1891, tornou-se laico. Será que de fato essa laicidade foi cumprida com rigor?

PAI, AFASTA DE MIM ESSE CÁLICE!

No embrião dessa frase poética e estruturada, aparentemente, na fé religiosa cristã, mas, essencialmente, com viés político, Chico Buarque (2004), utilizando-se de recursos de estilo e de linguagem, propôs uma letra musicada que passou pela censura militar, inserindo-o na boa MPB e no desdobramento de reflexões sobre o mal reinante à época de sua escrita, da ditadura.

Já não estamos nesse período, isso é um fato tácito. Mas o que quis observar nesse texto é a impressão de religiosidade, mesmo que tenha sido mascarada no real sentido da música que nos insere no imanente brasileiro do Sagrado, da fé e das instituições que regem essa sacralidade.

Já coloquei que desde 1891, somos um país laico. E a partir da Constituição Cidadã, de 1988, houve a ratificação da liberdade de expressão religiosa, porém observando que o Brasil detinha a laicidade como vetor constituinte e, assim, democrático, para quem estivesse sob seu jugo. Entendo-o como um documento atual que respeita o Estado Democrático de Direito em suas vísceras seminais.

Sobre o termo laico e laicidade, irei recorrer ao dicionário com o desígnio de entender os seus significados e sair da *Alegoria da Caverna*, como queria Platão (2021), no tocante a nosso objeto investigado, a saber: a religiosidade no Brasil. De acordo com o dicionário Prideran (*online*), o termo laico significa, lê-se: “[aquilo] que não sofre influência ou controle por parte da igreja ou de uma religião. Que ou quem não pertence ao clero ou não fez votos religiosos”. Sua etimologia vem do latim *laicus* que significa ordinário e comum.

Podemos avaliar que se trata de um conceito que *neutraliza* a experiência religiosa ou, mais especificamente, a religião aos que se utilizam da laicidade. Volta-se a secularização dos costumes, sem a necessidade de um movimento religioso que confere ao Estado uma característica pragmática e fideísta, tal como em períodos históricos antes da República.

Já temos o termo laico explicado. Agora o que vem a ser a laicidade? Sempre é bom observar que estamos nos referindo ao Estado, à nação brasileira com esses termos. Ainda com o mesmo dicionário *online*, a laicidade, em síntese, diz “da qualidade de laico”. Pois bem, a laicidade é uma característica moderna dos Estados democráticos. O Brasil é um deles, ou seja, não está subordinado a nenhuma religião.

Em 1824, com o poder Moderador, Dom Pedro I considerava a monarquia brasileira como não-laica. A Igreja Católica Apostólica e Romana pertencia ao país com poder e inteireza desse poder no assoalho deísta do Império. Mas isso não mais existe. Os templos religiosos não possuem o poder político, em esfera legislativa, que existiu na monarquia brasileira, ou até antes: no período colonial.

Esse reflexo advoga em causa de um país de caráter neutro e desvinculado de fé, de crenças (*Doxa* – opinião), de bulas papais e de uma hierarquia teocrática a ser obedecida, traduzindo assim, a secularização da esfera legislativa e a liberdade de expressão religiosa em meios privados.

Com isso, os ritos e celebrações de cunhos religiosos têm um significado, repete-se, o privado, *a priori*. O entendimento deve ser esse: as festividades natalinas, os dias dos santos canonizados, por exemplo, mesmo estando em vigor no calendário anual do país, representam tão-somente a necessidade de se historicizar e de se fazer rememorar a jornada do povo brasileiro com sua ascendência cristã para fins de recordação afetiva, acrescento.

Falo cristã, mas poderia ser judaica, neopentecostal (também cristã), cabalística, afrodescendente, moura (árabe), dentre outras. O que mais me chama atenção é o emblema romano nas manifestações comemorativas em solo brasileiro. Elas se exponenciam, dada a empiria vigente para nossas inferências (irei tratar disso logo abaixo).

E o que virá *a posteriori* nessas afirmativas? Entro, agora, na liberdade de expressão inerente ao tema desse manuscrito.

Ora, se essa neutralidade está amparada juridicamente na Constituição de 1988, afirmando a laicidade do Brasil frente aos órgãos do Estado: como apreendo os crucifixos em repartições públicas? Como penso os ícones religiosos em praças ou quaisquer espaços físicos que delimitam a notoriedade dessas imagens? O sagrado e o profano ainda não conseguiram se distanciar em meio ao ordenamento legislativo brasileiro?

Parecem perguntas com respostas óbvias, nas quais existem uma relação intrínseca entre o sagrado e o profano; entre os ícones religiosos e o Estado; e entre os espaços físicos considerados, usualmente, do Estado liberal com as sacrossantas imagens e emblemas católicos revisitados. Contudo, essa obviedade carece de mais aprofundamento – pelo menos de *dois vértices conceituais*, a meu ver.

PRA NÃO DIZER QUE NÃO FALEI DAS FLORES: CANÇÃO DE GERALDO VANDRÉ

Utilizo-me de uma letra escrita e musicada por Geraldo Vandré, nesse momento do presente capítulo/ensaio. É de nota que a temática versa sobre a luta contra o regime militar que existiu em nosso país, há poucas décadas. Nesse manuscrito, tenho colocado letras de músicas como ilustração e utilização da metáfora na finalidade de se entender que a livre expressão do pensamento, quando estético, faz-se imprescindível ao pesquisador.

Para não submergir ao hábito até aqui traçado e tramado,
feito tapeçaria, coloco um fragmento da canção:
Caminhando e cantando e seguindo a canção
Somos todos iguais braços dados ou não
Nas escolas nas ruas, campos, construções
Caminhando e cantando e seguindo a canção.
(Vandré, 1968)

O tema versa sobre o ato de *caminhar* - verbo que nos convoca ao movimento e a diástase. Esse ato lírico convida a todos (eu e o leitor) a cantar e a dar nossos braços (ou não) para juntos continuarmos flinando.

Como metalinguagem, faço lembrar ao leitor, repito, a prosseguir comigo sobre minhas inferências a respeito da laicidade e do Estado laico,

no sentido de agrupar respostas-conceitos referentes às perguntas listadas no tópico anterior. Darei, em tentativas, tais respostas, através de *vértices*.

Primeiro vértice: a utilização de imagens ou ícones nas repartições públicas, caracterizando um paradoxo quando me refiro à laicidade, entendendo mais uma vez que o poder do Estado não deve estar subordinado a nenhum ente eclesiástico, é característica do DNA⁵ que o Brasil possui em suas entranhas históricas.

Desde o Brasil Colônia, catequizado pelos jesuítas, povoado e colonizado pelos portugueses, essa trama nos faz pensar sobre a façanha que advém de um movimento literário chamado de Barroco. O que é o Barroco? O Barroco caracteriza-se como uma cinesia literária advinda da Contrarreforma através da radicalidade do Concílio de Trento.

Tal movimento também histórico, se desmembrou em vários matizes: trouxe a subordinação dos autóctones que aqui residiam, os indígenas, através da catequização jesuítica, e, portanto, Católica Romana, ocorrendo o que chamaremos de *admoestação cultural*⁶, o qual destituiu séculos de aprendizado oralizado, humano e afetivo desses povos originários.

Possivelmente, essa questão esteja clara para nós. Ou seja: os indígenas foram colonizados e aculturados. Eles tiveram de aprender uma língua díspare da sua, modos e costumes diferentes, bem como assimilar a religião de Cristo. Afirmamos, desta feita, que foram *adoestados* culturalmente, tal como os escravos africanos quando aqui chegaram em meados do século 18.

O verbo *admoestar* tem dois sentidos, a saber: “I. de censura e de repreensão; II. quando bitransitivo: de advertência e de aconselhamento” (Prideram, 2024, *online*). De sorte, podemos pensar em duas direções de acordo com o verbo pesquisado e acrescentar à *cultura*, que em seu étimo vem de *cultivar*, a fim de tratar sobre a vertente que penso, nesse manuscrito.

Ora, nós, os brasileiros, na saga da colonização até a atualidade, fomos admoestados culturalmente por meio: i. da censura dos hábitos (ou

⁵No sentido de identidade ascendida das experiências domesticadas do colonizador frente ao colonizado, aculturando-o. Em sentido biológico, DNA significa uma molécula que armazena as informações genéticas dos seres vivos.

⁶Conceito advindo de nossas pesquisas sobre o presente texto. Podemos dizer, se assim quiserem, de um conceito inédito, mas sem maiores pretensões.

o pecado estabelecido) e, após esse afixo cristão, sofremos: (ii) advertências e aconselhamentos para mudar nossa conduta de vida.

Nada mais massacrante, no qual fez a identidade polifônica dos autóctones se transformar em uma única vertente de pensamento: a do europeu cristianizado.

Dessa maneira, nosso DNA permaneceu nulo, esquecido e vilipendiado. A aposta seria de fazer retomar a história pregressa, porém, a meu ver, não haveria como.

Um dos motivos desse centramento entre o sagrado e o profano advêm da perspectiva dessa admoestação cultural, como mencionado. De uma admoestação *cultivada* - tal como a origem da palavra cultura -, e de difícil erradicação do *modus operandi* dessa religiosidade ao povo brasileiro, acrescento.

Segundo vértice: um segundo e último vértice conceitual, seria o espírito (no sentido de espírito da época - *Zeitgeist*) Barroco que nos identificou e, até justificou, a perda de uma identidade brasileira ou identidades impostas pela catequização dos silvícolas.

A palavra *barroco*, em espanhol, significa pedra disforme que necessita de lapidação. Há vários autores que estudam esse movimento literário no Brasil e fora dele (Chiampi, 2010; Deleuze, 2012; Figueiredo Angelo, 2022), bem como de psicanalistas que entendem que a *anima* barroca nos descreve em demasia (Maurano, 2001, 2006, 2011; Marx; Gaspard, 2021). O que trago à baila é o excesso literário, ou seja, o narrativo e o semântico que essa escola literária trouxe à alma do Brasil através das religiosidades.

Quando falo de excesso, penso nas características do Barroco, a saber: com o *movimento conceptista* (Padre Antônio Vieira, como cânone desse momento) que possuía em sua escrita o lirismo das antíteses e dos paradoxos. A eles, nós nos formamos em solo brasileiro através de antíteses e de paradoxos, a nosso ver, graças ao advento dessa escola tridentina um século após o descobrimento do Brasil.

Desse modo, os locais públicos em uma nação laica, com imagens de santos canonizados em todas as esferas dessas localidades, bem como na cédula brasileira inscrita com “Deus seja louvado” – traduz-se em um

verdadeiro paradoxo à práxis do que vem a ser estabelecido como laicidade no Brasil. Apenas para citar alguns exemplos.

Outro movimento complementar a nossa inferência foi chamado de *cultista*, um movimento de insubmissão. O exemplo é do próprio Gregório de Matos. Ele, como poeta e brasileiro de verniz barroco, amava às mulheres, cultuava à lascívia como prazer venal e imprescindível ao homem da época seiscentista, porém, no fim de seus escritos, recorria ao Sagrado, em perdão. Seus poemas falam sobre essa fragilidade humana e insubordinada ao estabelecido na historiografia religiosa, literária e social brasileiras.

Tais vertentes formam, a nosso ver, a identidade do povo no Brasil (de modo arquegenealógico), porém na urdidura, desse texto, em formas de apontamentos através dos vértices citados acima.

Uma identidade radicada do cristianismo e que leva a laicidade a ser somente uma teoria, não posta em prática em sua efetividade geral. Observando que ele, o povo brasileiro, recorreu, devido à colonização ainda presente no seu DNA ontológico⁷, à divindade institucionalizada (templos, igrejas, locais sagrados etc.) como causa e efeito de sua existência – um arco-reflexo psíquico, social, histórico e ontológico.

Podemos assim, sintetizar nossas ilações, a saber:

1. Admoestação cultural;
2. E o Barroco como implicação psíquica e social ao povo brasileiro contra à cultura da laicidade pétrea na impostura das identidades religiosas do Brasil, dos quais formaram as identidades do colonizado seiscentista até os tempos hodiernos, domesticando-os nas esferas públicas, principalmente.

Desta feita, finalizamos o presente capítulo/ensaio sobre a laicidade, o Estado laico e a religiosidade brasileira através de uma pergunta, a saber: se somos laicos (em esfera legislativa), e havendo manifestações estéticas a favor dessa laicidade (como o cancionero da MPB), o espírito Barroco (esse estilo seminal em nossa “carga genética”) não seria a causa (etiologia) da nossa identidade colonizada, não nos obrigando a uma decolonização, devido à sua existência fundante e admoestadora em nosso DNA histórico?

⁷ Com o sentido de existência do ser.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Mario. **Macunaíma**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos. São Paulo: Secretaria de Cultura, Ciência e Tecnologia, 1978.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Disponível em: <https://is.gd/10DZz5>. Acesso em: 20 nov. 2024.

DE FIGUEIREDO ANGELO, Rosana. Reflexões sobre o conceito e algumas teorias clássicas do Barroco. **Linguagens nas artes**, [S. l.], v. 2, n. 2, p. 07–14, 2022. Disponível em: <<https://is.gd/610yWF>>. Acesso em: 25 nov. 2024.

DELEUZE, Gilles. **A dobra**: Leibniz e o barroco. Campinas, SP: Papirus, 2012.

DICIONÁRIO. **Dicionário Priberam da Língua Portuguesa**. 2008-2024.

Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/laico>. Acesso em: 19 nov. 2024.

CHIAMPI, Irlemar. **Barroco e modernidade**: ensaios sobre literatura latino-americana. São Paulo: Perspectiva, 2010.

HOLANDA, Chico Buarque de. **Texto sobre as canções, o teatro e a ficção de um artista brasileiro**. Rio de Janeiro: Garamond/Fundação Biblioteca Nacional, 2004.

MARX, Méllinda; GASPARD, Jean-Luc. O barroco como estética do inconsciente: o estilo do clínico no espaço do corpo. Trad. Paulo Beer. **Lacuna: uma revista de psicanálise**, São Paulo, n. -11, p. 6, 2021. Disponível em: <<https://revistalacuna.com/2021/07/19/n-11-06/>>. Acesso em: 23 jan. 2025.

MAURANO, Denise. **A face oculta do amor**: a tragédia à luz da psicanálise. Rio de Janeiro, RJ/Juiz de Fora, MG: Imago/Editora UFJF, 2001.

MAURANO, Denise. **A transferência**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006. (Coleção Psicanálise – Passo a Passo).

MAURANO, Denise. **Torções**: a psicanálise, o barroco e o Brasil. Curitiba, PR: CRV, 2011.

OLIVEIRA, Simone Bittencourt de. **O amanhã**. Youtube: Disponível em <<https://is.gd/gNbNVR>>. Acesso em: 22 fev. 2025.

PLATÃO, **República**. Tradução Maria Helena da Rocha Pereira. 9 ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

REGINA, Elis. **Transversal do Tempo**. Rio de Janeiro: Philips/Polygram, CD 838 285-2. 1978.

VANDRÉ, Geraldo. **Pra não dizer que não falei de flores** (ao vivo). Intérprete: Geraldo Vandré. In: III FESTIVAL Internacional Da Canção Popular. Rio de Janeiro: Som Maior, 1968.

SOBRE O ORGANIZADOR

CLEBER BIANCHESI

Doutor em Educação e Novas Tecnologias (UNINTER). Mestre em Educação e Novas Tecnologias (UNINTER). Especialização em Mídias Integradas na Educação (UFPR); Especialização em Gestão Pública (UFPR); Especialização em Desenvolvimento Gerencial (FAE Business School); Especialização em Interdisciplinaridade na Educação Básica (IBPEX); Especialização em Saúde para Professores do Ensino Fundamental e Médio (UFPR). Graduação em Administração de Empresas (UNICESUMAR). Graduação em Filosofia (PUC-PR), Sociologia (PUC-PR) e História (PUC-PR).

E-mail: cleberbian@yahoo.com.br

ÍNDICE REMISSIVO

A

admoestação 111–113
aforismo 107
alteridade 26
alunos surdos 7, 9, 11, 13,
15–16
antropofagia 31
arqueogenológico 113
autóctones 111–112
autonomia 11–12, 16, 25,
39, 44, 46–47

B

barroco 5–6, 105, 111–114

C

catequização 111–112
cinesia 111
colonização 60, 111, 113
compreensão leitora 10
comunhão 92–93, 98–99,
102
conceitual 105, 112
confessionalismo 50
corpo e linguagem 25
crucifixos 110
cultura surda 13–15, 18
currículo 45

D

decolonização 113
dependência 25, 69–70, 91
desconstrução 20, 29, 44
desigualdade 64, 66, 68,
71–72, 98–99
discursos 19–21, 27–28, 31,
33, 39, 45
divindade 113
documentação 13

E

educação bilíngue 7, 13, 16
educação bilíngue inclusiva
16
efetividade 113

enunciação 32
existência 13, 25, 51, 60,
90, 97, 113
experiência surda 9
expressões visuais 11

F

fidelidade 13
filigranas 105
formação do imaginário
12, 39

I

implementação 16
interdisciplinar 5, 7, 10, 13,
15–16
interpretação 10, 13, 22–25,
37, 43, 69–70, 92
intérprete de Libras 12
introspecção 47

L

laicidade 105, 108–111, 113
leitura inclusiva 8, 10
Libras 8–9, 11–18
lirismo 47, 112
literatura surda 11–17
literatura visual 13

M

matriz 79
metanarrativa 36–41, 43–46
metodologia 8–9, 17, 35,
64, 74, 91, 93
missão 95, 99, 101, 103
modernidade 33, 61, 114
movimento 24, 31, 40, 55,
63, 81, 95, 105, 109–113

N

narrador 15, 45–46, 87

narrativa 10, 12–15, 23,
35–38, 40–42, 45–46, 76,
84, 87, 106

O

opressão 71
ordenamento 110

P

paradoxo 71, 111, 113
participação 78, 84–85,
98–101
pastoral 5–6, 89–104
pedagogia visual 7, 9, 16
protagonismo 65
psicanálise 5–6, 34, 49, 52,
61, 114

R

referenciais 103
religiosidade 107–108,
112–113
representação 6, 12, 19, 21,
24, 26–29, 33, 52, 57
ressignificação 12, 31, 33

S

saberes 5
sagrado 23, 96, 108, 110,
112–113
secularização 109
sexualidade 54, 57, 61,
64, 73
subjetividade 36, 41–42,
52–53, 60
sujeito surdo 12, 17

T

textos literários em sinais
12
trindade 5–6, 89–90,
92–93, 95–99, 101–103

V

visualidade 8, 12, 14, 16
vivência 41–42, 47, 99
voluntariado 92, 95



Este livro foi composto pela Editora Bagai.



www.editorabagai.com.br



[/editorabagai](https://www.facebook.com/editorabagai)



[/editorabagai](https://www.instagram.com/editorabagai)



contato@editorabagai.com.br